

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MARINGÁ
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS (MESTRADO E DOUTORADO)

GREICY JULIANA MOREIRA

**COLCHA DE RETALHOS: ENTRELAÇOS DE VIDAS DE MULHERES
EMPREENDEDORAS**

MARINGÁ
2019

GREICY JULIANA MOREIRA

**COLCHA DE RETALHOS: ENTRELAÇOS DE VIDAS DE MULHERES
EMPREENDEDORAS**

Dissertação apresentada à Universidade Estadual de Maringá, como requisito parcial para a obtenção do grau de Mestre em Letras, área de concentração: Teoria do Texto e do Discurso.

Orientadora: Profa. Dra. Dulce Elena Coelho Barros.

MARINGÁ
2019

GREICY JULIANA MOREIRA

**COLCHA DE RETALHOS: ENTRELAÇOS DE VIDAS DE MULHERES
EMPREENDEDORAS**

Dissertação apresentada à Universidade Estadual de Maringá, como requisito parcial para a obtenção do grau de Mestre em Letras, área de concentração: Teoria do Texto e do Discurso.

Aprovada em:

BANCA EXAMINADORA

Profa. Dra. Dulce Elena Coelho Barros – UEM/PLE
Presidente

Profa. Dra. Alba Krishna Topan Feldman – UEM/PLE
Membro do Corpo Docente

Profa. Dra. Ana Paula Peron – UNESPAR *campus* Apucarana
Membro Convidado

Dedico a vocês:
Meu filho Gabriel e meu esposo Cristiano,
Mãe e avós maternos.

AGRADECIMENTOS

A Deus, por permitir que eu conseguisse trilhar esse caminho.

Agradeço de modo especial às atrizes sociais que participaram das entrevistas.

À minha querida orientadora, Professora Doutora Dulce Elena Coelho Barros, por seu apoio, compreensão, paciência e cumplicidade. Foi pelo seu incentivo e dedicação que esse sonho tornou-se realidade. Muito obrigada!

Às Professoras Doutoras Alba Krishna Topan Feldman e Ana Paula Peron pelas ricas sugestões e contribuições durante o Exame de Qualificação, que foram de grande importância para a conclusão deste trabalho.

Ao corpo docente e funcionários do Programa de Pós-Graduação em Letras – PLE/UEM.

À equipe de profissionais do SENAC pelo apoio e contribuições.

À minha família pelo incentivo em todos os momentos.

Aos meus amigos e colegas por compartilharem comigo seus conhecimentos e por trocarem experiências, colaborando significativamente para a realização dessa pesquisa.

A todas as pessoas, não mencionadas, que contribuíram para realização e concretização deste sonho. Muito obrigada!

COLCHA DE RETALHOS: ENTRELAÇOS DE VIDAS DE MULHERES EMPREENDEDORAS

RESUMO

Este estudo apresenta os resultados de uma pesquisa social científica realizada com sete atrizes sociais. As variáveis para escolha desse público são: gestoras das cooperativas de reciclagem, filiadas à Prefeitura Municipal de Maringá. A análise linguístico-discursiva, de cunho qualitativo, teve o propósito de investigar o universo da mulher gestora, empreendedora e arrimo de família, verificar como ela entende-se como profissional, e ainda compreender quais são as maiores dificuldades apresentadas no contexto profissional X pessoal. Para tanto, foi utilizada como instrumento de análise a entrevista narrativa semi-estruturada. Essa pesquisa foi desenvolvida à luz da Análise Crítica do Discurso, balizada nas vertentes empreendidas por Fairclough (2001), van Dijk (2012), Halliday (1976) e demais autores, que desenvolvem estudos sobre análise discursiva de cunho social, ou seja, consideram essencial para a análise crítica o contexto a partir do qual o discurso se materializa. Desse modo, a partir das análises, podemos inferir que as atrizes sociais estão sobrecarregadas por desenvolverem duplas jornadas. Contudo, manifestaram orgulho por estarem inseridas no mundo do trabalho e, sobretudo, na função de gestoras. Além disso, segundo elas, manter a casa financeiramente é difícil, porém consideram como uma conquista feminina. Nesse sentido, observa-se que elas são vítimas de discursos que as apontam como super-mulheres. Assim, pretendemos, à luz dessa pesquisa, colaborar com informações valiosas para as demais pesquisas sobre o contexto da mulher multitarefada, ampliando as discussões sobre o assunto com intuito que haja mudança de visão relacionadas o papel da mulher na sociedade.

Palavras-chave: Mulher empreendedora. Multitarefada. Múltiplas Identidades.

PATCHWORK QUILT: INTERTWINING OF ENTREPRENEURIAL WOMEN'S LIVES

ABSTRACT

This study presents the results of a scientific social research conducted with seven social actors. The variables for choosing this public are managers of recycling cooperatives, affiliated to the Maringá Township. The qualitative linguistic-discursive analysis intended to investigate the universe of women managers, entrepreneurs and breadwinners, to verify how she understands herself as a professional, and to understand what the major difficulties presented in the professional context X folks. To this end, the semi-structured narrative interview used as an analysis tool. This research developed in the light of Critical Discourse Analysis, based on the approaches undertaken by Fairclough (2001), van Dijk (2012), Halliday (1976) and other authors, who develop studies on discursive analysis of social nature, that is, consider it essential. For critical analysis, the context from which the discourse materializes. Then, from the analysis, we can infer that social actors overwhelmed by developing double journeys. However, they expressed pride in inserted in the world of work and especially in the role of managers. In addition, according to them, keeping the house financially is difficult, but consider it as a female achievement. In this sense, observed that they are victims of discourses that point them as super women. Therefore, in the light of this research, we intend to contribute valuable information to other research on the context of multitasking women, broadening the discussions on the subject in order to change the view on the role of women in society.

Keywords: Woman Entrepreneur. Multitasking. Multiple Identities.

LISTA DE FIGURAS

FIGURA 1 - TRÊS MODOS DE SE ENTENDER O DISCURSO COMO PRÁTICA.....	24
FIGURA 2 - ESTRATIFICAÇÃO	29
FIGURA 3 - DIMENSÕES SOCIAIS, DISCURSIVAS E LINGUÍSTICAS	36
FIGURA 4 - ESQUEMA METODOLÓGICO DE ANÁLISE: DA PRÁTICA DISCURSIVA AO FUNCIONAMENTO DAS ESTRUTURAS SOCIAIS	68
FIGURA 5- CONTEXTO PESSOAL DA MULHER	80
FIGURA 6 - CONTEXTO FAMILIAR	85
FIGURA 7 - CONTEXTO DA MULHER PROFISSIONAL.....	89
FIGURA 8 - MULHER MULTITAREFADA	93
FIGURA 9 - EMPREENDIMENTO	94
FIGURA 10 - CATEGORIA DE REALIZAÇÃO PESSOAL.....	104
FIGURA 11 - CATEGORIA DO PODER	104
FIGURA 12 - CATEGORIA DO PLANEJAMENTO.....	105

LISTA DE QUADROS

QUADRO 1 - EFEITOS DO DISCURSO SOBRE O CORPO SOCIAL E METAFUNÇÕES DA LINGUAGEM	37
QUADRO 2 - PERSPECTIVA DE PESQUISA NA PESQUISA QUALITATIVA.....	66
QUADRO 3 - EIXOS TEMÁTICOS	72

Sumário

INTRODUÇÃO	12
CAPÍTULO 1. RECORTANDO O EMBASAMENTO TEÓRICO-METODOLÓGICO	18
1.1 Separando os tecidos e os fios: da linguística saussureana à ACD faircloughiana	18
1.2 Entrelaçando fios em prol de uma análise do discurso linguisticamente orientada	21
1.3 Tecendo a face linguística da ACD: a Linguística Sistêmico-Funcional	26
1.4 Tecendo a multidisciplinaridade da ACD: o Realismo Crítico em foco	32
1.5 Atual abordagem da Análise Crítica do Discurso	34
1.5.1 Modelo Tridimensional de Análise	35
1.5.2 ACD com foco no momento discursivo das práticas sociais.....	41
CAPÍTULO 2. ALINHAVANDO O CONTEXTO SÓCIO-HISTÓRICO DAS ATRIZES SOCIAIS	45
2.2 Tecendo o perfil da mulher empreendedora	49
2.3 Modelando o papel da mulher no mundo do trabalho: ascensão e participação	56
2.4 Identidades sociais e identidades de gênero	60
CAPÍTULO 3. MOLDANDO A PESQUISA	64
3.1 A escolha do método de costura	64
3.2 Aplicação dos retalhos metodológicos e instrumentos de coletas dos dados	68
3.3 Temas discutidos nas narrativas de vida	72
CAPÍTULO 4. ARREMATANDO OS DISCURSOS	73
4.1 Análise e interpretação das narrativas de vida.....	73
4.2.1 Eixo 1 - Contexto Pessoal da Mulher	74
4.2.2 Eixo 2 - Contexto Familiar	80
4.2.3 Eixo 3 - Contexto da Mulher Profissional	86
4.2.4 Eixo 4 - Mulher Multitarefada.....	90
4.2.5 Eixo 5 - Empreendimento	93
4.2.6 Eixo 6 - A mulher empreendedora/gestora	95
	10

CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	106
REFERÊNCIAS	110
APÊNDICE A - ROTEIRO PESQUISA NARRATIVA.....	118

INTRODUÇÃO

No século XX, assistimos à ascensão e consolidação do sistema capitalista. Nas últimas décadas desse século e início do século XXI, como consequência da combinação de fatores econômicos, sociais e culturais, houve um crescimento significativo da presença feminina no mundo do trabalho. De acordo com uma pesquisa publicada pelo IBGE (2019), o número de mulheres em atividades formais, no Brasil, aumentou 1,4 milhão entre 2012 e 2018.

Essa situação resultou em uma mudança do perfil social da mulher, pois ela transcendeu as barreiras do lar, parou de realizar somente aquela função de dona de casa não remunerada, sem valorização social, que fora tradicionalmente atribuída à ela, e assumiu o papel de mulher profissional. Essa é uma conquista almejada há tempos e defendida pelos movimentos feministas que lutam por direitos civis, políticos e trabalhistas das mulheres. Contudo, como resultado, a mulher acumulou funções e jornadas de trabalho, ficando multitarefa.

O suplemento “Outras Formas de Trabalho”, da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua (PNAD), divulgado pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), no decorrente ano, aponta que as mulheres, em 2019, dedicaram 8,2 horas a mais por semana com atividades domésticas que os homens, após exercerem mais ou menos 8 horas diárias de atividades profissionais. Além disso, ainda ganham 20,5% menos que os homens no Brasil. Os resultados da pesquisa apontam ainda que esse cenário acontece porque a mulher trabalha, em média, 4h48min semanais a menos do que os homens. Contudo essa média considera apenas as atividades desenvolvidas no ambiente profissional, ou seja, para essa pesquisa não foram consideradas as horas totais de trabalho da mulher multitarefa (empresa/casa/família).

A participação feminina na gestão empresarial no século XXI está em ascensão, com um crescimento global de pelo menos 5 pontos percentuais comparado ao ano de 2018, ou seja, 87% das empresas globais afirmaram ter pelo menos uma mulher em cargos de liderança. Esses dados foram apontados pela 15ª edição da *International Business Report*¹(IBR) – *Women in Business*, 2019, realizado pela Grant Thornton². De acordo com o

¹ Relatório sobre diversidade de gênero em cargos de liderança, realizado há 15 anos com milhares de empresas globais ao redor do mundo.

estudo, no Brasil, 93% das empresas afirmaram que possuem mulheres na liderança (na pesquisa realizada por essa mesma empresa, no ano anterior, o percentual era de 61%). Assim, o país empatado com os EUA ficou em décimo lugar no Top10, de acordo com a classificação da pesquisa. A Índia lidera a lista com 99% das empresas afirmando que tem pelo menos uma mulher nos cargos de chefia e liderança. De acordo com Carolina de Oliveira, diretora de Inovação, Marketing e Novos Negócios da Grant Thornton, esse crescimento está relacionado à preocupação das empresas em promover igualdade de oportunidades e a criação de uma cultura inclusiva e flexível. Porém, ela afirma também que estamos longe da conquista da paridade de gênero. Outro fator relevante apontado no estudo em questão refere-se aos discursos das empresas ao afirmarem que, dentre as barreiras para contratações femininas nos cargos de liderança, estão o acúmulo de atividades fora do trabalho e a falta de recursos financeiros para investimento em educação e desenvolvimento pessoal.

Consoante a esse panorama de crescimento da mulher em cargos de liderança, no Brasil, o segmento de cooperativas de reciclagem tem uma alta representatividade feminina nos cargos de gestão. Ali elas são protagonistas: cerca de 70% do universo dessa categoria é formado por mulheres e os cargos de gestão são delas, de acordo com o levantamento repassado pelo Movimento Nacional dos Catadores de Materiais Recicláveis (MNCR), 2016.

Considerando, portanto, esse cenário de ascensão da mulher no mundo do trabalho, houve um interesse em averiguar esse tema da mulher profissional que desenvolve multitarefas.

A escolha do tecido para a confecção da colcha surgiu entre os anos de 2015 e 2016, quando fiz uma pós-graduação intitulada “Educador Empreendedor”, uma parceria do Sebrae e da Puc-Rj. Durante o curso, um estudo sobre o empoderamento feminino, mais especificamente sobre a mulher empreendedora multitarefada e mantenedora financeira do lar, despertou meu interesse. Isso porque começa a se revelar em mim uma consciência crítica de que existem fatores diversos que contribuem para o exercício dessa multiplicidade de funções: por exemplo, a situação socioeconômica, que faz com que os sujeitos sociais femininos tenham necessidade de trabalhar para sustentar a família, considerando-se o alto índice de mulheres que sustentam sozinhas os lares brasileiros, a luta por empoderamento via ascensão na posição social ocupada e a necessidade manifestada pela mulher em ser aceita como

² Refere-se à marca sob a qual as empresas membro da Grant Thornton fornecem serviços de auditoria, tributos e consultoria aos seus clientes. Grant Thornton Brasil é uma empresa membro da Grant Thornton International Ltda.

profissional de destaque no mercado diante da desvalorização social que recai sobre ela quando comparada ao gênero masculino.

Corroboram com essas temáticas as conclusões da Nota Técnica: “Mulheres e trabalho: breve análise do período 2004-2014”, publicada pelo Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada – IPEA, em março de 2016. Nessa nota, afirma-se: “muito há que se dizer sobre as desigualdades entre homens e mulheres neste espaço tão valorizado nas sociedades capitalistas contemporâneas”. Nesse sentido, a publicação ressalta a necessidade de se investigar a ascensão da mulher empreendedora com o intuito de minimizar os problemas sociais enfrentados por ela nesse espaço.

Além disso, identifiquei-me com a temática da mulher multifuncional porque trabalho desde os quinze anos e, como elas, sempre cumpri dupla e/ou tripla jornada para conseguir alcançar meus objetivos. Nesse sentido, entendo as dificuldades encontradas por esse universo de mulheres que desempenham diversas funções, muitas vezes sem o devido reconhecimento.

Outro fator que chamou minha atenção durante os estudos sobre empreendedorismo foi descobrir a mulher como protagonista de cooperativas de reciclagem, favorecendo a ascensão do empoderamento feminino. Estudos realizados pelo Movimento Nacional dos Catadores de Materiais Recicláveis (MNCR)³, em 2016, revelaram uma representatividade significativa da mulher em cooperativas de materiais recicláveis, no Brasil. De acordo com dados estatísticos publicados a partir de pesquisas realizadas por um dos maiores programas voltados para a categoria, o Cataforte⁴ III, a mulher é maioria nesse universo, cerca de 70%, e muitas delas ocupam cargos de gestoras. Para Roberto Rocha, um dos coordenadores do MNCR, “As mulheres são maioria, é um consenso. E são fundamentais nesse processo de trabalho” (CEADGEC, 2016, online). Rita de Cássia Gonçalves Viana, coordenadora do Escritório Nacional do Cataforte, diz que elas são maioria e não se intimidam frente às dificuldades encontradas: “E mais, desmitificam a máxima popular que assinala a mulher como sendo o sexo frágil” (CEADGEC, 2016, online).

³ Movimento social que há cerca de 16 anos vem organizando os catadores e catadoras de materiais recicláveis pelo Brasil afora. Tem por objetivo garantir o protagonismo popular da classe, que é oprimida pelas estruturas do sistema social, bem como garantir a independência de classe, que dispensa a fala de partidos políticos, governos e empresários.

⁴ O projeto tem como objetivo principal estruturar tecnicamente e fortalecer 33 redes de empreendimentos de catadores e catadoras de materiais recicláveis, possibilitando avanços nos elos da cadeia de valor, inserção e/ou potencialização dos empreendimentos/redes de cooperação no mercado da reciclagem, com melhorias no processo produtivo, no fortalecimento da autogestão dos empreendimentos, qualificação da comercialização em rede e inter redes e contratação para prestação de serviços de coleta seletiva, realização de serviços de logística reversa e outras oportunidades negociais. Atualmente, está presente no DF e em mais 13 estados brasileiros.

No entanto, é cabível pensar que a construção da identidade social da mulher possui uma gênese estritamente política e econômica, uma vez que seu papel se fundamenta em uma matriz na qual homem e mulher se distinguem por intermédio da divisão do trabalho e da produção de capital. No transcorrer dos estudos antropológicos sobre a família, será no trabalho de Engels que se verificará a fragilidade do argumento fundamentado na suposta fragilidade do corpo feminino como modo de opressão a mulher. Essa concepção, segundo Engels, nada mais é do que o usufruto das necessidades de domínio das relações sociais “que se assentavam na divisão e na exploração de uns pelos outros” (TOLEDO, 2008, p. 29).

Outro fator de destaque na construção dessa identidade feminina é que elas desenvolvem atividades profissionais em um ambiente de vulnerabilidade e exclusão social, pois retiram dos recicláveis, considerado por outras classes sociais como lixo, o recurso financeiro familiar. Soma-se a isso o fato de muitas delas, maioria pardas ou negras, em seus discursos, não se identificarem como profissionais, minimizando sua posição social.

As catadoras, em muitos casos arrimos de família, são verdadeiras lideranças comunitárias que agregam, conciliam e organizam outros trabalhadores em seu entorno. A função de administradora familiar vai ao encontro com a necessidade das organizações autogestionárias (cooperativas e associações) que hoje vem sendo incluídas formalmente nas políticas públicas e fomentadas pelos Governos. É recorrente a atuação das mulheres do trabalho de triagem e classificação dos materiais, trabalho que é considerado núcleo principal do processo produtivo das organizações de catadores, por isso também é a função que recebe maior pressão interna dentro do empreendimento, além de ser uma atividade pouco valorizada frente a funções consideradas “mais pesadas” como a operação de maquinário, deslocamento, carregamento e transporte de materiais funções considerados masculinas. É recorrente observar o trabalho feminino sendo pago com valores inferiores aos dos homens. (MCNR, 2016, *online*).

Consoante a esse cenário, na cidade de Maringá, existem seis cooperativas de reciclagem de lixo filiadas à Prefeitura Municipal e todas elas são geridas por mulheres. Considerando essa forte representatividade da mulher como gestora de cooperativas, decidi realizar esse trabalho com as seis atrizes⁵ sociais das cooperativas, ambientadas na cidade de Maringá, gestoras e mantenedoras do lar financeiramente, para atuarem como coadjuvantes dessa pesquisa.

Nesse sentido, é nesse contexto social de mulher empreendedora multitarefada, que a presente pesquisa objetiva conhecer mais especificamente o universo feminino de sete⁶ atrizes

⁵ O termo “atrizes” foi utilizado para designar as mulheres, que são as protagonistas desta colcha de retalhos.

⁶ Sete atrizes sociais que estão na gestão de seis cooperativas de reciclagem filiadas à Prefeitura de Maringá. Duas atrizes dividem a gestão de uma mesma cooperativa.

sociais: gestoras, à frente de seis cooperativas de reciclagem, que são arrimos de família. O interesse por essas atrizes justifica-se porque, em Maringá, também existe alta inserção da mulher nos cargos de liderança nas cooperativas, visto que todas as filiadas à Prefeitura Municipal são geridas especificamente por mulheres. Para tanto, será investigado como é construída e representada a identidade social da mulher empreendedora, multitarefada arrimo de família e, por fim será identificada e analisada a existência de ideologias e crenças nos discursos dessas atrizes. Assim, almeja-se descobrir novos sentidos e significados na constituição e representação dessas atrizes.

Portanto, a proposta deste trabalho é de grande relevância, pois busca averiguar a construção e representação da identidade discursiva/social da mulher de múltiplas funções, gestora e arrimo de família, podendo contribuir para melhor entendimento das dificuldades encontradas pelas mulheres nesse âmbito, além de colaborar com os resultados da pesquisa para a formulação de políticas públicas em prol desse universo vulnerabilizado.

Assim sendo, mesmo havendo várias pesquisas e literaturas de muitos autores renomados, os quais compartilham dos estudos sobre o universo feminino como objeto de estudo e realizam investigações sobre as relações entre linguagem, gênero e poder, não existe, no entanto, publicações semelhantes ao recorte do *corpus* delimitado, publicados nos periódicos da CAPES.

Dessa forma, com o intuito de colaborar com os objetivos propostos, a presente pesquisa está amparada nos pressupostos teóricos e metodológicos de uma teoria crítica da linguagem. Assim, será desenvolvida à luz da Análise Crítica do Discurso, balizada nas vertentes empreendidas por Fairclough (2001, 2003), Halliday (1994), em especial sobre os estudos da Linguística Sistêmico Funcional, e demais autores que desenvolvem estudos sobre análise discursiva de cunho social, ou seja, que consideram essencial para a análise crítica o contexto a partir do qual o discurso se materializa.

Portanto, o estudo linguístico-discursivo aqui sugerido corrobora com os anseios teóricos, metodológicos e analíticos da ACD⁷, pois, ao estudar esses processos discursivos e divulgar a pesquisa, contribuirei, efetivamente, como interventora social. Ou seja, a pesquisa pode colaborar como instrumento político para formulação de ações e políticas públicas em prol do universo feminino, auxiliando na diminuição das diferenças de gênero e promovendo melhorias sociais, com destaque para as mulheres em contexto vulnerável, melhorando suas

⁷ A denominação Análise Crítica do Discurso (ACD) é preferida por pesquisadores que aderem à designação espanhola *Análisis Crítico del Discurso*. A denominação Análise do Discurso Crítica (ADC) é preferida por pesquisadores que aderem à designação inglesa *Critical Discourse Analysis*.

condições de vida. Para tanto, após a conclusão do trabalho, pretendo desenvolver ações que favoreçam essas atrizes sociais.

No capítulo I (um), apresento um recorte sobre o embasamento teórico-metodológico, que foi dividido em cinco seções: Separando os tecidos e os fios: da linguística saussureana à AD faircloughiana; Entrelaçando fios em prol de uma análise do discurso linguisticamente orientada; Tecendo a face linguística da ACD: a Linguística Sistêmico-Funcional; Tecendo a multidisciplinaridade da ACD: o Realismo Crítico em foco. Por último, o atual enquadre da ACD, que foi subdividido em dois eixos: Modelo Tridimensional de Análise e ACD com foco no momento discursivo das práticas sociais.

No capítulo II (dois), alinhavo o contexto sócio-histórico das atrizes sociais e subdividi esse capítulo em três seções: Costurando o empreendedorismo feminino; Tecendo o perfil da mulher empreendedora; Modelando o papel da mulher no mundo do trabalho: ascensão e participação; e por último Modelando as identidade sociais e os estudos sobre gênero e intersecção com os aspectos sociais.

No capítulo III (três), denominado “Moldando a pesquisa”, apresento o método de pesquisa e os instrumentos utilizados para a composição do *corpus*. Para um melhor entendimento, esse capítulo foi subdividido em duas seções: a escolha do método de costura; e a aplicação dos retalhos metodológicos e instrumentos de coletas dos dados.

No capítulo IV (quatro), intitulado de “Arrematando os discursos das atrizes sociais”, apresento análises e interpretações dos dados, contemplando os resultados e reflexões sobre o problema investigado.

Portanto, amparada nos aportes teóricos e metodológicos da Análise Crítica do Discurso, esse processo teórico-analítico possibilitará acesso aos discursos das atrizes sociais gestoras, multitarefadas e arrimos de famílias. Nesse sentido, a partir das análises e interpretações dos dados conhecer o contexto e o processo socioideológico e identitário que as envolvem.

Para tanto, a seguir, apresento os capítulos e as considerações que fazem parte do nosso estudo, discorrendo sobre fundamentação teórica, as contextualizações, os procedimentos metodológicos, a análise e reflexões citadas em nossa apresentação.

CAPÍTULO 1. RECORTANDO O EMBASAMENTO TEÓRICO-METODOLÓGICO

A Análise Crítica do Discurso (ACD) balizada, primordialmente, sob os escopos teóricos de Fairclough (2001) e van Dijk (2001, 2008), defende o momento discursivo das práticas sociais. Assim, com o intuito de situar o modelo teórico-metodológico adotado para levar a cabo esta pesquisa, faço uma revisão bibliográfica recortando os vieses que constituem os percursos da ACD, bem como, os seus diálogos e intersecções com outras abordagens linguísticas que lhe servem de tecido propício à confecção de um campo de estudos do discurso que visa a emancipação e mudança social das mulheres multitarefadas, em especial as atrizes da presente pesquisa.

1.1 SEPARANDO OS TECIDOS E OS FIOS: DA LINGUÍSTICA SAUSSUREANA À ACD FAIRCLOUGHIANA

Ao longo do tempo, os estudos linguísticos evoluíram de tal forma que, a partir de Ferdinand Saussure, estudar a linguagem deixou de ser mera especulação. Com o advento da ciência linguística propriamente dita, novas descobertas sobre os fenômenos que envolvem a produção situada da linguagem contribuíram efetivamente para o surgimento da Linguística Crítica (LC), cujos objetivos se coadunam com aqueles da sociologia crítica tendo, portanto, como base, a escola de Frankfurt.

Enquanto linguista e estudiosa da linguagem, posso afirmar que até mais ou menos a década de 60 o conjunto dos fios que atravessam a urdidura do tecido das concepções de linguagem estavam presentes na então considerada Linguística Moderna. Nesse momento, o Formalismo⁸, no qual estavam inclusos os pressupostos teóricos estruturalistas de Ferdinand de Saussure (2006), bem como os do Gerativismo de Chomsky (2000).

Há mais de um século, as concepções saussurianas contribuíram efetivamente para o reconhecimento da Linguística como ciência, ampliando o conceito de língua, abrindo e deixando em aberto caminhos e possibilidades de estudos linguísticos mais abrangentes e novas teorias, inclusive aquela a partir da qual assenta-se este estudo. Saussure (2006) propunha a língua (*langue*) enquanto objeto de estudos da linguagem, entendida como um sistema formal e abstrato de signos linguísticos. Já a *parole* (fala) ao contrário da *langue*, de acordo com o referido autor, se constitui de atos individuais, e, por isso, torna-se múltipla,

⁸ Estudo das formas linguísticas, o qual vê a língua como um sistema autônomo, cuja estrutura seja livre de seu uso em situações comunicativas.

imprevisível, irredutível a uma sistematização. Portanto, o objetivo de Saussure era descrever a funcionalidade interna do sistema linguístico via método descritivo de tratamento dos dados, seguindo uma tendência positivista constatada em outras áreas do conhecimento científico.

Em meados de 50, nos Estados Unidos, surgiu uma nova teoria linguística, ou seja, um novo paradigma, proposto por Noam Chomsky (2000) e denominado como Gerativismo. Para esse campo da linguística a língua é vista como um fenômeno mental, ou seja, um sistema formal de regras, derivados de uma herança linguística genética comum da espécie humana. Tinha como objetivo descrever e explicar a estrutura sintática de uma suposta gramática universal. Por meio de método indutivo-explicativo, visava mostrar que a competência linguística dos falantes seria de natureza universal e oriunda da mente humana. Este e outros pesquisadores não compreendiam as línguas como fenômenos históricos, nem mesmo como instrumentos sociais, uma vez que se preocupavam com a cientificidade e, nesse sentido, seu objeto de estudo eram as formas linguísticas mínimas ou as frases/orações, o que lhes permitia análises minuciosas de unidades gramaticais.

Em 1969, Michel Pêcheux despontou com o surgimento da sua primeira obra *Análise Automática do Discurso*, considerada como marco para o início da teoria do Discurso. Nesse sentido, de acordo com Pêcheux (1997) o foco da AD francesa, desde o início, foi contrapor ideias, afastando-se do formalismo, do conteudismo e de uma concepção de linguagem centrada no código ou nas estruturas das línguas. Salta aos olhos, portanto, uma ruptura deliberada com os pressupostos de Saussure e Chomsky.

A proposta do filósofo francês Michel Pêcheux focaliza, nesse momento, a questão do sentido da história e da ideologia como fundamentais para a compreensão da linguagem, pois, para ele, os acontecimentos se dão no mundo e não fora dele. Assim, a partir da concepção filosófica do referido autor a linguagem é constituída pela história. Além disso, coloca em voga a questão do sujeito e da ideologia, pois o discurso, efeito de sentido entre os interlocutores, depende do lugar social e da posição assumida pelo sujeito e ainda, as condições de produção.

Somando-se a esses estudos, contribuiu para a ascensão do funcionalismo, em 1973, a publicação do artigo denominado *The Functional Basis of Language*, pelo linguista britânico Michael Halliday, precursor para a publicação, em 1985, da primeira gramática sistêmico-funcional, *An Introduction to Functional Grammar*. A partir disso, linguagem e sociedade passam a ser considerados aspectos indissociáveis na reflexão acerca do funcionamento da língua frente ao corpo social. Dentre as vertentes teóricas que, posteriormente, se propuseram a considerar as relações existentes entre as estruturas linguísticas os aspectos sociais, destaco

a Análise Crítica do Discurso (ACD), uma abordagem que ganhou forma a partir da década de 1990 e que associa a análise de textos a uma teoria social do funcionamento da língua em processos ideológicos e políticos. Após alguns avanços, e sendo alcançado o entendimento de que o texto, cuja arquitetura escapa ao que é puramente linguístico, é uma unidade complexa por meio da qual nos comunicamos e interagimos, estudiosos e pesquisadores voltaram seus olhares para o discurso e, por conseguinte, à sua relação com a sociedade.

Ainda na década de 70, mais precisamente em 1979, os anseios em torno do fenômeno dos estudos da linguagem e da sociedade deram espaço para o despontar da Linguística Crítica (LC), no Reino Unido, quando os pesquisadores Roger Fowler, Gunther Kress, Bob Hodge e Tony Trew publicaram o livro *Language and Control*. Outra obra que contribuiu efetivamente para marcar o início desse novo campo teórico foi *Language and Ideology*, publicada por Kress e Hodge, no mesmo ano. A LC nasceu como uma linguística instrumental, baseada nos pressupostos de Halliday, com o objetivo de investigar as conexões entre questões sociais, linguísticas e ideológicas, pois Wodak (2006) assevera que estrutura linguística e social são interligadas, de modo que o discurso não existe sem os aspectos sociais. Já o termo “crítica” que caracteriza esse campo linguístico teve influência a partir das acepções da Escola de Frankfurt⁹. Para Wodak (2004, p. 234) “basicamente, a noção de ‘crítica’ significa distanciar-se dos dados, situar os dados no social, adotar uma posição política de forma explícita, e focalizar a auto-reflexão, como compete a estudiosos que estão fazendo pesquisa”. A interpretação de Van Dijk para a compreensão do termo crítica completa os dizeres de Wodak:

Ao invés de focalizar problemas puramente acadêmicos ou teóricos, a ciência crítica toma como ponto de partida problemas sociais vigentes, e assim adota o ponto de vista dos que sofrem mais, e analisa de forma crítica os que estão no poder, os que são responsáveis, e os que dispõem de meios e oportunidades para resolver tais problemas (DIJK, 1986, p. 4).

No livro *Methods for Critical Discourse Analysis*, Wodak e Meyer (2009) discorreram sobre as características norteadoras para as análises de discurso críticas:

⁹ Escola ou teoria social, organizada no final da década de 20, na Alemanha, por um grupo de filósofos e cientistas sociais, marxistas, com o propósito de disseminar a Teoria Crítica da Sociedade. Os principais integrantes foram: Theodor Adorno, Max Horkheimer, Walter Benjamin, Herbert Marcuse, Leo Löwenthal, Erich Fromm, Jürgen Habermas.

- Investigar problemas de ordem sócio-discursiva construídos pela linguagem, como por exemplo, desigualdade social, discriminação racial, discursos políticos;
- Realizar a interdisciplinaridade com diversos campos científicos com o intuito de desvendar a conexão entre linguagem e sociedade;
- Minimizar relações de poder e questões ideológicas;
- Distanciamento e clareza são eficazes para que a pesquisa seja considerada científica e não caracterizada como subjetiva.

Nas revisões de literatura sobre o assunto, Dijk (2012), assevera que LC e ACD, possuem perspectivas compartilhadas como paradigmas para análise linguística, semiótica e do discurso. Porém, as bases epistemológicas da ACD têm laços mais estreitos com a teoria social crítica, pois investiga a função do discurso nas transformações da sociedade.

Assim, com intuito de avançar, na próxima seção, estabeleço um percurso teórico com informações sobre como e quando surgiu a ACD.

1.2 ENTRELAÇANDO FIOS EM PROL DE UMA ANÁLISE DO DISCURSO LINGUISTICAMENTE ORIENTADA

A ACD, teoria eleita para tecer o estudo aqui proposto, surgiu na década de 1980, tendo sido consolidada nos anos 90 como um ramo da linguística aplicada. Seus preceitos teóricos diferem em alguns aspectos da análise do discurso francesa, posto que apresenta objetivos e prioridades distintas. Para a ACD, a linguagem é considerada como prática social (FAIRCLOUGH e WODAK, 1997), o que confere ao contexto de produção das práticas linguístico-discursivas lugar de destaque para a realização de qualquer análise discursiva. Nesse sentido, para a ACD, “as ordens de discurso podem ser consideradas como facetas discursivas das ordens sociais, cuja articulação e rearticulação interna têm a mesma natureza” (FAIRCLOUGH, 2001, p. 99).

Dentre muitos autores que compartilham das ideias expressadas por essa teoria, destaca-se significativamente o estudioso britânico Norman Fairclough, professor emérito da Universidade de Lancaster. Cabe salientar que, durante as décadas de 80/90, com o propósito de investigar as ligações entre linguagem, ideologia e poder, Fairclough publicou diversas obras que se destacam por auxiliarem na consolidação da vertente crítica dos estudos do discurso. Pode-se dizer que a perspectiva faircloughiana de estudo do discurso se concretiza

enquanto escola com a publicação das obras: *Language and Power* (1989), *Discourse and Social Change* (1992) e *Analysing Discourse* (2003).

Outro pesquisador que contribuiu para ascensão e consolidação da ACD foi Teun Van Dijk ao publicar o primeiro volume do periódico *Discourse and Society* a partir de um simpósio realizado na Universidade de Amsterdã no ano de 1991. Nesse momento, pesquisadores que comungavam dos preceitos de uma linguística crítica, tais como Norman Fairclough, Ruth Wodak, Theo Van Leeuwen e Gunther Kress, tiveram a oportunidade refletir e discutir sobre diferenças e semelhanças adotadas em suas pesquisas. A pertinência dos estudos e reflexões da pesquisadora Ruth Wodak para a ACD pode ser conferida na obra *Power and Ideology* (1989).

No entanto, há de se ressaltar que cada um dos estudiosos e estudiosas contribuiu para a construção de uma ACD de acordo com o arcabouço teórico com o qual trabalhavam, demonstrando, assim a transdisciplinaridade da teoria. Pode-se dizer que o que liga essas formas de encarar o objeto analítico é a relação entre discurso e práticas sociais, presente de forma contundente em Teun van Dijk e Norman Fairclough. Esse interesse advém do fato de que a perspectiva dos estudos críticos da linguagem está ancorada nos preceitos do Realismo Crítico. Para estudar essa relação, os autores compreendiam que era preciso estabelecer limites maiores de análise, como a análise do contexto, para que se pudesse interpretar o discurso, já que entendiam a língua não como um sistema programado, mas sim como uma combinação de sistemas que servem a práticas sociais vigentes, manipuladas por poderes ou entre instituições de poder instituídos socialmente. Noções como poder, ideologia e história têm um ponto central nesse enfoque crítico do discurso e, devido à sua complexidade e as suas facetas polifônicas, os autores citados precisam buscar embasamento naquilo que Wodak (2003, p. 26) enquadra como bagagens acadêmicas distintas, a partir de teóricos como, por exemplo, Halliday (aporte linguístico), Pêcheux, Foucault, Bakhtin (aporte filosófico social), dentre outros.

Dentre muitos autores que compartilharam suas ideias para a ascensão dessa teoria, destaca-se significativamente Halliday que, como sabemos, é reconhecido mundialmente pela criação da chamada linguística sistêmico-funcional (LSF). Suas acepções são consideradas por Fairclough como essenciais para auxílio da ACD no momento de realizar as análises linguístico-discursivas, por ter por interesse central a relação entre linguagem e demais aspectos da vida social, ou seja, por ser orientada para o aspecto social do texto. A LSF pondera a linguagem em três dimensões de análise denominadas de metafunções, a) saber: a-*metafunção textual*, que diz respeito ao aspecto organizacional do texto verbal e não verbal; b)

metafunção interpessoal, que compreende o entendimento das relações entre as vozes presentes no texto, além das interações entre vozes e interlocutores; c) *metafunção ideacional*, relativa à forma como o texto apresenta as ideias nele representadas, incluindo-se também aí as ilustrações e os aspectos gráficos capazes de revelar como as semioses não verbais podem atuar na construção do texto.

O método analítico proposto por Halliday é composto por três áreas de análises essenciais, as quais auxiliam a compreensão do papel social do discurso: análise de textos orais e/ou escritos, análises das práticas discursivas e análise social.

Fairclough (2001), em sua obra *Discurso e Mudança Social*, advoga que os textos, ou as chamadas práticas linguístico-discursivas, refletem e constroem:

- a) formas de representar;
- b) formas de agir;
- c) formas de ser.

São diferentes significados que os textos criam, reproduzem ou alteram. Além disso, segundo o autor, o papel da semiose nas práticas sociais não pode ser tomado como dado, mas precisa ser estabelecido através da análise.

Dessa forma, a Análise Crítica do Discurso busca em Halliday (*apud* FAIRCLOUGH, 2001) um projeto metodológico de análise discursiva.

Assim, com a gramática funcional de Halliday, a ACD encontrou um modelo não só metodológico como também conceitual para o tratamento da linguagem (RIBEIRO e GARCEZ, 1998), pois a partir desse princípio a linguagem tem uma função que afeta e é afetada pela estrutura da sociedade. Desta forma, observamos a “importância da linguagem na produção, manutenção e mudança das relações sociais de poder. Por isso, a linguagem para os que difundem tal teoria é uma constante prática social.

Nesse híbrido de pensamentos que confluem para entender o discurso em sua dimensão social, a ACD alia a Ciência Social Crítica aos pressupostos de Halliday, que sob os estudos e as considerações de Fairclough encontra terreno para analisar os textos e seus contextos entre os gêneros discursivos, os estudos do discurso e seus estilos com os três modos de se entender o discurso como prática, antes postulados pelo próprio Fairclough: os modos de agir, os modos de representar e os modos de ser em conjunto com os significados: acional, representacional e identificacional. Assim, em esquema:

FIGURA 1 - TRÊS MODOS DE SE ENTENDER O DISCURSO COMO PRÁTICA



FONTE: Oliveira e Barros (2015, p. 27).

Cabe ressaltar que, dependendo do tipo de análise e propósitos metodológicos, é possível observar, em textos, essas categorias isoladas, entretanto, para fins de estudo é importante saber da interligação e da dependência entre tais conceitos.

Otoni & Paula (2012), a partir de Fairclough (2003), conceituam cada uma das categorias apresentadas no esquema anterior, relacionando primeiro o significado representacional ao conceito de discurso como a representação das formas diversas do mundo, ou seja, suas características e aspectos, pois “diferentes discursos constroem diferentes maneiras de se representar perspectivas do mundo”, (OTTONI & PAULA, 2012) . Assim, podemos, pelos textos dominar outros textos ou pessoas, executar uma ação cotidiana, cooperar etc. E tudo isso ao mesmo tempo em uma relação dialógica de construção de nossas formas de interação social.

Para o significado identificacional, a relação direta é com o estilo, que corresponde aos modos de ser, pois o que escrevemos são formas de nos identificarmos. Desse modo, as escolhas lexicais que fazemos nos levam a nos posicionarmos e nos identificarmos como sujeitos atuantes. Nessa interação entre o verbal e as mais variadas formas de linguagem nos engajamos socialmente numa rede de práticas discursivas.

Quanto ao significado acional, ele está relacionado ao gênero, como por exemplo, intertextualidade, discurso direto e indireto, que possibilitam a identificação de relações de poder. Além disso, a partir das análises realizadas, verifica-se quais vozes são incluídas e/ou excluídas no discurso. Refere-se, portanto, aos modos de agir.

A partir do que foi exposto até aqui, é possível entender o percurso teórico adotado pela ACD frente à noção bakhtiniana de discurso: linguagem como forma ideológica, conforme acepções do referido autor “A palavra é fenômeno ideológico por excelência” (BAKHTIN, 1997, p. 36). Nesse sentido, para entendermos o discurso, é imprescindível analisarmos a contexto de produção, o momento sócio-histórico no qual ele foi produzido e as posições enunciativas assumidas pelos interlocutores em seus intuitos do dizer.

Uma revisão bibliográfica seletiva sobre as acepções de Fairclough mostra que ele aloca o discurso como fundamental instrumento ideológico nas lutas de classe e poder, com ênfase para pesquisas que objetivam mudanças sociais, com intenção de compreender, desvendar e opor-se às desigualdades sociais.

A ACD busca, portanto, a partir das análises discursivas, favorecer construções de propostas sobre ações de intervenções para situações de opressão. Nesse ínterim, coaduna-se com as propostas da sociologia crítica, posto que os analistas críticos do discurso almejam revelar a maneira como as práticas linguísticas-discursivas estão estreitamente relacionadas com as composições sociopolíticas mais expressivas de poder de dominação.

Em função disso, a teoria faircloughiana analisa como o discurso se manifesta em uma determinada população influenciada por aspectos sociais, como por exemplo, governo, nível econômico, crença e valores.

Dessa forma, a teoria-metodológica da ACD, assim como a de outras vertentes de estudos sócio-interacionistas da linguagem, ultrapassa as fronteiras de um estudo puramente gramatical e centrado na imanência do sistema linguístico. Assim, é considerada transdisciplinar, pois abrange as áreas de análise do discurso, ultrapassando a língua e adicionando os elementos externos aos textos orais e escritos: contextos sociais, políticos e históricos. Outro aspecto relevante é que, além de utilizar conhecimentos de outras áreas diversas, a ACD produz novos conhecimentos a partir da interdiscursividade.

Os fios utilizados na tessitura dos aspectos teóricos-metodológicos da ACD compreendem também aquilo que Fairclough denomina de abordagem dialética/relacional para o discurso. Isso porque, para ele, as práticas linguístico-discursivas têm um efeito direto sobre as estruturas sociais e vice-versa.

Fairclough é o propagador da Teoria Social do Discurso, que visa “[...] reunir a análise de discurso orientada linguisticamente e o pensamento social e político relevante para o discurso e a linguagem, na forma de um quadro teórico que será adequado para uso na pesquisa científica social e, especificamente, no estudo da mudança social” (FAIRCLOUGH, 2001, p. 89).

Essa teoria tem uma abordagem dialética/relacional e, para exemplificá-la, o teórico apresenta sua concepção de discurso:

Ao usar o termo ‘discurso’, proponho considerar o uso de linguagem como forma de prática social e não como atividade puramente individual ou reflexo de variáveis situacionais. Isso tem várias implicações. Primeiro, implica ser o discurso um modo de ação, uma forma em que as pessoas podem agir sobre o mundo e especialmente sobre os outros, como também um modo de representação. [...] Segundo, implica

uma relação dialética entre o discurso e a estrutura social, existindo mais geralmente tal relação entre a prática social e a estrutura social: a última é tanto uma condição como efeito da primeira. [...] O discurso é uma prática, não apenas de representação do mundo, mas de significação do mundo, constituindo e construindo o mundo em significado[...] (FAIRCLOUGH, 2008, p. 90-91).

Podemos compreender, com base nessa afirmação, que o discurso nessa perspectiva é considerado como prática discursiva e social, ou seja, uma conexão entre os elementos linguísticos e extralinguísticos, mais especificamente a linguagem servindo como revelação ideológica, pois o discurso é histórico e contextualizado.

Para o linguista o termo discurso tomado enquanto linguagem oral e escrita, pode ser definido de várias maneiras. Uma delas é específica estando a linguagem a serviço de um campo e/ou área determinada, como exemplo, citamos o discurso político, religioso e/ou acadêmico. Ou ainda, o discurso em uma perspectiva social, ou seja, discurso globalizado. Além dessa, ele destaca a forma abstrata, denominada *semiose*, pois ela produz sentido como um elemento do processo das práticas sociais dialeticamente relacionado a outros elementos desses processos.

Wodak e Meyer (2009) asseveram que Fairclough entende que o discurso se relaciona com elementos diversos: pessoas com suas crenças; valores históricos e atitudes; ações desempenhadas, contextos nos quais há interações e, por fim, também com o discurso linguístico. Esses elementos estão relacionados de tal forma que não existe a possibilidade de dissociação, nem redução de um em detrimento do outro.

Portanto, o aspecto dialético/relacional adotado nessa teoria considera o discurso em duas faces, ou seja, moldado pela estrutura social e também, constitutivo da estrutura social. Esse novo campo da linguística, opõe-se, assim, ao empirismo e positivismo. Em suma, para Fairclough (2008), o termo discurso é uma prática social que conecta relações dialógicas entre o discurso e um evento discursivo, constituído socialmente.

Nesse sentido, à luz dos preceitos da ACD, é possível desvendar as formas de ação dos discursos sobre as práticas sociais humanas. Nesse ínterim, o discurso é visto, ora como reflexo da realidade vivenciada, ora como fonte dos construtos sociais.

Sendo assim, por um lado, os discursos agem sobre as práticas sociais humanas e, por outro lado, as práticas sociais humanas (estruturas sociais) orientam as práticas discursivas.

1.3 TECENDO A FACE LINGUÍSTICA DA ACD: A LINGUÍSTICA SISTÊMICO-FUNCIONAL

Somados aos preceitos da ACD, expostos nas seções anteriores, apresento uma contextualização das acepções da Linguística Sistêmica Funcional – LSF, a qual é considerada pelos estudiosos da área como a face linguística da análise crítica do discurso. Além disso, por causa da sua relação entre a linguagem e demais aspectos da vida social, ou seja, por ser orientada para o aspecto social do texto/discurso, exemplificando a relação dialética entre linguagem e sociedade.

Michael A. K. Halliday, linguista britânico, desenvolveu, entre as décadas de 60/70, uma teoria, que se opunha ao gerativismo de Chomsky, conhecida como Gramática Sistêmico-Funcional ou LSF, reconhecida pela Associação Internacional de Linguística como “teoria linguística centrada na noção de funcionalidade da língua” (ISFLA, 2018, online) e ainda, com destaque para sua noção essencial de estratificação, que será exemplificada mais adiante.

De acordo com o que foi exposto, entende-se que essa teoria linguística está centrada na ideia da função, a qual enxerga a língua em uso, ação e contexto, por isso denominada de *funcional*, pois sua função é investigar a produção de significados. Além disso, é *sistêmica* por reconhecer a língua como rede de sistemas interconectados, semióticos, diferenciados, que serão escolhidos, considerando o contexto de uma comunicação, ou seja, da produção linguística. Assim, é uma teoria que auxilia os funcionalistas, por meio da análise textual, a entenderem como os textos produzem ou não significados, utilizando os recursos linguísticos disponíveis.

Dessa forma, a intenção do funcionalista, em uma análise, é olhar para o externo, para universo não linguístico. É averiguar por meio de recursos funcionais, quais escolhas linguísticas foram utilizadas dentro de um contexto de comunicação e como isso produziu significados, incluindo, portanto, todo o evento comunicativo: a intenção de fala, os participantes e o contexto.

Distancia-se, dessa forma, de análises com regras fixas, ampliando o estudo e favorecendo o reconhecimento de uma língua semiótica-social, que produz significados. Halliday (2004) salienta, ainda, que a relação entre língua e sociedade é mútua, ou seja, as duas possuem função determinante para a produção do discurso, que só acontece imbricado com a sociedade.

Na interpretação de Halliday, a língua está organizada em diferentes camadas da linguagem, ou seja, em diversos modos e/ou sistemas estratificados, que são acionados simultaneamente ao produzirmos um texto. Na voz do linguista ela pode ser compreendida

como “um ciclo que se estende à relação entre linguagem e seu contexto de operações” (Halliday, 2009, p. 62).

Conforme destaca Barros (2008, p. 64), quando Halliday & Mathiesen (2004, p. 24-25) se referem ao sistema de estratificação linguística, o qual compreende as expressões fonéticas, as expressões fonológicas, o conteúdo lexicogramatical, o conteúdo semântico e o contexto (situacional e cultural), os autores lembram que a linguagem é utilizada para retratar nossa experiência e levar a cabo nossas interações com os outros.

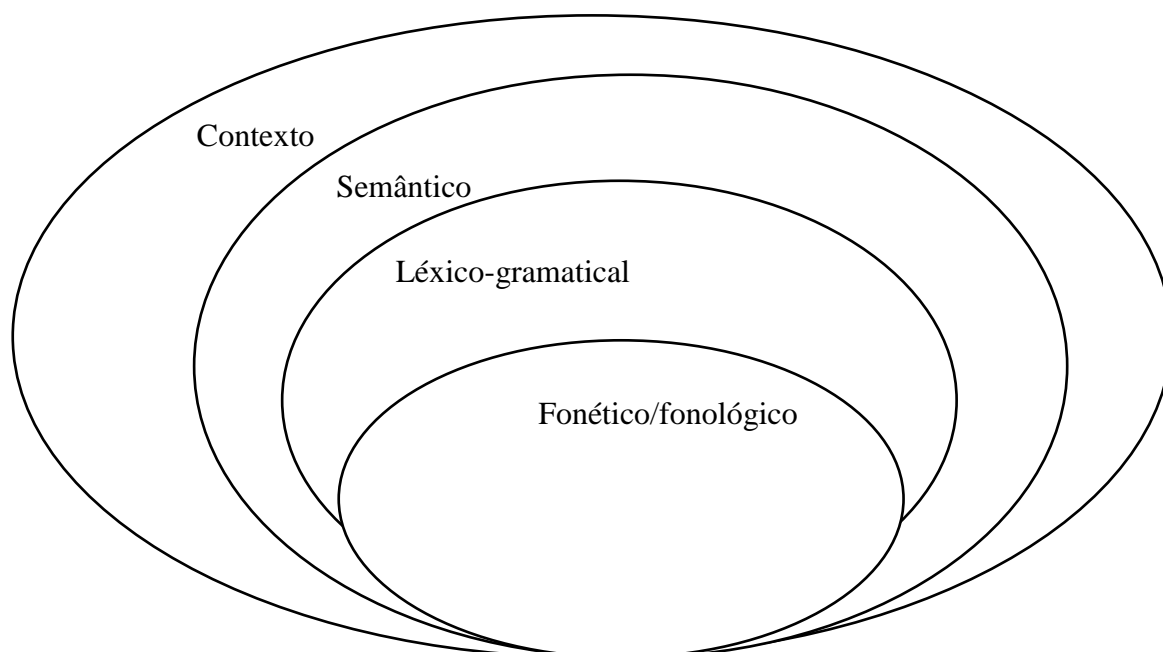
Barros (2008) destaca que isso, de acordo com os estudiosos, significa que a gramática deve se relacionar com o que ocorre fora da linguagem: com os acontecimentos e condições do mundo e com os processos sociais em que nos engajamos. Mas, ao mesmo tempo, a gramática também tem que organizar a construção da experiência e a representação dos processos sociais, para transformar-se nas palavras e frases usadas para expressar algo. Esses fenômenos são retratados nos níveis de estratificação do conteúdo semântico e do conteúdo léxico-gramatical apontados pelos estudiosos.

No estrato semântico, as experiências e relações interpessoais são transformadas em sentido. Posteriormente, no estrato lexicogramatical, o sentido ou significado é transformado em palavras e frases da língua¹⁰. O princípio da estratificação cumpre, portanto, a importante função de inter-relacionar o texto, as significações e o contexto.

Os conceitos e posicionamentos assumidos pelos estudiosos são normalmente apresentados na bibliografia corrente a partir da figura seguinte:

¹⁰ No original: “We use language to make sense of our experience, and to carry out our interactions with other people. This means that the grammar has to interface with what goes on outside language: with happenings and conditions of the world, and with the social processes we engage in. But at the same time it has to organize the construal of experience, and the enactment of social processes, so that they can be transformed into wording. The way it does this is splitting the task into two. In step one, the interfacing part, experience and interpersonal relationships are transformed into meaning; this is the stratum of semantics. In step two, the meaning is further transformed into wording; this is the stratum of lexicogrammar” (Halliday & Mathiesen, 2004, p. 24-25).

FIGURA 2 - ESTRATIFICAÇÃO



FONTE: Adaptada de Halliday e Matthiessen (2004, p. 25).

Para os linguistas, o estrato mais externo é denominado de contexto e ainda, é considerado o mais abstrato e abrangente de todos. Esse termo é utilizado pelos estudiosos de duas formas, segundo a concepção de Malinowski (1923 apud Halliday & Hasan, 1991):

- 1: Contexto de cultura - maneira como as diversas culturas utilizam a língua;
- 2: Contexto de situação - variações particulares de linguagem dentro de cada cultura, ou seja, características extralinguísticas, utilizadas pelos falantes em determinados momentos, que configuram significados distintos.

Assim, leituras e entendimentos diferentes podem acontecer, pois os momentos e lugares sofrem variações, configurando as particularidades do contexto de situação. Esse, por sua vez, é composto por três elementos, que segundo Halliday (1978), e Halliday e Hasan (1991), caracterizam as situações comunicativas. São eles:

Campo (*field*): evento que está ocorrendo em determinada situação: quem faz? Para quem faz? Onde faz? Como faz? Quando faz?

Relações (*tenor*): maneira como os relacionamentos acontecem entre os participantes da situação comunicativa, como por exemplo, a relação entre patrão e empregado, autor e leitor, professor e aluno;

Modo (*mode*): papel da linguagem (escrita e/ou oral) e organização do texto dentro de contexto de situação, onde a interação acontece.

Nas palavras de Barros (2008, p. 26):

O modo (the mode of discourse) e o modo retórico (the rhetorical mode) são apresentados por Halliday & Hasan (1991) como um terceiro traço ou propriedade que compõe, ao lado de outros dois conjuntos de propriedades, o campo (the field of discourse) e a relação (the tenor of discourse), o quadro conceitual caracterizador do contexto situacional. O campo, a relação, o modo e o modo retórico, são discutidos por esses estudiosos à luz de uma abordagem linguística denominada *social-semiotic* (semiótica social).

No campo do estrato semântico, temos o sistema de significados para além da oração, influenciado pelo estrato do contexto, que por sua vez, diz o que pode ou não ser dito em determinada situação. Além disso, é materializado pelo campo léxico-gramatical.

Por sua vez, o campo léxico-gramatical é influenciado pelo semântico e transformado em estruturas que combinam vocabulário e gramática. No ato da comunicação, essas combinações são representadas por meio da fonética e fonologia, o campo mais concreto da estratificação, pelo qual se expressa o conteúdo da linguagem. Como podemos constatar, existe uma relação de dependência, pois as estruturas de um nível, necessitam e constituem as estruturas do nível seguinte, desempenhando suas funções. Nesse sentido, Halliday (1976) assevera que o essencial para uma língua como sistema semântico é sua organização em componentes funcionais, pois sua estrutura aponta para funções desempenhadas nas vidas das pessoas. Dessa forma, o entendimento da linguagem como funcional aponta para a concepção de que tudo o que é dito tem uma intenção ancorada em uma base social.

A partir dos conceitos relatados depreende-se de Barros (2008) que a LSF pondera a função como uso e defende que existem três funções, manifestadas simultaneamente na utilização da linguagem: representação de mundo, instrumento de interação e organização da informação. Nessa perspectiva, essas três funções, propriedades fundamentais da linguagem, servem como modos de análise e são denominadas de metafunções:

- a) Ideacional e/ou de representação: forma como o texto constrói ideias, considerando ilustrações e aspectos gráficos capazes de revelar como as semioses não verbais podem atuar na construção do texto. Representa, portanto, nossos pensamentos, crenças e valores, envolvendo assim, os processos, os participantes e as circunstâncias.
- b) Textual e/ou de mensagem - aspecto organizacional do texto verbal e não verbal. Tem como função organizar a informação, utilizando os recursos linguísticos, como por exemplo, tema-rema.

- c) Interpessoal e/ou de troca: entendimento das relações entre as vozes presentes no texto, além das interações entre vozes e interlocutores, considera então, o texto como um diálogo.

Para Halliday, as metafunções são peças funcionais do sistema semântico e ainda, formas de significados, os quais estão inseridos em todos os usos de linguagem e em todos os contextos sociais.

A LSF corresponde à face linguística da versão analítica da ACD e é considerada por Fairclough como essencial para o estudo do caráter social da linguagem e sua relação com a estrutura social, por objetivar a relação entre língua gem e demais aspectos da vida social, ou seja, ser orientada para o aspecto social do texto/discurso. Fairclough utiliza a LSF como parâmetro para análises de textos verbais, pois a abordagem dessa teoria é mais voltada para a perspectiva da ciência social crítica, uma vez que considera a relação dialética entre linguagem e sociedade. Além disso, a estratificação da linguística tem relação com o extralinguístico, ou seja, a língua em constante modificação, posto que, como já foi dito, para a ACD, estruturas linguístico-discursivas e estruturas sociais formam uma relação dialética. Sendo assim, compreende-se que as práticas linguístico-discursivas atuam diretamente sobre as práticas e estruturas sociais e vice-versa. o que acarretaria mudanças tanto na língua quanto na sociedade.

Em, 1992, no seu livro *Discourse and social change*, com a intenção de estreitar os laços com a LSF, Fairclough propôs desmembrar a metafunção interpessoal em metafunção identitária e relacional. A identitária compreende a maneira como as identidades sociais manifestam-se nos discursos e a relacional diz respeito à forma como as relações sociais/papeis sociais são expostas e negociadas no discurso.

Mais tarde, em 2003, com a publicação de *Analysing discourse*, Fairclough ampliou o diálogo com a LSF e sugeriu uma conexão com as macrofunções, conforme destaca Fernandes (2014). Dessa forma, os três tipos de significados (acional, representacional e identificacional) tomariam o lugar das funções da linguagem e/ou metafunções. Fairclough (2003) justifica a fusão, explicando que a junção expressa a multifuncionalidade da LSF, pois para ele os três significados manifestam-se simultaneamente no enunciado (agir, representar e ser).

Fairclough (2003, p. 26-28) investe em uma distinção que privilegia tipos de significação gerados na confluência da ação, representação e identificação. Essa perspectiva de análise, que visa olhar o texto com maior foco nas significações que ele comporta, traz uma perspectiva social para o âmago do texto. Os modos de agir (significados acionais), os

modos de representar (significados representacionais) e os modos de ser (significados identificacionais), nada mais são do que práticas sociais que figuram, respectivamente, como ‘parte da ação’, nas representações que sempre são partes de práticas sociais e na constituição de modos particulares de ser (identidades sociais pessoais). Em suma, a consonância entre as duas abordagens está presente na concepção de que o contexto tem papel fundamental para a análise linguística.

Cabe, agora, portanto, ampliar o diálogo com outros saberes que, assim como a LSF, compõem a trama dos fios que darão textura à proposta da ACD. Apresento, então, na próxima seção um arrazoado do modo pelo qual a ACD se apropria dos preceitos filosóficos do Realismo Crítico.

1.4 TECENDO A MULTIDISCIPLINARIDADE DA ACD: O REALISMO CRÍTICO EM FOCO

Em seu livro *Análise de discurso crítica*, Fernandes (2014, p. 66) discorre sobre o diálogo entre o Realismo Crítico (RC) e a ACD. Nesse sentido, assevera que o RC é um movimento de pensamento filosófico britânico, difundido por Roy Bhaskar, em 1975, na Inglaterra, a partir da publicação do livro *A Realist Theory of Science*, com o intuito de aumentar as discussões entre filosofia e as ciências sociais e para esclarecer a organização da vida social como um sistema aberto. Opõe-se ao positivismo, pois este considerava o mundo observável e os realistas ponderam que o mundo é transcendente; para eles, há muito mais além do que pode ser observável. Entre os autores que se dedicaram a esse estudo, destacamos também Margareth Archer¹¹, Andrew Collier¹², Tony Lawson¹³ e Allan Norrie¹⁴.

Nas ciências sociais, atualmente, de acordo Fernandes (2014, p. 66) o RC é considerado multidisciplinar internacionalmente e ainda serve como parâmetro para reflexões

¹¹ Socióloga britânica e pesquisadora influente sobre a Teoria Realista Crítica. Primeira mulher presidente da Associação Internacional de Sociologia. Fundou a Pontifícia Academia de Ciências Sociais e da Academia de Sociedades de Estudos em Ciências Sociais. Além disso, é uma administradora do Centro para o Realismo Crítico. Dentre suas obras de destaque está: *Transcendência: Realismo Crítico e Deus* (com Andrew Collier e Doug Porpora, 2004).

¹² Foi professor de Filosofia na Universidade de Southampton. Muito conhecido por desenvolver trabalhos sobre objetividade nas Ciências Sociais. Dentre suas publicações de destaque estão: *Realismo Crítico: uma introdução à Filosofia de Roy Bhaskar* (1994) e *Transcendência: Realismo Crítico e Deus* (com Margaret Archer e Doug Porpora, 2004). Faleceu em 2014, vítima de um câncer.

¹³ Filósofo e economista britânico. Além disso, é professor de economia e filosofia na Faculdade de Economia da Universidade de Cambridge. Direcionou seus trabalhos para a Filosofia da Ciência Social, particularmente, Ontologia Social. Desenvolveu e defendeu sua própria teoria da constituição e natureza da realidade social.

¹⁴ É presidente da Associação Internacional sobre o Realismo Crítico. Filosoficamente, ele trabalha com o Realismo Crítico, especialmente em sua forma dialética.

teóricas e metodológicas para diversos cientistas, que possuem o intuito de averiguar as relações entre indivíduos e sociedade, pois, como assevera Bhaskar (1998, p. 90 apud PAPA, 2009, p. 143), a sociedade não é constituída apenas de indivíduos, mas da inter-relação entre eles. Considerando essas afirmações de Papa (2009), podemos inferir que os seres humanos devem ser estudados como seres sociais e não apenas da mesma forma como os objetos naturais.

Nas revisões de literatura sobre o assunto, Papa (2009) comenta sobre uma obra mais atualizada publicada por Bhaskar, em 1998, *A Teoria da Ciência*¹⁵, na qual ele dá ênfase ao realismo considerando alguns aspectos da filosofia de Kant. Assim, as concepções do Realismo Crítico são combinações entre o “realismo transcendental” e o “naturalismo crítico”. Nos termos de Bhaskar (1998, p. 90 apud PAPA, 2009, p. 143): “eu chamei minha filosofia geral da ciência de “realismo transcendental” e minha filosofia das ciências humanas de “naturalismo crítico”.

No que se refere ao realismo transcendental, Bhaskar relaciona-o com o Realismo Ontológico. Ele defende a ideia de que existe um mundo real e social, uma realidade exterior, independente de nosso conhecimento e concepção, ou seja, não equivalente ao que é realizado, nem mesmo ao que percebemos dessa realização.

Para Bhaskar (1998, p. 141 apud PAPA, 2009, p. 143), a vida social é dividida em diversas dimensões: física, química, biológica, econômica, social, psicológica e linguística. Dessa forma, a realidade é estratificada e representada por três domínios distintos: o Real e ou/potencial, o Realizável e o Empírico.

No campo do estrato Real temos tudo o que existe na natureza; é o reino dos objetos, sejam eles naturais (estruturas atômicas e químicas) e/ou sociais (ideias, relações sociais etc) e suas estruturas de poderes. Nesse campo estão as dimensões intransitivas. O campo do Realizável, por sua vez, refere-se a realização de situações e eventos que denominam poder, observáveis ou não. Por fim, o Empírico é considerado o campo daquilo que pode ser percebido, campo das experiências. Para ilustrar as estratificações, podemos tomar como exemplo, uma mulher empreendedora no exercício de sua função, seja ela qual for. Olhando para esse ator social, podemos dizer que sua capacidade física e mental encontram-se no domínio do Real, já o exercício do seu trabalho, que manifesta o efeito de poder, está localizado no domínio do Realizável.

¹⁵ BHASKAR, R. **Critical Realism. Essential Readings**. In: Archer, M.; Bhaskar, R.; Collier, A.; Lawson, T. e Norrie, A. Centre For Critical Realism. London: Routledge, 1998.

Nesse sentido, o Realismo Crítico tem como concepção que o necessário é aprofundar os conhecimentos até a mais profunda camada da realidade, pois é ali que estão escondidos os determinantes causais e seus poderes. Fernandes (2014) assevera que para Bhaskar isso significa transcender as aparências e desvendar a realidade e suas estruturas; essa teoria visa, portanto, defender a organização da vida social como um sistema aberto, considerada pelos estudiosos da área como uma forma de análise crítica emancipatória da vida social.

Coadunam-se com esse modo de análise (denominado de “crítica explanatória”) os analistas do discurso da ACD, como por exemplo Chouliaraki e Fairclough (1999), pois a partir das reflexões propostas por Bhaskar (1998, 2002) eles organizaram um modelo para identificar e analisar de forma mais específica e ampliada os problemas práticos da vida social manifestados em textos verbais (orais e/ou escritos) e, assim, buscar soluções e superações para os problemas sociais identificados. Nesse modelo, estão sugeridos cinco estágios: identificação do problema; obstáculos a serem enfrentados; função do problema na prática; possíveis maneiras de superar os obstáculos; reflexão da análise.

Assim sendo, as contribuições do RC são de extrema importância para os analistas da ACD, pois, conforme defendem Bhaskar (1998) e Chouliaraki & Fairclough (1999), vai muito além de que encontrar as causas geradoras para os problemas sociais, relações de poder e ideologias. As pesquisas precisam, portanto, vislumbrar a mudança dos agentes e participantes sociais, não apenas da consciência, mas sim, efetivamente, devem favorecer uma transformação prática. E nesse ponto que as análises aqui desenvolvidas podem contribuir para resoluções e superação sobre os problemas enfrentados pelas mulheres, atrizes sociais dessa pesquisa.

1.5 ATUAL ABORDAGEM DA ANÁLISE CRÍTICA DO DISCURSO

A ACD é um aparato teórico-metodológico que abarca conceitos e métodos oriundos da Linguística e das Ciências Sociais para a análise de textos. Assim, nesta seção, enfatizaremos o amadurecimento pelo qual passa essa teoria ao incorporar aspectos do Realismo Crítico aos seus propósitos de investigar “os mecanismos causais discursivos e seus efeitos potencialmente ideológicos”, bem como pensar/refletir “sobre possíveis maneiras de superar relações assimétricas de poder parcialmente sustentadas por sentidos dos textos” (Ramalho, 2008, p. 136).

A partir do entendimento de que qualquer ação no mundo se dá a partir do discurso e através dele, a ACD reconhece a centralidade do discurso na vida social. Será, portanto, sob esse viés que Chouliaraki e Fairclough em *Discourse in Late Modernity: Rethinking Critical*, (1999/2002), estabelecem as bases para a sustentação da ideia por eles disseminada de que a ACD “começa na percepção de um problema relacionado ao discurso em alguma parte da vida social”¹⁶ (CHOULIARAKI; FAIRCLOUGH, 1999, p. 60).

Nessa mesma obra é que se estabelecem conexões entre relações de poder e recursos linguísticos que moldam o fazer discursivo, na modernidade tardia. Nesse passo, os estudiosos desempenham papel fundamental para que o viés crítico e, portanto, reflexivo acerca da interferência dos discursos sobre o corpo social e as práticas sociais se consolide.

Para corroborar com melhor entendimento sobre a atual abordagem da ACD, faz-se necessário, primeiramente, apresentarmos as características do modelo tridimensional, para depois abordarmos as novas atualizações com foco nas práticas sociais.

1.5.1 Modelo Tridimensional de Análise

Para Fairclough (2001) o acontecimento discursivo configura-se enquanto: prática linguística, prática discursiva e prática social¹⁷. A partir daí, propõe o chamado por ele de modelo tridimensional de análise do discurso.

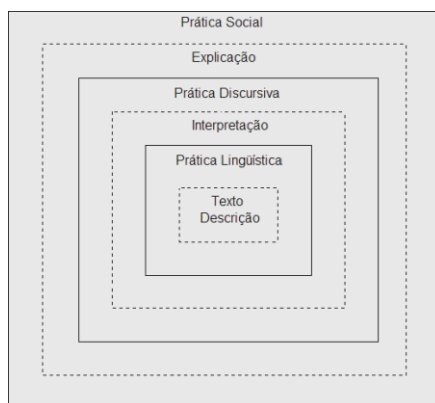
Esse modelo foi primeiramente apresentado em *Language and Power* (1991/2001) e em seguida, aprimorado nas obras *Discourse and Social Change* (1992) e *Discourse and Late Modernity* (1999).

Assim, Fairclough (1997, 2001) direciona a análise linguístico-discursiva em três níveis ou dimensões, com o intuito de mapear três maneiras de análises em uma só: linguístico/textual (oral/escrito), discursiva (produção, distribuição e consumo de textos) e social (análise dos eventos discursivos como prática social), conforme modelo exemplificado na figura a seguir:

¹⁶ Tradução minha de: CDA begins from some perception of a discourse-related problem in some part of social life.

¹⁷ Ressalta-se que, para Fairclough (2001), a prática discursiva e a prática social não se opõem, sendo a primeira uma forma particular da última. Para ele, “em alguns casos, a prática social pode ser inteiramente constituída pela prática discursiva, enquanto em outros pode envolver uma mescla de prática discursiva e não-discursiva” (FAIRCLOUGH, 2001, p. 99).

FIGURA 3 - DIMENSÕES SOCIAIS, DISCURSIVAS E LINGUÍSTICAS



FONTE: adaptada de Fairclough, 2001, p. 101.

O modelo tridimensional de análise do discurso sugerido por Fairclough busca dar conta de agregar às reflexões relativas aos fenômenos inscritos nas práticas ditas languageiras, as suas dimensões linguísticas, discursivas e ideológico-culturais. Quanto à prática social retratada nesse modelo, Fairclough (2001) defende que tal prática recebe orientações econômicas, políticas, culturais e ideológicas, podendo o discurso estar implicado em todas elas. No entanto, destaca que sua obra está voltada ao discurso como prática política e ideológica. Para ele, “a prática política e a ideológica não são independentes uma da outra, pois a ideologia são os significados gerados em relações de poder como dimensão do exercício do poder e da luta pelo poder” (FAIRCLOUGH, 2001, p. 94).

O estudioso ainda relaciona à prática social categorias analíticas que devem ser ressaltadas, como o sentido da palavra, as formas de hegemonia, o uso de metáforas e a ideologia.

Em relação à análise da prática discursiva, Fairclough (2001) estabelece sete categorias que devem ser consideradas. São elas: o processo de produção, de distribuição, de consumo textual, de contexto social, força¹⁸, de coerência e de intertextualidade¹⁹.

Nesse momento, é válido ressaltar que, na teoria faircloughiana, o termo *discurso* é utilizado no sentido de linguagem como prática social, ou seja, modo de ação e representação

¹⁸ Para Fairclough (2001 p. 111) a força de parte de um texto é seu componente acional, parte de seu significado interpessoal, a ação social que realiza, que atos de fala desempenha, como, por exemplo, dar uma ordem, fazer uma pergunta, ameaçar, prometer, etc.

¹⁹ O conceito de intertextualidade tomado por Fairclough advém da noção de “dialogismo” de Bakhtin (2000) e se estende à proposta de Authier-Revuz (1982) de distinguir a “intertextualidade manifesta” da “intertextualidade constitutiva ou interdiscursividade”. A primeira compreende a intertextualidade explícita no texto, ou seja, a heterogeneidade textual marcada por meio de outros textos específicos constituindo o texto. Já a segunda, são “as outras vozes” presentes nos textos, ou seja, a influência de outros textos implicitamente presentes no texto, como conceitua Bakhtin.

– o que permite pensar nos efeitos causais dos discursos sobre os sujeitos sociais. Além disso, Fairclough (2001) defende a relação dialética entre discurso e estrutura social, relacionando ideologia, a partir da perspectiva de Thompson (2009) e poder. O poder, nesse caso, é concebido de acordo com as acepções de hegemonia²⁰ de Gramsci (2002). Assim sendo, o linguista assevera que existe a possibilidade de mudança, ou seja, as situações opressoras não são verdades imutáveis, podem e devem ser modificadas, pois são criações sociais.

Uma revisão bibliográfica seletiva sobre o assunto, realizada por Moreira e Oliveira, (2016) resultou na elaboração de um quadro sintético²¹, baseado no preceito faircloughiano, com a intenção de elucidar de que modo as práticas linguístico-discursivas podem repercutir sobre os sujeitos sociais/o corpo social e as suas relações com aspectos relativos à análise de textos em contexto, revelando a conexão entre ACD e LSF já referidas no âmbito deste estudo.

QUADRO 1 - EFEITOS DO DISCURSO SOBRE O CORPO SOCIAL E METAFUNÇÕES DA LINGUAGEM

	Aspecto social dos efeitos constituídos pelo discurso	Funções da Linguagem	Metafunções
1º	A contribuição para a construção das “identidades sociais” e “posições de sujeito” para “sujeitos” sociais e os tipos do “eu”	Identitária: relaciona-se aos modos como as identidades sociais são estabelecidas no discurso	Interpessoal
2º	A contribuição para as “relações sociais” entre as pessoas	Relacional: como as relações sociais entre os participantes são representadas e negociadas	Interpessoal
3º	A contribuição de “sistemas de conhecimento e crença”	Ideacional: relaciona-se aos modos pelos quais os textos significam o mundo e seus processos, identidades e relações	Ideacional

FONTE: Moreira e Oliveira, (2016, p. 23).

De acordo com o Fairclough o texto sob influência da LSF (metafunção interpessoal – construção das relações e identidades; metafunção ideacional – construção social da

²⁰ Etimologicamente, hegemonia significa liderança. Para Gramsci (1978), a hegemonia é a forma como o poder é exercido política e culturalmente pela classe dominante. É uma dominação consentida, ou seja, as estruturas de poder e autoridade devem ser amplamente aceitas como naturais e legítimas. Para o referido autor, quanto mais difundida uma determinada ideologia, mais sólida fica a hegemonia.

²¹ Publicado na revista *Interfaces, online*, no artigo denominado *Análise Crítica do Discurso e Abordagem Linguística Sistêmico Funcional em uma propaganda da empresa Hortifruti*.

realidade), aponta traços de rotinas sociais que não são consideradas em processos de análises de discursos naturalizados, óbvios e incontestáveis. Como exemplo, podemos citar os discursos do século XIX, que estabeleceram a esposa e a mãe como modelo universal da natureza feminina e o trabalho doméstico como inferior ao capitalista, ou ainda, os discursos do século XX, que não davam às mulheres o direito ao voto, ou seja, discursos naturalizados.

No nível de análise da prática discursiva, de cunho sociocognitivo, temos os processos de produção, distribuição e consumo do texto. Esse nível é considerado mais interpretativo e, nesse ponto, a proposta de Fairclough (2001) é investigar os seguintes aspectos: coerência, intertextualidade e interdiscursividade. Para tanto, é imprescindível fazer alguns questionamentos: quem escreve? Para quem? Em quais circunstância? E por quê? O linguista assevera que a partir das práticas discursivas temos a reprodução da sociedade como ela é, ou seja, em suas identidades, relações e conhecimentos de valores e crenças. Além disso, o que contribuem significativamente para a possibilidade de transformação social. Nesse sentido, Fairclough (2001) afirma que é impossível estabelecer fronteiras entre a prática discursiva e social, uma vez que estão dialeticamente relacionadas, pois a ação do indivíduo acontece por meio do gênero discurso, que demonstra o processo de produção, recepção e consumo.

Por fim, no nível de análise da prática social, Fairclough (2001) o considera como maior instância do modelo tridimensional, pois envolve dois níveis: o textual e o discursivo. O autor defende a exploração da prática social, na qual o texto está inserido, com objetivo de identificar elementos ideológicos (sentido das palavras, pressuposições, metáforas, etc) e hegemônicos (orientações políticas, econômicas, ideológicas e culturais) manifestados no texto. Nesse sentido, os discursos naturalizados identificados no nível de análise textual são agora, explorados e interpretados, com o objetivo de desneutralizá-los, tirá-los do senso comum e assim, contribuir significativamente para minimizar as relações de poder e dominações exploratórias.

No estudo da análise das práticas sociais, há também a necessidade de outras teorias para um melhor entendimento da relação dialética entre texto e sociedade. Dentre muitos estudiosos, Fairclough (2001) optou por acionar os conhecimentos oriundos da teoria do sociólogo John B.Thompson (2009) sobre ideologia (“sentido a serviço do poder”) e de Gramsci (2002), sobre hegemonia (“relações de poder não são estáveis”), como citado anteriormente.

Fairclough (1999) concebe a ideologia como criação e manutenção das relações de poder exploratórias no contexto social. Nesse sentido, na interpretação do teórico crítico do discurso, a noção de ideologia proposta na ACD é consoante à compreensão do termo,

segundo acepção de Thompson (2009). Esse estudioso inglês, por sua vez, também defende uma noção crítica de ideologia, entendendo-a como ideias e formas simbólicas inseridas em contextos específicos, produzindo, reproduzindo, sustentando e/ou mantendo relações desiguais de poder e dominação.

Thompson elaborou a “*Teoria social da comunicação em massa*”, que averigua como as formas simbólicas são construídas e empregadas nos contextos sociais, estabelecendo ou não dominação de poder. Para tanto, organizou, em seu livro *Ideologia e cultura moderna* (2009) um referencial em que apresenta cinco modos de operações ideológicas e suas específicas estratégias de construção simbólica:

- Legitimação - relações de dominação são representadas como legítimas:
 - a) Racionalização: uma cadeia de raciocínio procura justificar um conjunto de relações;
 - b) Universalização: interesses específicos são apresentados como interesses gerais;
 - c) Narrativização: exigências de legitimação inseridas em histórias do passado que legitimam o presente.

- Dissimulação - relações de dominação são ocultadas, negadas ou obscurecidas:
 - a) Deslocamento: deslocamento contextual de termos e expressões;
 - b) Eufemização: valorização positiva de instituições, ações ou relações;
 - c) Tropo: sinédoque, metonímia, metáfora.
- Unificação - construção simbólica de identidade coletiva:
 - a) Estandarização: um referencial padrão proposto como fundamento partilhado;
 - b) Simbolização da unidade: construção de símbolos de unidade e identificação coletiva.

- Fragmentação - segmentação de indivíduos e grupos que possam representar ameaça ao grupo dominante
 - a) Diferenciação: ênfase em características que desunem e impedem a constituição de desafio efetivo;
 - b) Expurgo do outro: construção simbólica de um inimigo.

- Reificação - retração de uma situação transitória como permanente e natural:
 - a) Naturalização: criação social e histórica tratada como acontecimento natural;
 - b) Eternalização: fenômenos sócio- históricos como permanentes;

- c) Noninalização/passivização: concentração da atenção em certos temas em detrimento de outros, com apagamento de atores e ações

Essa síntese do pensamento do referido autor caracteriza-se como parâmetros tipicamente associados de operacionalização da ideologia, porém as análises, para ele, necessitam de amparos triplos: sócio-histórico, discursivo e interpretativa/re-interpretativo. Podemos compreender, portanto, que Thompson expõe diversos recursos ideológicos, que são materializados na linguagem, e que se mostram extremamente importantes para a análise discurso crítica aqui proposta, ou seja, para analisar os discursos das atrizes sociais, pois “/.../estudar a ideologia é estudar as maneiras como o sentido serve para estabelecer e sustentar relações de dominação” (THOMPSON, 2009, p. 76). Assim sendo, o que pode se mostrar importante na análise para ACD é o fato de Thompson considerar que “[...] estudar a ideologia é estudar as maneiras como o sentido serve para estabelecer e sustentar relações de dominação” (THOMPSON, 2009, p. 76). Infere-se, então, que os discursos possuem a possibilidade de tornarem-se ideológicos quando auxiliarem a manutenção e/ou contribuição das relações de poder exploratórias.

Ainda a respeito dessa questão da dimensão da prática social, é importante dissertar sobre a acepção de hegemonia utilizada por Fairclough para as análises críticas do discurso. O linguista buscava teorias que entendessem a conexão entre poder, classe e estado nas sociedades capitalistas. Nesse momento, estreitou os diálogos com a Sociologia, Ciência Política e filosofia. Atualizou suas reflexões e passou a utilizar o conceito de hegemonia a partir das acepções de Gramsci (2002), dominação consentida de uma classe social dominante sobre a outra por meio da ideologia. Esse novo modelo de concepção foi consolidado com a publicação do livro *Discourse and Social Change*, em 1992.

Fairclough (2001) assevera que hegemonia é liderança, poder, construção de alianças e luta constante sobre pontos de instabilidade e ainda, considera um diálogo entre ela e o discurso. Para ele, o discurso é a materialização da hegemonia, pois é por meio dele que se consegue ou se mantém o poder. Ou seja, é através do discurso que a classe e/ou grupo mais favorecidos conseguem naturalizá-los em verdades absolutas, ou mesmo, os discursos tornam-se senso comum incontestáveis. Ainda sobre essa questão, é válido destacar que esse conceito de hegemonia considera o consenso mais apropriado do que a coerção, pois os discursos consensuais de uma classe dominante são naturalizados e, assim se tornam, muitas vezes, inquestionáveis. Em suma, para a ACD, a questão da hegemonia está voltada para a formação

de alianças consensuais e articulações por meio do discurso em detrimento à dominação por força.

A partir desses levantamentos, na sequência, apresento informações sobre o atual enquadre da ACD, com foco no momento discursivo das práticas sociais.

1.5.2 ACD com foco no momento discursivo das práticas sociais

ACD, abordagem científica transdisciplinar, teve um amadurecimento teórico-metodológico a partir de 1999, proposto por Chouliaraki e Fairclough em *Discourse in Late Modernity* (1999), que fortaleceu a análise da prática social e mudou o foco para uma nova visão de discurso como dimensão das práticas sociais em conexão dialética com demais elementos da vida social, uma vez que a prática é moldada e transformada pelo discurso.

O principal objetivo, nesse momento, era analisar os acontecimentos sobre a mudança social globalizada. Assim, para corroborar com a intenção dessa nova proposta, a ACD precisou localizar o discurso no contexto de Modernidade Tardia, engajando a teoria em uma visão científica e crítica social, no campo da pesquisa social crítica sobre a Modernidade Tardia e na teoria e na análise linguística e semiótica, conforme observa Ramalho (2010).

Anthony Giddens, sociólogo britânico, reconhecido pela publicação da Teoria da Estruturação e um dos primeiros estudiosos a publicar os estudos sobre o termo globalização, concebe como Modernidade Tardia o período pós-modernidade, que possui como característica central a separação entre tempo e espaço, em virtude das novas tecnologias de comunicação e massa. Nesse período, houve, portanto, uma ressignificação da questão identitária, uma vez que, com o advento da globalização, o indivíduo tem outras visões de mundo, possui acesso rápido a novos conhecimentos, novos estilos de vida, não fica à mercê de uma sociedade tradicionalista e fechada em suas convicções. Em virtude disso, torna-se flexível e reflexível a mudança e muitas vezes, imprevisível, favorecendo o advento da reformulação das práticas sociais e o hibridismo social e econômico, conforme defende Mocellim²² (2008).

Os estudos de Giddens (1991) vêm ao encontro dos anseios da ACD, no sentido de investigar a relação entre linguagem e sociedade baseando-se em temas elencados por ele:

²²A questão da identidade em Giddens e Bauman, publicado na revista online *Em tese*.

- Hibridez discursiva - surgiu a partir do advento da globalização e internet, minimizando os limites entre discursos de sociedades diferentes, beneficiando o aparecimento de mistura e combinações discursivas;
- Globalização – o compartilhamento de discursos em tempos reais, influenciam significativamente as maneiras como as pessoas pensam, agem e acreditam;
- Identidade e reflexividade – os discursos disseminados na era digital globalizada resultam, muitas vezes, em conflitos sociais, favorecendo assim, as reflexões por parte do indivíduo quanto a sua identidade. Dessa forma, o discurso produz reflexão e construção identitária;
- Comodificação do discurso – o discurso torna-se um produto de consumo, que precisa ser trabalhado para gerar efeitos no mundo social.

Na obra *Analysing Discourse* (1999), os linguistas consideram as acepções sobre prática social a partir das reflexões do materialismo histórico-geográfico de Harvey (1996), o qual defende que o discurso internaliza todos os momentos das práticas sociais como ação e construção reflexiva, os quais são dialeticamente conectados e articulados, relativamente estáveis, sem redução de um sobre o outro. Chouliaraki e Fairclough (1999), para atender aos anseios da ACD, reorganizaram esses momentos propostos por Harvey em cinco: ação e interação, relações sociais (poder e hegemonia), pessoas (crenças, valores e ideologia), mundo material e discurso e/ou semiose.

Agregam-se à essas reflexões as três características propostas por Chouliaraki e Fairclough (1999) sobre as práticas sociais: a primeira considera a atuação das práticas como formas de produção social, que envolvem pessoas específicas, em relacionamentos específicos, usando recursos específicos; já a segunda diz respeito ao relacionamento em rede por relações de poder de uma prática com a outra, salientando ainda que o exterior de uma interfere no interior da outra, em uma relação de articulação e internalização. Nesse momento, os autores recorrem à questão de hegemonia, segundo Gramsci, como citamos anteriormente; por fim, a terceira característica proposta pelos estudiosos da área refere-se à apresentação de uma dimensão reflexiva e discursiva, característica já proposta também nas acepções de Modernidade Tardia. Essa questão de reflexão acentua o caráter discursivo das práticas sociais, fortalecendo sua importância para ACD.

Ainda sobre essa questão discursiva das práticas sociais, para Fairclough (2006) a linguagem, na ordem do discurso, é vista como forma de agir, representar e ser, materializadas em textos e representadas por gêneros orais, discursos e estilos multimodais. Além disso, o autor identificou arrolados a esses elementos três significados textuais, que se

manifestam-se simultaneamente, baseando-se nas metafunções da LSF: o acional refere-se ao gênero; o representacional refere-se ao discurso; e o identificacional refere-se ao estilo. É válido ressaltar que tais significados são simultâneos, porém podem ser analisados separadamente.

Cabe agora, com base na revisão bibliográfica empreendida na literatura especializada de Chouliaraki e Fairclough (1999) entender o discurso nas práticas sociais, baseado no Realismo Crítico, o qual entende a prática social como conexão entre estruturas abstratas e eventos concretos. De acordo com Ottoni (2007), esse novo modelo da ACD conecta a teoria e a prática ao realizar análise de práticas que tornam construções teórico-práticas de discursos na vida social.

Nessa nova perspectiva metodológica da ACD, o discurso é concebido como um momento da prática social, paralelamente a outros três. Assim, para a teoria em questão, a pesquisa inicia-se com a identificação de um problema de cunho social relacionado ao discurso, que pode ser analisado de três maneiras:

- Análise da conjuntura: na qual o problema se insere, envolve pessoas, materiais, tecnologias e diferentes instituições. Objetiva-se, portanto, verificar o enquadre da prática, em que o discurso se localiza, com foco no relacionamento do discurso com os processos de produção e consumo. Para Chouliaraki e Fairclough (1999) é nesse momento que há a possibilidade de investigar ao longo do tempo os efeitos de eventos isolados como de eventos ligados, que sustentam e/ou transformam as práticas;
- Análise da prática: onde o discurso se situa. Tem como foco investigar a conexão do discurso central com as crenças, valores e atitudes das pessoas envolvidas. Nesse sentido, verifica-se de que forma esse discurso afeta e/ou é afetado por meio das relações sociais dialeticamente. Assim, analisam-se: a(s) prática(s) são relevante para o problema? Relação do discurso com outros momentos: discurso como parte da atividade; discurso e reflexividade;
- Análise de discurso: O intuito é investigar a estrutura - a ordem do discurso; a interação-análise interdiscursiva e a análise linguística e semiótica. Corresponde, portanto, ao modelo tridimensional: análise da dimensão do texto, da prática social e da discursiva.

Na sequência, a investigação permeia o funcionamento do problema na prática, de acordo com as acepções da crítica explanatória de Bhaskar, com a intenção de avaliar de que maneira o problema discursivo identificado tem função específica na prática. No escopo

deste estudo, o problema social destacado volta-se para as práticas sociais femininas que posicionam as mulheres enquanto multitarefadas. No contexto laboral do empreendedorismo feminino, a relação trabalho doméstico, cuidados com a família e realização profissional configuram, de antemão, marcas identitárias das atrizes sociais em foco. O problema discursivo assenta-se, portanto, na “conciliação” dessas práticas que, muito embora, se afigurem como incompatíveis, fazem dos sujeitos sociais femininos indivíduos “capazes” de torná-las perfeitamente harmonizáveis. São valores discursivos que reverberam na sociedade e incidem, até mesmo, sobre o estado físico e psicológico das mulheres. Nessa ordem do discurso, entre outros fatores, se naturalizam comportamentos, atitudes que posicionam sujeitos do gênero social feminino como indivíduos multifuncionais. Ao serem construídas discursivamente dessa maneira, passam a se sentirem plenamente realizadas ou não na medida em que se identificam/autorrepresentam como “desdobráveis”, porque assim foram construídas socialmente.

Posteriormente, passa-se a investigar as possíveis formas de ultrapassar os obstáculos e resolver os problemas. Nessa questão, objetiva-se, então, a transformação social.

Por último nível, tem-se o momento de reflexão sobre a análise, atendendo aos anseios da ACD, que anseia por uma pesquisa social crítica reflexiva. Para tanto, o ideal é verificar como as questões discursivas conectam-se com as ideologias e hegemonias nas práticas sociais, favorecendo as transformações sociais.

Em suma, nas revisões da literatura sobre o atual enquadre da ACD constatou-se que as análises críticas do discurso iniciam-se com a identificação de um problema social discursivo e posteriormente, possibilitam que sejam realizadas maneiras diversas de análises, como por exemplo: conjuntura do evento, prática social em questão e análise do discurso. Para finalizar, possibilitam investigar a função do problema, forma de superação e ainda, leva a refletir sobre as análises realizadas.

Com a intenção de corroborar para o desenvolvimento da pesquisa, no próximo capítulo, apresento informações sobre o empreendedorismo, empreendedorismo feminino, mulher no mercado de trabalho e características comportamentais das mulheres empreendedoras.

CAPÍTULO 2. ALINHAVANDO O CONTEXTO SÓCIO-HISTÓRICO DAS ATRIZES SOCIAIS

O presente capítulo tem como intuito apresentar informações sobre os estudos realizados acerca do empreendedorismo, características comportamentais das mulheres empreendedoras, o papel da mulher no mundo corporativo: ascensão e participação, identidades sociais e o estudo sobre gênero.

De acordo com a definição do dicionário Priberam (2019), empreendedorismo significa atitude de alguém que, por livre iniciativa, realiza ações e/ou métodos com a intenção de desenvolver projetos e serviços. Esse termo derivou do inglês "entrepreneur" e possui valor semântico para definir uma pessoa pró-ativa, visionária com visão mercadológica e faz tudo o que estiver ao alcance para ver sua ideia e/ou projeto realizado com êxito. Peters e Hisrich, (2004) asseguram a utilização desse termo já na Idade Média, com o intuito de designar um participante e/ou um administrador de grandes projetos de produção; no entanto, nessa época, esse empreendedor não assumia grandes riscos, apenas gerenciava os projetos.

Na interpretação de Dornelas (2005), foi a partir do século XVIII, que o termo empreendedorismo ganhou destaque e começou a ser utilizado para caracterizar pessoas inovadoras, pró-ativas, que assumem riscos constantemente. Assim, o termo em questão ultrapassou os limites do mundo corporativo e foi incorporado ao vocabulário cotidiano no contexto social do século XXI. Para Timmons²³ (apud DOLABELA, 2006, p. 312) “O empreendedorismo é uma revolução silenciosa, que será para o século 21 mais do que a revolução industrial foi para o século 20”.

Na década de 1980, mais precisamente em 81, depois das publicações sobre empreendedorismo apresentadas na conferência anual de *Babson College*, evento acadêmico em prol de pesquisas na área de negócios, com alto prestígio mundial, houve uma expansão dos estudos sobre o empreendedorismo em diversas áreas das ciências humanas e gerenciais mundialmente. Esse importante evento para as áreas econômicas ocorreu até o ano de 1988, no Canadá.

No Brasil, o advento do estudo sobre o empreendedorismo e o reconhecimento de um profissional como empreendedor ocorreu após o ano de 1990, quando o Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas (SEBRAE) entidade sem fins lucrativos, deixou de

²³ TIMMONS, J. A. Characteristics and role demands of entrepreneurship. American Journal of Small Business, v. 3, n. 1, 1978.

fazer parte da administração pública federal, tornando-se um serviço social autônomo²⁴. Além disso, o fortalecimento do empreendedorismo brasileiro ocorreu com a implementação de algumas leis: Lei Geral, também conhecida como Estatuto Nacional da Microempresa e da Empresa de Pequeno Porte, criada pela Lei Complementar Federal 123/2006 para regulamentar tratamento favorecido, simplificado e diferenciado a esse setor, conforme disposto na Constituição Federal e a Lei Complementar nº 128/2008 que alterou a Lei Geral da Micro e Pequena Empresa (Lei Complementar nº 123/2006) cria a figura do Microempreendedor Individual (SENADO, 2013).

Dornelas (2005) assevera que alguns programas e cursos também contribuíram efetivamente como apoio para a solidificação do empreendedorismo no Brasil. O autor destaca como exemplos: o programa Brasil Empreendedor do Governo Federal, os programas de capacitação EMPRETEC e Jovem Empreendedor do Sebrae e o GENESIS (Geração de Novas Empresas de Software, Informação e Serviços), da empresa SOFTEX, que foi criado com o objetivo de operar centros de geração de empresas em universidades brasileiras.

Nas revisões da literatura sobre o assunto, encontramos as afirmações de Fillion (1991), o qual salienta que muitos são os predicativos atribuídos ao termo “empreendedor”. O autor afirma ainda que há divergências quanto às atribuições ao termo e que há dificuldades para classificar os diversos tipos de empreendedores; ou seja, não existe um modelo-padrão, porém existem paradigmas. Em sua obra *Empreendedorismo: empreendedores e proprietários gerentes de pequenos negócios*, publicada em 1999, Fillion assevera que para os economistas o termo “empreendedor” está associado à inovação, já os comportamentalistas defendem a ideia de criatividade e intuição. Nesse sentido, há diferenças na caracterização de uma pessoa como empreendedora.

Além disso, faz-se necessário distinguir uma pessoa empreendedora daquela que possui um cargo de liderança dentro de uma organização, cargos administrativos, e/ou é dona de uma empresa. Dornellas (2005) afirma que Richard Cantillon, economista, escritor e banqueiro, foi um dos primeiros especialistas a diferenciar o empreendedor (pessoa que assume riscos) do capitalista (pessoa que fornece o capital). Dessas acepções, podemos inferir que a pessoa que ocupa um lugar de destaque por questão hierárquica/administrativa dentro de uma organização não pode ser considerada como empreendedora apenas por isso. Na realidade, para ser considerado um empreendedor, a pessoa precisa possuir habilidades

²⁴ Por intermédio da Lei nº 8.029, de 12 de abril de 1990, alterada pela Lei nº 8.154, de 28 de dezembro de 1990, e cuja regulamentação veio na sequência pelo Decreto nº 99.570, de 9 de outubro de 1991 (FGV, 2019).

administrativas, porém seus atributos devem transcender os paradigmas tradicionais da administração, como por exemplo, ser dinâmico, visionário, pró-ativo etc.

Assim, nesta pesquisa, considero o termo empreendedor/empreendedorismo para designar características profissionais de pessoas inovadoras, visionárias que olham para o futuro com intuito de acrescentar melhorias nas atividades desempenhadas dentro de uma empresa e/ou organização. Nesse sentido, as participantes-colaboradoras neste estudo, chamadas atrizes sociais, passam a ser concebidas como tais, pois assumem a liderança das cooperativas de reciclagem em que atuam.

Schumpeter²⁵ (1949, apud DORNELAS, 2001, p. 37) diz que o empreendedor desconsidera o que já existe para introduzir novos produtos e serviços, novas organizações e novos recursos com criatividade e inovação. Chiavenato, um dos mais renomados autores dentro do universo dos estudos referentes ao mundo corporativo diz que:

Os empreendedores são heróis populares do mundo dos negócios. Fornecem empregos, introduzem inovações e incentivam o crescimento econômico. Não são simplesmente provedores de mercadorias ou de serviços, mas fontes de energia que assumem riscos inerentes em uma economia em mudança, transformação e crescimento (CHIAVENATO, 2005, p. 4).

A partir dos conceitos sobre o termo empreendedorismo apresentados até o momento, na sequência, abordaremos as definições sobre os diversos tipos de empreendedores propostas por Dornellas (2007), publicadas no livro *Empreendedorismo na prática*. Para escrever essa obra, o autor realizou uma pesquisa com 399 empreendedores.

- O empreendedor nato (Mitológico): Início de trabalho cedo, possui grandes habilidades para negociação e vendas intrínsecas. Constroem impérios e estimam os valores e aprendizados familiares. Como exemplo, o autor destaca, no Brasil, Silvio Santos e, nos EUA, Bill Gates;
- O empreendedor que aprende (Inesperado): Depara-se, ao longo da vida, com uma oportunidade e decide arriscar e mudar de profissão, construindo seu próprio negócio. Um exemplo clássico citado por Dornellas (2007) é o aposentado ativo, que deseja empreender, começar de novo.
- O empreendedor serial (Cria novos negócios): Criativo, inovador, visionário e comunicativo, o que move esse tipo de empreendedor é a adrenalina de criar novos

²⁵ SCHUMPETER, J. **The Theory of Economic Development**. Harvard University Press, 1949.

negócios e projetos e não o status de gestor de uma grande empresa. Muitas vezes, está à frente de diversos empreendimentos, superando os obstáculos e quando esses são superados, necessita de novos desafios.

- O empreendedor corporativo: Na maioria das vezes, são pessoas que possuem cargo de gestor em grandes empresas e dominam a técnica da comunicação e venda de ideias. São líderes e administram com efetividade. Além disso, são focados em metas audaciosas, com predisposição para correr riscos e alcançarem resultados surpreendentes. Contudo, podem apresentar dificuldades na gestão de um negócio próprio, uma vez que estão acostumados com as regalias proporcionadas pelas corporações.
- O empreendedor social: Buscam um mundo melhor, seus projetos são voltados para questões humanitárias, com intuito de favorecer os que estão vulnerabilizados socialmente. As características definidoras desse perfil correspondem aos demais tipos de empreendedores, contudo, o que motiva esse tipo em específico é ver o outro realizado e não ele mesmo. São destaques nos países em desenvolvimentos, como o Brasil, criando organizações assistenciais, muitas vezes, sem fins lucrativos.
- O empreendedor por necessidade: Sem outra alternativa, vitimados por um sistema capitalista, pode ter sido demitido ou não possuir profissão definida e assim precisa criar seu próprio negócio. Os empreendimentos oriundos desses profissionais são simples, informais, prestadores de serviços com pouco retorno financeiro. Na maioria das vezes, não buscam atualização para gestão do negócio, por isso não arriscam, nem mesmo propõem planos inovadores para expansão. E ainda, não contribuem com arrecadação de impostos, permanecendo na informalidade. Esse tipo de empreendedor, de acordo com Dornellas (2007), contribui para o aumento dos problemas sociais, como por exemplo, o mercado negro de mercadorias.
- O empreendedor herdeiro (sucessão familiar): Como o nome sugere, esse empreendedor herdou a empresa da família e tem por objetivo expandir os negócios. Aprendeu na prática diária como gerir, assistindo à administração familiar. Atualmente, tem aumentado o número do cargo de gestor de empresas familiares. Nesse caso, o herdeiro pode opinar na hora de resolução, contudo, ele não está efetivamente à frente na tomada das decisões. Dois tipos de empreendedores são oriundos desse perfil: aquele que irá inovar, mudar as regras de acordo com as necessidades mercadológicas e ainda aquele tradicionalista que prefere não arriscar, não inovar.

- O normal (planejado): Ele é organizado e planejado, tem por característica principal “fazer a lição de casa” na hora do planejamento, com o objetivo de minimizar os riscos. É denominado de “normal”, pois essa característica é a que se espera de todos os empreendedores de sucesso, porque um plano de negócio bem delimitado, planejado e executado terá efetividade garantida.

A caracterização arrolada permite, nos limites desta reflexão, situar as colaboradoras-informantes enquanto empreendedoras sociais, pois conforme acepções de Dornellas (2007), essas atrizes buscam um mundo melhor, ou seja, os projetos desenvolvidos nas cooperativas são voltados para questões humanitárias, favorecem o meio ambiente e ainda, auxiliam demais pessoas que estão vulnerabilizadas socialmente. Além disso, de acordo com o referido autor, podemos ainda entender que essas mulheres possuem também as características de pessoas que empreenderam por necessidade, haja vista, terem três delas fundado as cooperativas e as outras assumido cargos de gestoras por estarem desempregadas e/ou com dificuldades financeiras, vendo na cooperativa uma oportunidade que se lhes descortinava.

No entanto, observando-se os conceitos apresentados à luz da revisão bibliográfica empreendida na literatura especializada, subsidiados, por sua vez, em autores como Chiavenato (2005), Dornellas (2007), Fillion (1991), Peters e Hisrich, (2004), Schumpeter (1949) e Timmons (1990) percebe-se que não há um consenso quanto à denominação e às características empreendedoras, mas, o termo empreendedor é entendido por eles como a capacidade que uma pessoa possui para liderar, idealizar e realizar serviços e projetos inovadores.

Assim, para corroborar com o objetivo da presente pesquisa, que é investigar como se constroem-se as múltiplas identidades sociais das atrizes sociais multitarefadas e que fatores socioideológicos são identificados nesta construção, faz-se necessário dissertar sobre as características comportamentais da mulher empreendedora, o que faremos na próxima seção.

2.2 TECENDO O PERFIL DA MULHER EMPREENDEDORA

Uma revisão bibliográfica sobre o empreendedorismo apontou que há três vertentes que estudam aspectos sobre o empreendedorismo: a econômica proposta por Joseph Alois Schumpeter, austríaco, considerado um dos mais importantes economistas do início do séc. XX; a comportamental, defendida por David McClelland, psicólogo americano, um dos primeiros estudiosos a utilizar a ciência comportamental para entender o empreendedorismo;

e a sociológica defendida por Geert Hofstede, psicólogo holandês, inspirado pelo culturalismo, e por Max Weber, jurista e economista alemão considerado um dos fundadores da Sociologia.

Nesse momento, para contribuir com os interesses da presente pesquisa, realizo uma revisão sobre a teoria de base comportamental, subsidiada pelos pressupostos teóricos do psicólogo McClelland (1987).

Em sua teoria, McClelland analisa características comportamentais empreendedoras e sua relação com o desenvolvimento socioeconômico. Verifica também como se manifestam ações e atitudes, além de aspectos criativos e intuitivos em pessoas empreendedoras. Nesse sentido, o referido autor desenvolveu pesquisas como objetivo de criar programas para capacitar empreendedores em diferentes países do mundo. Seus estudos serviram como parâmetro para o Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento (PNUD²⁶, 1988).

Em 1982, em uma parceria com a Agência para o Desenvolvimento Internacional das Nações Unidas (USAID), a Management Systems International (MSI) e a McBeer & Company, o autor iniciou um projeto, realizado em 34 países, com o objetivo de desvendar as características comportamentais empreendedoras manifestadas em empreendedores de sucesso. Esses estudos foram revistos e atualizados até 1986. Como resultado dessa última atualização, o autor agrupou as características comportamentais das pessoas empreendedoras e as denominou pela sigla (CCEs), em três conjuntos de necessidades: realização, planejamento e poder. Allemand (2007), em sua obra *Teoria Comportamental Empreendedora*, analisando as categorias propostas por McClelland, identificou os seguintes comportamentos empreendedores:

1ª Categoria: Realização Pessoal

A: Busca de oportunidade e iniciativa: pró-ativa, antecipa-se às necessidades, procura expandir produtos e serviços para áreas inovadoras, enxerga oportunidades para expansão dos negócios.

B: Exigência de qualidade e eficiência: visualiza maneiras melhores e mais eficazes para realizar atividades, supera as expectativas na realização de atividades e realiza atividades com eficiência e eficácia antes e/ou no prazo combinado.

²⁶ Órgão da Organização das Nações Unidas (ONU) que tem por mandato promover o desenvolvimento e erradicar a pobreza no mundo.

C: Persistência: Não foge frente aos obstáculos, utiliza novas estratégias para resolver obstáculos e faz o que for preciso para completar uma tarefa.

D: Correr riscos calculados: avalia alternativas e calcula riscos deliberadamente, procura diminuir os riscos e ter controle dos resultados e tem facilidade para correr riscos moderados.

E: Comprometimento: toma para si responsabilidade sobre o cumprimento de metas e resultados obtido, pratica empatia e auxilia os demais colaboradores para cumprirem as atividades propostas e atende com qualidade e eficiência.

- 2ª Categoria: Conjunto de poder, segundo Allemand (2007)

A: Persuasão e rede de contatos: utiliza estratégias de persuasão para conseguir o que deseja, sabe abstrair o que há de melhor nas pessoas para atingir o objetivo necessário e mantém relações comerciais e realiza networking.

B: Independência e autoconfiança: o empreendedor é autônomo para realizar normas, sustenta seu ponto de vista mesmo frente a ideias opostas para obter resultados e propaga confiança para realização de atividades difíceis.

- 3ª Categoria: Conjunto de planejamento, segundo Allemand (2007)

A: Busca de informações: procura pessoalmente alcançar informações sobre clientes/fornecedores/concorrentes, averigua a fundo maneiras para a criação de novos produtos e/ou serviços e consulta especialistas para obter assessoria técnica ou comercial.

B: Estabelecimento de metas: propõe metas e objetivos desafiadores, determina metas claras e mensuráveis a longo prazo.

C: Planejamento e monitoramento sistemático: planeja tarefas dividindo-as em principais e secundárias com prazos estabelecidos, reavalia os planos com frequência considerando os resultados obtidos e as mudanças necessárias para chegar ao resultado esperado e faz registros planejamentos financeiros.

Como Allemand (2007) assevera, dentre as características observadas, a necessidade de realização é a que mais se destaca em uma pessoa empreendedora, uma vez que ele sempre almeja novos objetivos, é movido pelo aspecto de mudança e envolve-se em atividades desafiadoras.

Na sequência, para identificar as múltiplas identidades das mulheres empreendedoras, atrizes sociais dessa pesquisa, apresento um recorte sobre as características empreendedoras estritamente femininas, ou seja, competências e habilidades manifestadas em mulheres que estão na gestão de empresas.

Nas revisões de literatura sobre as características comportamentais femininas, encontra-se uma pesquisa realizada em 1987, por Dra. Neider²⁷, na Flórida, com 52 empreendedoras, patrocinada, em conjunto, pelo Instituto de Inovação e Empreendedorismo e pelo Programa de Afiliação Corporativa da Escola de Administração de Empresas da Universidade de Miami. Nesse trabalho, a autora realizou entrevista semiestruturada e testes psicológicos para identificar o perfil da mulher empreendedora. Os resultados apontaram que o comportamento das empreendedoras é marcadamente ativo e persistente. Além dessas características, a necessidade de realização pessoal e a propensão por influenciar os outros, a autonomia e a dominação reforçam os resultados divulgados nos estudos de McClelland (1987) e Allemand (2007), enquadrando-se na segunda categoria, denominada conjunto de poder.

Ainda sobre essa questão comportamental corroboram com os estudos anteriores os apontamentos da pesquisa denominada *Empreendedoras e seus negócios: perfil do empreendedorismo feminino no Brasil*²⁸ organizada pela Rede Mulher Empreendedora (2017)²⁹. O objetivo dessa pesquisa foi entender o perfil das empreendedoras femininas brasileiras e traçar um panorama sobre as dificuldades encontradas por elas no contexto de multitarefas, ou seja, profissional *versus* pessoal. Os resultados revelaram que as razões emocionais e realizações pessoais são predominantes para empreender, pois 66% das participantes afirmaram trabalhar com o que gostam e isso lhes dá prazer e outras 34% disseram que empreender é a realização de um sonho.

Sobre a questão da multitarefa, no tocante às características especificamente femininas, a pesquisa realizada pela Rede Mulher Empreendedora (RME, 2018) revelou que as mulheres realmente realizam jornada dupla, pois precisam conciliar o trabalho e família.

²⁷ Presidente do Departamento de Recurso Gerais, Administração e Organização da Universidade de Miami em Coral Gables, Flórida.

²⁸ Pesquisa quantitativa, *online*, realizada no território nacional, em 2017, com uma amostra quantitativa de 800 mulheres, financiada pelas empresas Avon, Itaú e Facebook e organizada pela Rede Mulher Empreendedora.

²⁹ A primeira e maior rede de apoio ao empreendedorismo feminino do Brasil com aproximadamente 300 mil participantes. Oferece site de conteúdo, dicas, notícias e fóruns de discussões. Promove eventos de networking, cursos, mentorias, inspiração, com o propósito de empoderar empreendedoras gerando independência financeira e de decisão sobre seus negócios e suas vidas. Também realiza parcerias com empresas que acreditam na causa do empreendedorismo feminino para levar oportunidades e facilidades para as mulheres.

Segundo os dados estatísticos, elas dedicam uma média de 7 a 9 horas/dia às atividades profissionais e depois entre 2 a 3 horas a mais para família. Baseando-se nesses dados, infere-se que a mulher empreendedora dedica pouco ou quase nenhuma hora diária para atividades relacionadas ao seu bem estar pessoal.

Tais afirmações corroboram com a Nota Técnica publicada pelo IPEA, em março de 2016, ao apontar que as mulheres sempre desempenharam e desempenharão, por muito tempo, excesso de atividades, tanto no contexto profissional, como no familiar, superiores às atividades desenvolvidas pelos homens. No que diz respeito à relação/equação entre vida profissional e familiar, esta é apresentada nos estudos de Boaventura (2010) como natural nas práticas laborais femininas, conforme assevera a pesquisadora:

A dupla jornada de trabalho não implica que a mulher vá priorizar o negócio, deixando de lado as atividades ligadas à vida familiar. Por não conseguir delegar responsabilidades, há sobrecarga de trabalho e estresse. Este fato não interfere na relação entre a vida pessoal e a vida profissional porque, segundo as empreendedoras, isso se deve à capacidade que as mulheres têm de processar vários assuntos ao mesmo tempo e de desempenhar diferentes papéis simultaneamente (BOAVENTURA, 2010, p. 47).

No entanto, de acordo com a autora, as mulheres ainda apresentam culpa pelo sucesso alcançado profissionalmente, mas, mesmo assim, buscam realização pessoal e são autoconfiantes.

Essa reflexão sobre o comportamento da mulher multitarefada também foi divulgada por meio de um estudo realizado por Barbara Schneider³⁰ e Shira Offer³¹ e publicado na *American Sociological Review*, 2011. Essa pesquisa contou com uma amostra quantitativa de 500 famílias urbanas e suburbanas dos Estados Unidos. Os resultados apontaram que as mulheres que trabalham fora realizam atividades duas vezes mais que os homens, demonstrando que ainda existe a desigualdade entre os sexos. Além disso, 52,7% de todas as multitarefas referem-se às atividades relacionadas à casa, exigindo mais trabalho das mulheres, ou seja, quase metade do tempo da segunda jornada é direcionado às atividades domésticas. Na sequência, foi constatado que elas ainda dedicam 42,2% do tempo ao marido

³⁰ Professora Ph.D., pela Northwestern University, universidade privada localizada em Evanston, Illinois, Estados Unidos. Interessa-se pela área sociológica com intuito de entender as condições sociais e as interações interpessoais que criam normas e valores para melhorar o capital humano e social.

³¹ Professora sênior do Departamento de Sociologia e Antropologia da Universidade Bar-Ilan, em Israel. Recebeu seu Ph.D. em Sociologia pela Universidade de Chicago em 2006. Suas pesquisas objetivam assuntos referentes a redes pessoais, apoio social, trabalho e família, parentalidade e desigualdade de gênero. Preocupa-se em entender como o atual clima social e econômico afeta o bem-estar e o funcionamento de famílias de diferentes origens socioeconômicas.

e, por fim, 35,5% do tempo é dedicado aos filhos. De acordo com as autoras, as entrevistadas manifestaram emoções negativas, sofrimento psicológico e estresse por realizarem as multitarefas, porém manifestaram otimismo acima de tudo.

A pesquisa denominada *Quem são elas: uma visão inédita do perfil da mulher empreendedora no Brasil*,³² realizada pela RME (2016), também apontou que as mulheres recebem pouco ou quase nenhuma ajuda dos maridos na realização das atividades domésticas e ainda que, com o crescimento dos filhos e separações as atividades são todas realizadas por elas.

Outra pesquisa denominada *Retrato das Desigualdades de Gênero e Raça*³³ feita Instituto de Pesquisa Econômica e Aplicada – IPEA (2015) com base no número da Pesquisa Nacional de Amostra por Domicílio, corrobora os apontamentos anteriores ao revelar que a mulher conquistou espaço no mundo do trabalho, contudo precisa realizar dupla jornada (soma das horas de trabalho remunerado às horas dedicadas ao trabalho doméstico não-remunerado). Os dados mostraram que a mulher trabalha semanalmente 7,5 horas a mais que o homem. É válido ressaltar que, de acordo com os dados da pesquisa, esse percentual de horas dedicadas aos afazeres domésticos é maior entre as mulheres com rendas de até 1 salário mínimo. Nesse sentido, a diminuição do tempo gasto com as atividades domésticas pelas mulheres com rendas superiores a 8 salários mínimos, segundo o IPEA, justifica-se por possuírem condições financeiras de contratar empregadas domésticas e/ou recorrer aos eletrodomésticos.

Ainda sobre o trabalho doméstico não remunerado, o IPEA salienta que esse é um padrão predominante da sociedade brasileira. Mas isso Angela Davis³⁴ já havia discutido em seu livro *Mulher, Raça e Classe*, publicado originalmente em 1981, no capítulo 13, *A aproximação da obsolescência do trabalho doméstico: a perspectiva da classe trabalhadora*. Na obra, a autora salientava que as inúmeras tarefas domésticas não remuneradas consomem três a quatro mil horas anuais de uma mãe de família e continua sendo um trabalho opressor e invisível, ou seja, o capitalismo não alterou, em termos qualitativo, o trabalho doméstico não-

³² Pesquisa quantitativa, *online*, com 1376 mulheres, realizada no âmbito nacional, entre 31/7 a 29/08/2016. Foi organizada pela RME e patrocinada pelas empresas: AVON, ITAÚ e FACEBOOK

³³ Estudo que o Ipea produz desde 2004 em parceria com a ONU Mulheres, objetiva divulgar dados sobre diferentes temáticas da vida social, com os recortes simultâneos de sexo e cor/raça. A maior parte dos dados disponíveis apresentam séries históricas de 1995 a 2015, os últimos 20 anos de Pnad.

³⁴ Ativista, fez parte do grupo Panteras Negras e do Partido Comunista dos Estados Unidos. É uma das principais vozes que analisam as condições de negros e negras por um viés interseccional.

remunerado. Portanto, a questão do trabalho doméstico invisível não parece ser um padrão somente brasileiro, mas sim de uma sociedade machista quase que mundial.

Dentre tantos outros atributos considerados essencialmente femininos, alguns dos quais já referidos no escopo desta dissertação, é a atenção aos detalhes e à visão sistêmica que caracterizaria a peculiaridade relativa às práticas femininas, o que, no contexto do empreendedorismo, fariam as mulheres enxergar oportunidades e propor melhorias para a empresa. Consoante a essa reflexão, Machado (2002) salienta que as empreendedoras exigem muito de si e das pessoas a sua volta, desenvolvendo com maestria as múltiplas funções.

A pesquisa denominada *Empreendedora e seus negócios: importante estudo sobre o empreendedorismo feminino no Brasil*³⁵, em sua 3ª edição divulgada pela RME (2018), também apontou que as razões mais significativas para uma mulher empreender e estar à frente de um negócio são: flexibilidade de horários, conciliação entre trabalho e família e também a realização de um sonho por desenvolver uma atividade que lhe dá prazer.

Outro dado importante divulgado nessa pesquisa, refere-se ao fato de os recursos oriundos desse empreendimento serem o pilar financeiro da família. Assim, constatou-se que três em cada dez negócios representam o sustento da família e ainda, quatro de cada seis negócios são a única fonte de renda familiar, reforçando, portanto, o *status* da mulher empreendedora mantenedora financeira do lar.

Essa questão da mulher como provedora do sustento econômico familiar também foi constatada na pesquisa *Retrato das Desigualdades de Gênero e Raça*³⁶ feita pelo Instituto de Pesquisa Econômica e Aplicada, 2015, com base no número da Pesquisa Nacional de Amostra por Domicílio. Os dados apontam que o número de lares chefiados por mulheres aumentou de 23% para 40%, no território urbano; já na zona rural esse número aumentou de 15% para 25% entre os anos de 1995 e 2015. Vale ressaltar que em 34% dos lares havia a presença do marido, reforçando os indicativos de que as mulheres mantêm a casa financeiramente mesmo sendo casadas.

Uma pesquisa publicada pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), baseada na Pesquisa Nacional de Amostra de Domicílio Contínua, apontou que em quinze anos, as famílias na quais as mulheres são as provedoras financeiras aumentou

³⁵ Pesquisa quantitativa, *online*, composta por um questionário de 63 perguntas de autopreenchimento, realizada entre 21/7 e 12/08/2018, no Brasil, com 2 mil mulheres. Essa pesquisa realizada pela RME foi patrocinada pela empresa AVON.

³⁶ Estudo que o Ipea produz desde 2004 em parceria com a ONU Mulheres e que objetiva divulgar dados sobre diferentes temáticas da vida social, com os recortes simultâneos de sexo e cor/raça. A maior parte dos dados disponíveis apresentam séries históricas de 1995 a 2015, os últimos 20 anos de Pnad.

significativamente. Em 2001, mais ou menos 14,1 milhões de lares eram chefiados por elas. Em, 2015, essa situação corresponde a pelo menos 28,9 milhões, ou seja, um avanço de 105%.

Infere-se, portanto, que esse fenômeno das mulheres como responsáveis pelo lar está em ascensão e acontece em virtude de alterações no comportamento social, revelando um modelo de família menos tradicionalista, ou seja, a mulher está revendo sua posição na esfera familiar. Além disso, estão sendo reconhecidas dentro de seus lares como pessoas de referência, conforme salienta o pesquisador, demógrafo e coordenador pela Escola Nacional de Seguros, ao publicar seu estudo sobre o número de famílias chefiadas por mulheres, baseado nos dados da Pesquisa Nacional de Amostra de Domicílio (Pnad), do IBGE:

A gente sabe que as mulheres reverteram algumas desigualdades de gênero e reduziram outras. Na educação, elas superaram os homens em todos os níveis educacionais. Tem mais mulher no mercado de trabalho. Em termo de rendimento, elas reduziram a desigualdade. Então, de fato, esse crescimento das mulheres chefes de família nas famílias de núcleo duplo tem a ver, sim, com empoderamento, maior educação e maior participação no mercado de trabalho (ALVES, 2018, *online*).

O referido pesquisador salienta ainda que, anteriormente, em uma sociedade patriarcal, as casas que eram chefiadas por mulheres decorriam de vulnerabilidade social, ou seja, muitas vezes, as mulheres tinham sido abandonadas pelos maridos e precisavam manter a casa financeiramente por necessidade. No entanto, esse arranjo familiar mudou, e, atualmente, há aumento significativo da mulher como mantenedora financeira, nos lares onde há cônjuge, o que aponta transformações culturais e redução de desigualdade de gênero no mercado de trabalho. Para Maria Helena Monteiro, diretora de Ensino Técnico da Escola Nacional de Seguros e coordenadora do estudo citado "Eu costumo dizer que o homem da casa no século XXI é a mulher. Isso tem a ver com o avanço na educação, as mulheres estão competindo por empregos melhores". Contudo, ela observa que há muitos desafios na área de políticas públicas para ser alcançados e ainda, defende a importância de políticas públicas de cuidados, em virtude do acúmulo de tarefas.

2.3 MODELANDO O PAPEL DA MULHER NO MUNDO DO TRABALHO: ASCENSÃO E PARTICIPAÇÃO

Após a Revolução Industrial, na Inglaterra, século XVIII, mais especificamente entre 1802 a 1848, tivemos o surgimento dos direitos trabalhistas, consequência de um movimento social que objetivava melhorias para as pessoas que trabalhavam nas fábricas, pois, nesse

período a desigualdade social e econômica já tomava conta de quase toda a Europa. Amauri Nascimento em seu livro *Curso de Direito do Trabalho* (2010), assevera que entre 1917 e 1927 aconteceu o período de constitucionalização dos direitos trabalhistas e a criação da Organização Internacional do Trabalho (OIT). Na década de 1970, houve o início das flexibilizações das normas trabalhistas. No Brasil, somente após a abolição da escravatura, período de economia tipicamente rural, é que tivemos o surgimento do direito do trabalho regulamentado. Porém, somente em 1º de maio de 1943 é que foi sancionada, pelo presidente Getúlio Vargas, a Consolidação das Leis do Trabalho (CLT), a partir do decreto 5.452, com o objetivo de regulamentar as leis referentes ao direito trabalhista e processual do trabalho no país.

Com relação à entrada histórica da mulher no mercado de trabalho, estudiosos da área como Priore e Bassnezi (1997) e Barros (2010) asseveram que foi no período posterior ao término das duas grandes Guerras Mundiais (1914-1918 e 1939-1945) que as mulheres precisaram efetivamente assumir os comandos da família e chefiar a casa, o que anteriormente era tarefa exclusivamente masculina, em uma sociedade tradicionalista defensora da cultura patriarcal. Em virtude disso, com a consolidação do sistema capitalista e o grande crescimento das indústrias, elas saíram da esfera dos seus lares e foram trabalhar fora. Na maior parte das vezes, desempenhavam trabalho tipicamente escravo nas fábricas, já que cumpriam jornadas de trabalho de dez, doze e/ou quatorze horas seguidas. Como se não bastasse, ainda recebiam valor salarial inferior aos pagos aos homens no desempenho de função equivalente, conforme destacam Priore e Bassnezi (1997). Consoante a essa afirmação, Davis (2016) ressalta que as mulheres, nessa época, operavam máquinas por salários injustos durante o dia e à noite faziam o trabalho doméstico invisível sem remuneração, acumulando jornadas de trabalho, o que se estende aos dias atuais, já que pesquisas demonstram que o número de horas trabalhada pelas mulheres no cumprimento das tarefas domésticas ultrapassa as horas dedicadas pelos homens aos mesmos afazeres.

No Brasil, no ano de 1922, foi criada a Federação Brasileira pelo Progresso Feminino, que objetivava defender o sufrágio e o direito ao trabalho sem a autorização do marido. Posteriormente, em 1945, foi publicada a Carta das Nações Unidas: Igualdade de direitos entre homens e mulheres. Mais tarde, em 1951, foi criada a Convenção sobre a Igualdade de Remuneração, pela Organização Internacional do Trabalho, que tinha como intenção defender a igualdade de remuneração entre trabalho masculino e feminino ao desempenhar a mesma função, sem discriminação de sexo.

Na década de 1960, a Europa ficou marcada por intensas greves, nas quais as mulheres manifestavam resistências às condições de trabalhos insalubres e à desvalorização financeira no exercício das suas funções laborais. Como exemplo, na Inglaterra, as operárias da fábrica da Ford em Dageham, apoiadas nas acepções dos movimentos feministas, que lutavam por melhores condições trabalhistas e direitos civis, fizeram uma greve objetivando melhores condições de trabalho e igualdade salarial. Como resultado desse movimento, em 1970, as mulheres conquistaram o direito de receber o equivalente a 70% do salário pago aos homens. Juntam-se com essas reflexões as acepções de Alves (2018), ao afirmar que a estrutura familiar do século XXI está sendo remodelada, uma vez que a mulher está conquistando seu espaço no mundo do trabalho.

A libertação econômica da mulher é um fato confirmado e sua participação do mercado de trabalho cresceu muito nos últimos anos. Segundo o IBGE (2016), em 1950, a representatividade feminina no mercado de trabalho correspondia a 13,6%, enquanto que a participação masculina era de 80,8%. Dados estatísticos publicados pela Organização Internacional do Trabalho (OIT), em março de 2018, apontaram que a participação das mulheres na força de trabalho ficou em 48,5%, mas ainda é bem menor se comparada à participação masculina. No Brasil, de acordo com o Ministério do Trabalho, em 2016 a participação da mulher em situação formal cresceu para 44% comparado ao ano de 2007 que ficara na casa dos 40,8%. Além disso, a pesquisa destacou que a mulher, no serviço formal, supera os homens nos setores de administração pública e serviços, já no comércio a participação fica equilibrada.

Analisando os dados da referida pesquisa, Deborah Greenfield, diretora adjunta de políticas da OIT, afirma que as mulheres conquistaram seus espaços, contudo ainda estão longe de conseguir direitos iguais aos dos homens, seja no mundo do trabalho e/ou por discriminação. Para ela, é de extrema urgência que sejam implementadas políticas adaptadas às mulheres com o objetivo de defender as desigualdades no mundo do trabalho e nas questões relacionadas às atividades domésticas invisíveis. Tais afirmações vão ao encontro da divulgação de uma pesquisa denominada *Índice Global de Desigualdade de gênero*, realizada pelo Fórum Econômico Mundial, em 2015, a qual apontou que o Brasil ficou em 85º colocação (ou seja, o segundo pior país) em ranking de desigualdade salarial entre o sexo masculino e feminino. No estudo divulgado, também constatou-se que a igualdade de gênero, no mundo, só será possível mais ou menos em 2095.

Outra situação importante destacada na publicação da OIT (2018), refere-se à questão do aumento de mulheres em trabalhos informais, familiares, ou mesmo em condições

vulneráveis, muitas vezes sem contratos regidos pela legislação trabalhista e/ou acordos coletivos. Essas dificuldades também são percebidas ao analisar o papel da mulher em cargos de gestão, pois elas enfrentam diversas barreiras para chegarem a essa função. Essa situação aponta para desigualdades significativas de gênero em relação a salários e proteção social, conforme apontam os dados publicados pelo IBGE (2016), ao estimar que o rendimento médio mensal dos homens fica em torno de R\$ 2.306, enquanto que o das mulheres cai para R\$ 1.764. Damian Grimshaw, diretor do Departamento de Pesquisa da OIT, salienta que os desafios e obstáculos persistentes que as mulheres enfrentam irão reduzir a possibilidade de as sociedades desenvolverem caminhos para alcançar crescimento econômico com desenvolvimento social. Consoante à essa reflexão é o propósito firmado pelo G20³⁷, o qual objetiva reduzir, até 2030, ao menos 25% da desigualdade relacionada à mulher no mundo do trabalho.

Contudo, mesmo inseridas nesse contexto de dificuldades e discriminação, as mulheres lutam e não desistem frente aos obstáculos. É o que apontam os resultados da *Women in Business*³⁸, 2017, realizado pela Grant Thornton Internacional. De acordo com a pesquisa, elas alcançaram o maior porcentual em cargos de lideranças nas organizações (25% mundialmente) mas a participação feminina ainda é pequena e a mudança está morosa. No Brasil, estudos revelam que a mulher na função de líder corresponde a 19%. Os resultados mostram ainda que é nos países em desenvolvimento que a diversidade de gênero está diminuindo com mais rapidez, quando comparada aos países desenvolvidos. De acordo com afirmação de Elena Proskurnya, sócia-gerente da FBK Grant Thornton, Rússia, a dificuldade de mudança postural relacionada à mulher na gestão de empresas é muito alta, porque o conceito de sistema patriarcal ainda é muito forte em números significativos de países desenvolvidos, por isso, justificam-se as dificuldades encontradas pelas mulheres para exercerem a profissão almejada e assumirem cargos de lideranças. Um exemplo típico desse cenário é o Japão, país totalmente desenvolvido, no entanto, lá a participação feminina nos cargos de gestão e liderança é de apenas 7%.

Assim, de acordo com o que foi exposto, as mulheres buscam, cada vez mais, sua inserção no mundo do trabalho, pois precisam conseguir sustentar a família, reconhecimento

³⁷ Grupo formado por representantes das 19 maiores economias do mundo mais a União Europeia: África do Sul, Alemanha, Arábia Saudita, Argentina, Austrália, Brasil, Canadá, China, Coreia do Sul, Estados Unidos, França, Índia, Indonésia, Itália, Japão, México, Reino Unido, Rússia, Turquia e União Europeia.

³⁸ Pesquisa feita com 5.500 executivos, em 36 das principais economias mundiais. É realizada anualmente e objetiva analisar o cenário de participação das mulheres na liderança das organizações.

profissional e acima de tudo, o fator mais motivador é a satisfação pessoal, ou seja, a realização de um sonho.

Nesse sentido, para corroborar com objetivo da pesquisa, na sequência, apresento informações sobre os estudos relacionados às identidades sociais e identidades de gênero.

2.4 IDENTIDADES SOCIAIS E IDENTIDADES DE GÊNERO

Os estudos sobre as identidades são pertinentes para a realização desse trabalho, pois de acordo com as acepções da ACD, um dos efeitos constitutivos do discurso é o de colaborar para a construção de identidades sociais.

Woodward (2000) assevera que o estudo sobre a identidade é de extrema importância nas discussões contemporâneas, principalmente no que se refere às reconstruções globais de identidades nacionais, étnicas e ainda, aos movimentos sociais que objetivam reafirmar identidades culturais e pessoais.

Para a referida autora, a identidade é tanto simbólica quanto social. Enquanto social, diz respeito às práticas e relações sociais. Como simbólica, refere-se aos recursos utilizados para dar sentido a essas práticas e relações sociais. Woodward (2000) salienta ainda que, para entender o funcionamento da identidade, é necessário definir suas dimensões, ou seja, investigar os sistemas combinatórios, que possuem a função de moldar a maneira como as relações são organizadas e divididas. Assim, ela observa que esse processo de investigação seja iniciado analisando como a identidade e a diferença integram o “Circuito da Cultura” e como são forjadas a partir de representações simbólico-discursivas.

Woodward (2000) observa que esse circuito/esquema, de natureza metodológica, foi desenvolvido por Paul du Gay (1997) para conceituar a formação da identidade. De acordo com esse conceito, portanto, o entendimento exato de um texto ou artefato cultural só acontece quando há análises dos seguintes processos: representação; identidade; produção; consumo e regulação. No entanto, como é um circuito, todas as etapas estão interligadas e não existe ordem exata para iniciar o processo de averiguação.

Figueiredo (2009) destaca que a representação produz significado sobre mundo e também às identidades sociais, por meio do sistema simbólico (verbal, visual, etc). Assim, o discurso constitui e dissemina sistemas simbólicos, ou seja, é imprescindível para o processo de formação de identidades. Nesse sentido, para analisar esse aspecto, é necessário entender a

relação entre cultura e significado. Para Hall (2003), são esses significados culturais que justificam as nossas experiências e permitem ser o que somos ou o que podemos ser.

Já os produtos culturais e as identidades associadas a eles são produzidos culturalmente e ainda tecnicamente, porque objetivam atingir o público-alvo, que se identificam com eles. Por fim, os artefatos culturais, por meio de suas representações, regulam a vida social, as identidades associadas e também articulam a produção e o consumo.

Hall (2003) assevera que as identidades sociais, ou seja, as posições identitárias estão associadas às mudanças sociais, culturais e econômicas, características da pós-modernidade. De acordo com Hall (2003), as identidades são afetadas por situações diversas, uma vez que são construídas historicamente e socialmente. Ao encontro dessas acepções, Fairclough (2001) salienta que os discursos, além de refletirem e representarem identidades e relações sociais, também constroem e/ou as constituem, ou seja, representam, agem e identificam

Sobre identidade e diferença, Woodward (2000) assevera que o sistema classificatório ao ser utilizado como princípio diferenciador em uma população, é capaz de dividi-la pelo menos em dois grupos opostos. Para a autora, “a classificação simbólica está [...] intimamente ligada à ordem social” (WOODWARD, 2000, p. 46). Consoante a essas acepções Figueiredo (2009) defende que é por meio da diferença que as pessoas e as coisas são posicionadas e classificadas socialmente. Nesse sentido, os sistemas classificatórios sociais são alicerçados na diferença entre categorias binárias: dentro/fora, homem/mulher, rico/pobre.

O início do feminismo, como movimento social e político, aconteceu a partir da Revolução Francesa. O objetivo dessa primeira onda era o sufrágio. As mulheres lutavam pelo direito ao voto, que aconteceu, em 1893, na Nova Zelândia. Em 1920, nos EUA, aconteceu o Sufrágio Feminino americano. No Brasil, em 1922, nasceu a Federação Brasileira pelo Progresso Feminino, que lutava pelo sufrágio e o direito ao trabalho sem a autorização do marido. Foi no governo de Getúlio Vargas, em 1932, que as mulheres brasileiras conquistaram o direito ao voto. Mais tarde, em 1945, foi publicada a Carta das Nações Unidas: Igualdade de direitos entre homens e mulheres. Em 1949, na França, Simone de Beauvoir, publicou o livro “O Segundo Sexo”. O objetivo desse livro foi defender a posição social da mulher, argumentando que ela não é o “segundo sexo ou o “outro” por diversas razões sócio-históricas”. Em meados da década de 1950, a Organização Internacional do Trabalho aprovou a igualdade de remuneração entre trabalho masculino e feminino para o desempenho da mesma função.

Na década de 1960, houve um advento da segunda onda do movimento feminista, a partir da publicação do livro de Betty Friedan, “*A mística Feminina*”, em 1971. Nesse livro, ela

criticou a ideia de mulher mistificada, discutiu a crise identitária feminina, rejeitando a mulher como simples objeto de reprodução e submissão ao casamento e ao marido. Esse movimento objetivou buscar transformações sobre as condições femininas nos planos econômicos, sociais e culturais. Expandiu, portanto, as discussões sobre a ascensão e valorização da mulher no mundo do trabalho, contra a violência sexual, além de lutar contra a ditadura militar.

Assim, os estudos sobre a questão de gênero ganharam destaque. Hoje, é considerada uma área de pesquisa solidificada em todo o mundo em diversos campos, como por exemplo, sociologia, psicologia, antropologia, estudos literários e linguísticos.

Mais tarde, a partir da década de 1990, iniciou-se a terceira onda do feminismo, a qual perdura até os dias atuais. Teve como precursora Judith Butler, como uma das principais teóricas desses preceitos contemporâneos. Nesse terceiro momento, objetiva-se desconstruir a imagem de mulher como categoria unificada. Além disso, defende-se um feminismo interseccional com destaque para as mulheres negras e de terceiro mundo.

Soma-se a esses objetivos o discurso proferido por Sojourner Truth, abolicionista e ativista dos direitos das mulheres, em 1851, “E eu não sou uma mulher?” ao defender seu direito e a posição social da mulher negra, frente a um pastor machista que pregava que as mulheres eram frágeis e intelectualmente débeis, por esse motivo não poderiam ter os mesmos direitos que os homens.

No Brasil, Djamila Ribeiro, pesquisadora na área de Filosofia Política e feminista, tornou-se conhecida por ser ativista do feminismo negro, movimento social que chama a atenção para a divisão sexual do trabalho. Paralelo ao Feminismo Negro, temos o Feminismo Pós-Colonial e/ou de Terceiro Mundo. Mohanty (2003) é uma das principais vozes defensoras desse movimento. De acordo com a referida autora, as experiências e opressões não podem ser igualizadas, pois como exemplifica, dentro de um mesmo universo, as experiências vivenciadas são diferenciadas, porque o contexto histórico e as diferenças culturais. Para os defensores desses movimentos, usar a designação “mulher” como grupo homogêneo para discussão feminista favorece apenas a questão de gênero e não acrescentam as diferenças raciais e étnicas às preocupações em prol do universo feminino no mundo.

Sobre as identidades de gênero, Figueiredo (2009) assevera que o gênero é um sistema binário que divide os seres humanos em duas categorias: homem e mulher. Assim, “é através do dualismo que as mulheres são construídas como ‘outras’, de forma que são aquilo que os homens não são, segundo a teoria psicanalista lacaniana” (WOODWARD, 2000, p. 52).

Coadunam-se com essas reflexões as acepções de Figueiredo (2009), pois, segundo ela, do ponto de vista dos estudos de gênero e dos estudos identitários, os textos, bem como as

representações culturais que eles constroem são espaços privilegiados para explorar as possibilidades abertas para os indivíduos em sua constituição como sujeitos de gênero. Portanto, na visão feminista, o gênero seria a construção cultural ou social do sexo. Já do ponto de vista antropológico/sociológico, o gênero é um conjunto de significados que nosso sexo assume em cada sociedade, organizados como ‘masculinidade’ e ‘feminilidade’. Assim, para a referida autora, pertencer a um gênero é um ato performativo, uma vez que os gêneros são realizados de forma contínua nas interações sociais

Nesse sentido, ao investigar os discursos dessas mulheres multitarefadas e arrimos de famílias, nessa perspectiva, conseguirei identificar como são construídas as múltiplas identidades sociais e além disso, entender como elas estão agindo e construindo suas realidades sociais.

CAPÍTULO 3. MOLDANDO A PESQUISA

Este capítulo será dividido em três partes para apresentar como esta colcha de retalhos foi moldada e os procedimentos metodológicos a partir das questões de pesquisa e dos objetivos traçados. Primeiramente, serão costurados o conceito de abordagem qualitativa e o modo de investigação, à luz do problema que serviu de materialidade palpável para a tessitura desse projeto. Logo após, aplicarei os retalhos metodológicos utilizados para realização do trabalho de campo, a organização do *corpus* e a descrição sobre os instrumentos utilizados para coleta de dados, classificação das atreizes sociais. Por último, estão as questões propostas nas narrativas de vida, organizadas por eixos temáticos relacionados ao contexto social, no qual elas estão inseridas.

3.1 A ESCOLHA DO MÉTODO DE COSTURA

Este empreendimento acadêmico, ao voltar seu foco para mulheres que fazem da reciclagem seu sustento e atividade laboral para o arrimo familiar, apoia-se na perspectiva social crítica para os estudos linguístico-discursivos. Fundamenta-se, conforme venho destacando, no arcabouço teórico-metodológico da ACD sugerido por Chouliaraki e Fairclough (1999) e Fairclough (1991, 1997, 2000, 2001, 2003, 2006 e 2008).

Ao propor uma abordagem centrada nos significados acional, representacional e identificacional da linguagem, Fairclough mostra que os discursos figuram como uma parte das práticas sociais nos modos de agir, modos de representar e modos de ser dos sujeitos envolvidos.

Os sujeitos sociais em foco neste estudo são, portanto, abordados por meio de “entrevista narrativa semiestruturada”, com o objetivo de identificar os “significados acionais, representacionais e identificacionais” presentes nas práticas linguístico-discursivas das colaboradoras entrevistadas para levar a cabo esta pesquisa.

Sendo assim, as narrativas de vida disponibilizadas nas entrevistas colhidas mostram-se pertinentes ao estudo do problema social abordado, qual seja, os posicionamentos assumidos para a parcela feminina da sociedade como multitarefadas e a sua contraparte/abrangência discursiva. Ao se referir ao significado representacional, a ACD o associa ao conceito de discurso “como modos de representar aspectos do mundo— os processos, relações e estruturas do mundo material, o ‘mundo mental’ dos pensamentos,

sentimentos, crenças, etc., e o mundo social” (FAIRCLOUGH, 2003, p. 124). Para o estudioso, diferentes discursos são diferentes perspectivas do mundo, associadas a diferentes relações que as pessoas estabelecem com o mundo. Isso depende das posições que elas ocupam no mundo, de suas identidades pessoal e social, e das relações que estabelecem com outras pessoas.

O estudo tem por escopo investigar:

- a) Por um lado como as atrizes sociais, que assumem papéis de gestoras profissionais e/ou mantenedoras do lar, retratadas metaforicamente na colcha de retalhos que pretendo coser, abordam em suas práticas linguísticas identidades pessoais e sociais que as caracteriza relativamente aos discursos que ecoam na sociedade.
- b) Por outro lado, meus interesses se voltam para os seus modos de se relacionarem com outros sujeitos que, em condições propícias, as posicionam enquanto atrizes sociais nos desdobramentos laborais.

Para a realização da análise linguístico-discursiva dos dados a serem recortados das narrativas de vida das atrizes sociais em foco neste estudo, considerando a construção de suas múltiplas identidades sociais, foi utilizada uma abordagem qualitativa na área da linguagem e sociedade que permite fazer uso do texto como material empírico. Dessa forma, estando esta pesquisa pautada nos valores experienciais retratados nos textos, ou seja, nos conhecimentos e crenças dos produtores de textos, ao modo de representação da realidade social ou natural conforme os sujeitos de linguagem as experimentam, ressalto a adequação da abordagem qualitativa aos propósitos de levar a cabo esta pesquisa.

Além disso, essa abordagem é imprescindível para a construção e análise do *corpus*, uma vez que, possibilita a interpretação da realidade social, conforme assevera Flick:

A pesquisa qualitativa é de particular relevância ao estudo das relações sociais devido à pluralização das esferas de vida. As expressões chave para essa pluralização são “a nova obscuridade” (Harbemas, 1996), a crescente individualização das formas de vida e dos padrões biográficos (Beck, 1992) e a dissoluções de “velhas” desigualdades sociais dentro da nova diversidade de ambientes, subculturas, estilos e formas de vida (FLICK, 2009, p. 20).

Corroborando com a pesquisa, consideramos as acepções de Silverman (2009) quando diz que os pesquisadores qualitativos desenvolvem “sensibilidade contextual”, pois a pesquisa qualitativa precisa ocorrer de forma natural com intuito de encontrar as repostas norteadoras

para as perguntas de pesquisa. Consoante às afirmações de Silverman (2009), Flick (2009) também assevera que as pesquisas qualitativas são construídas mediante os enfoques adotados pelos pesquisadores e a intenção de compreender a realidade social dos participantes da pesquisa, por isso não há a necessidade de se ter um conceito e/ou hipótese definidos, pois eles serão construídos no decorrer no desenvolvimento da pesquisa. Em função disso, a presente pesquisa não tem hipótese definida, contudo, procurou entender a realidade na interpretação dos dados, adequou os métodos e técnicas para atender às necessidades das entrevistadas. Nesse particular, para Flick (2009), existem três parâmetros para a análise, particularmente utilizados em pesquisas qualitativa, conforme exemplificado do quadro 2:

QUADRO 2 PERSPECTIVA DE PESQUISA NA PESQUISA QUALITATIVA

	Abordagem aos ponto de vista subjetivos	Descrição de produção de situações sociais	Análise hermenêutica das estruturas subjacentes
Posturas Teóricas	Interacionismo simbólico fenomenologia	Etnometodologia Construtivismo	Psicanálise Estruturalismo genético
Métodos de coletas de dados	Entrevistas semiestruturadas entrevistas narrativas	Grupos focais Etnografia Observação participante Gravação de interações Coleta de documentos	Gravação de interações Fotografia Filmes
Métodos de interpretação	Codificação teórica Análise de conteúdo Análise narrativa Métodos hermenêuticos	Análise de conversação Análise de discurso Análise de gênero Análise de documentos	Hermenêutica objetiva Hermenêutica profunda
Campos de aplicação	Pesquisa biográfica Análise de conhecimento cotidiano	Análise das esferas de vida e de organizações Avaliação Estudos Culturais	Pesquisa de família Pesquisa biográfica Pesquisa geração Pesquisa de gênero

FONTE: Flick (2009, p. 30).

Assim, o quadro explicativo proposto por de Flick (2009) contribui para o objetivo dessa pesquisa que é investigar as situações/relações sociais e como se constroem as múltiplas identidades sociais dessas atrizes sociais multitarefadas, além de analisar como os fatores socioideológicos são identificados nesta construção. Nesse sentido, parto da premissa, anunciada por Fairclough (1991, p. 112), segundo a qual, ao lado dos valores experienciais já referidos aqui, o texto mobiliza, igualmente, valores relacionais – que dizem respeito ao modo como as relações sociais são acionadas nos textos – da ordem do discurso que, entre outros fatores, naturaliza comportamentos, atitudes que permitem que as atrizes sejam multifuncionais.

Portanto, trata-se de um trabalho de pesquisa baseado no método qualitativo, que possibilita ultrapassar os aspectos estruturais e linguísticos do texto e construir uma análise focalizada nas práticas sociais/ representações socioidentitárias. Nesse processo de análise em particular, temos as recomendações de Goldenberg (2004) de que a pesquisa qualitativa está sujeita à subjetividade do pesquisador, pois ele é um sujeito que possui o poder de decidir o percurso da pesquisa, como por exemplo, a escolha temática, os sujeitos de pesquisa, o roteiro e ainda as acepções teóricas.

Nesse sentido, para a realização das análises das amostras discursivas, históricas e socialmente organizadas, materialidades que com seus tons, matizes, volumes e babados, entram na composição e na tessitura de nossa colcha de retalhos, tomo como parâmetro o modelo analítico desenvolvido Chouliaraki e Fairclough (1999) que preconiza:

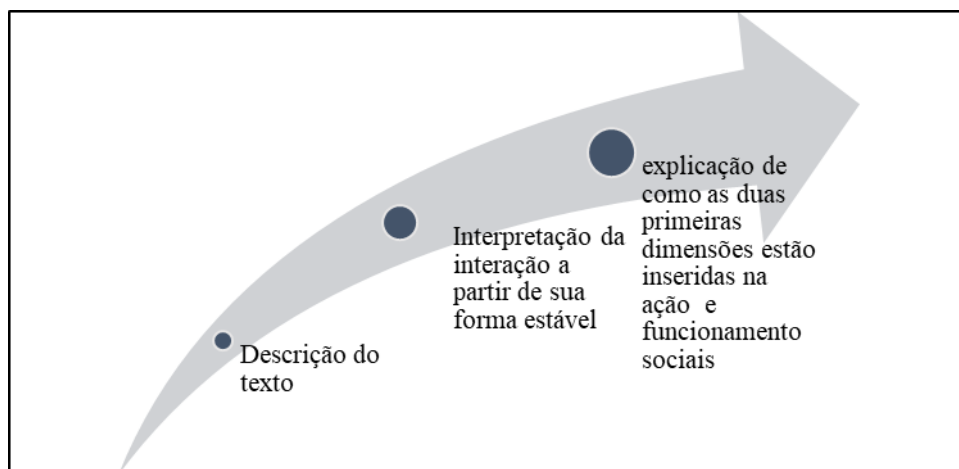
- a- Foco em um problema social dentro de perspectiva semiótica;
- b- Identificação de obstáculos sociais para o problema em questão;
- c- Avaliação dos interesses da ordem social em não resolver o problema;
- d- Propostas de possibilidades de mudanças para que os obstáculos identificados em “b” sejam superados;
- e- Reflexão crítica sobre a análise.

A escolha pela abordagem qualitativa justifica-se, portanto, por ser um método com foco no caráter subjetivo, que analisa as particularidades e experiências individuais e ainda, possibilita uma interação entre o pesquisador/a e o pesquisado/a, favorecendo a aplicação de uma pesquisa menos estruturalista e mais significativa aos anseios de análises sociais.

Nesse ínterim, apresento aqui o esquema metodológico elaborado por Campos e Barros (2014)³⁹ que sintetiza de que maneira a ACD realiza suas pesquisas com foco, a um só tempo, nas práticas linguísticas, discursivas e sociais, bem como situa o/a pesquisador/a como parte constitutiva da abordagem reflexiva realizada.

³⁹ CAMPOS, Jefferson Gustavo dos Santos; BARROS, Dulce Elena Coelho. Estados paradoxais das ordens do ver e do dizer: a identidade da mulher brasileira em uma propaganda institucional de homenagem ao dia internacional da mulher. **Linguagem em (Dis)curso** – LemD, Tubarão, SC, v. 14, n. 1, p. 159-176, jan./abr. 2014.

FIGURA 4 - ESQUEMA METODOLÓGICO DE ANÁLISE: DA PRÁTICA DISCURSIVA AO FUNCIONAMENTO DAS ESTRUTURAS SOCIAIS



FONTE: Campos e Barros (2014).

Por meio de análise das formas linguísticas efetivamente utilizadas nos textos analíticos a ACD se posiciona enquanto teoria descritiva. Essa materialidade, vista como observatório dos discursos, permite a interpretação por parte do/a pesquisador/a do problema social em foco. Além de descritiva e interpretativa, a ACD também é explicativa, ou seja, busca revelar as circunstâncias, as forças que agem discursivamente sobre os sujeitos sociais moldando, assim, suas identidades. A dimensão explicativa é buscada pelo/a pesquisador/a na sociedade, nas práticas e estruturas sociais situadas.

Nesse sentido, a metodologia adotada é condizente com a ideia de produzir conhecimento, por meio de atividade reflexiva, que favoreça mudanças de problemas sociais estabelecidos em dada época e sociedade marcada. Assim, “permeia a proposta teórica faircloughiana a premissa de que as situações opressoras podem ser mudadas, uma vez que são criações sociais e, como tal, passíveis de transformações sociais” (BARROS, 2008, p. 5).

3.2 APLICAÇÃO DOS RETALHOS METODOLÓGICOS E INSTRUMENTOS DE COLETAS DOS DADOS

A presente pesquisa tem como objetivo geral: investigar como as entrevistadas, empreendedoras multitarefadas e mantenedoras do lar financeiramente, manifestam suas múltiplas identidades.

A trajetória necessária para dar início à confecção dessa colcha de retalhos foi longa e conturbada. Para iniciar a pesquisa, primeiramente, precisei conseguir atender às exigências do Conselho de Ética/UEM, pois há necessidade de autorização⁴⁰, uma vez que a pesquisa é com seres humanos e somente após o aceite poderia começar o trabalho de campo. Esse processo demorou alguns meses e o parecer favorável foi concedido em dezembro de 2017.

Durante esse período de espera, solicitei à equipe da Secretaria Municipal de Serviços Públicos (Semusp), uma relação com os nomes das cooperativas e das gestoras. Em posse dessas informações, ficou estabelecido quais seriam as atrizes sociais, gestoras das seis cooperativas filiadas à prefeitura. Porém, o convite e o agendamento para realização das entrevistas ocorreram somente em janeiro de 2018, após autorização do Conselho de Ética da UEM. No entanto, em virtude do meu período gestacional conturbado, tive que interromper esse processo, retomá-lo e finalizá-lo, apenas em abril de 2019. Para convalidar os aceites, foi produzido um Termo de Consentimento Livre e Esclarecimento, exigido pelo Conselho de Ética.

Para atender aos objetivos da pesquisa, após seleção das empreendedoras, voltei aos objetivos gerais e específicos delimitados e muitos estudos foram realizados para determinar como seria realizada a coleta de dados.

Bauer, Gaskell e Allun (2010) afirmam que a maneira de geração de dados interfere nas representações sociais. Nesse sentido, para eles, existem dois modos mais adequados de geração de dados utilizados em pesquisas sociais: comunicação formal e/ou informal. A partir desses conceitos, optei, considerando o cenário social em questão, utilizar a maneira informal, a qual seja, entrevista narrativa (oral) individual, por considerar essa a melhor forma de coletar as enunciações das atrizes sociais imprescindíveis para as reflexões, uma vez que os textos reproduzem as histórias de vida, desejos e frustrações relatadas por meio das experiências individuais vivenciadas. Mas, é válido ressaltar que, segundo os autores supracitados, essa maneira informal de geração de dados pode ser tendenciosa, ou seja, o entrevistado pode direcionar a resposta considerando o que o entrevistador deseja ouvir. Ao encontro dessa acepção, Van Dijk (2012) também assevera que as pessoas adaptam a linguagem ao momento sociocultural. Assim, ao utilizarmos como geração de dados a entrevista narrativa, objetivamos conseguir uma narração sem regras gramaticais, com discursos sem planejamentos prévios, proferidos naturalmente.

⁴⁰ Parecer número: 2.419.589 – aprovado em dezembro/2017, pelo CEP – Conselho de Ética da Universidade Estadual de Maringá.

Ainda sobre esse instrumento de coleta de dados, Pavlenko (2002) assevera que é muito utilizado e legitimado nas pesquisas na área de humanas. O autor destaca ainda que as narrativas permitem às pessoas expressarem os significados dados às suas vidas, os anseios, as esperanças e até mesmo as decepções experimentadas por elas ao longo do tempo. Dessa forma, a entrevista permite a produção de discursos materialmente compartilhados, que aproximam a linguagem a seu contexto.

Contudo, houve preocupação de não conseguir efetividade nos relatos frente ao objetivo da pesquisa, por isso elaborei, um roteiro semiestruturado⁴¹ com questões relacionadas à experiência familiar, profissional e social das mulheres empreendedoras. Para tanto, considerei as concepções de Flick (2009), ao salientar que a entrevista semiestruturada possibilita para o entrevistador perceber, mais intensamente, as experiências individuais de mundo vivenciadas pelos entrevistados. Além disso, considerei também para essa decisão as concepções de Gaskell (2010), pois o autor destaca que a utilização de entrevista semiestruturada, numa pesquisa social, favorece o entendimento de que existem pontos de vista que ultrapassam a visão do entrevistador.

Após finalizada a coleta das narrativas, iniciei a etapa de transcrição das gravações, ou seja, das enunciações das atrizes sociais. Sobre essa etapa, Flick (2009) assevera que as enunciações sofrem transformações e estruturações necessárias. Assim, são transformadas em textos escritos, que possibilitam ao pesquisador interpretar o material empírico. No entanto, sobre a transcrição e edição das entrevistas, Duarte (2004) afirma que as entrevistas utilizadas para fazer análise de discurso, como por exemplo, estudos que enfocam os aspectos socioculturais e/ou estudos uso da linguagem oral não devem ser editados, uma vez que as características de fala dos entrevistados são importantes para o estudo, pois as palavras revelam como o entrevistado concebe ou percebe o assunto tratado.

Nesse sentido, tomei como parâmetro algumas considerações de Marcuschi (1986) para realizar as transcrições, tais como:

Indicar os falantes com siglas ou letras do nome ou alfabeto;

Preservar a maneira como as participantes falaram, ou seja, palavras pronunciadas de modo diferente do padrão têm algumas grafias consensuais, tais como: né, pra, prum, comé, tava, ou truncamentos, tais como: compr (comprou), vam di (vamos dizer), dentre outras;

Repetições da própria letra e/ou reduplicação de letra ou sílaba. e e e ele; ca ca cada um.

⁴¹ O roteiro completo para coleta de narrativa semiestruturada encontra-se em apêndice.

Pausa preenchida, hesitação ou sinais de atenção: usam-se reproduções de sons cuja grafia é muito discutida, mas alguns estão mais ou menos claros. eh, ah, oh. ih:::, mhm, ahã, dentre outros.

Além dos parâmetros citados, recorri às seguintes normas da ABNT (2002) para citações das transcrições:

As citações com menos de três linhas devem ser apresentadas no próprio parágrafo e entre aspas;

As citações com mais de três linhas devem ser apresentadas com um recuo de 4 cm e em letra com corpo menor;

As supressões, no início ou no meio do texto, podem ser apresentadas com a indicação de reticências entre colchetes.

É importante salientar que a análise discursiva aqui desenvolvida entende a entrevista como processo dialógico, por isso transcrevi perguntas e respostas no decorrer do percurso analítico dos eixos temáticos, com o objetivo entrelaçar os fios entre teoria e relatos.

Depois de ler e estudar todo o material produzido, com a finalidade de organizar o *corpus* para o início da etapa de análise crítica do discurso e preservar a identidade das atrizes sociais, elaborei um parâmetro para identificá-las, conforme orienta Marcuschi (1986): utilizei a vogal “A” para atriz, seguida da consoante “S” para social. O número acrescentado representa a ordem de coleta das entrevistas (AS1⁴², AS2, AS3, AS4, AS5 e AS6, AS7).

Em suma, para compor o *corpus* dessa pesquisa, foi utilizada a seguinte metodologia:

- a) Escolha das atrizes sociais: mulheres, gestoras das cooperativas de reciclados autorizadas pela Prefeitura, no espaço territorial de Maringá-PR e mantenedoras financeiras do lar;
- b) Preparação do material de coleta de dado, entrevista narrativa semiestruturado (áudio);
- c) Agendamento e realização das entrevistas, o que ocorreu a partir de janeiro de 2018;
- d) Coleta das narrativas, individuais, nas cooperativas, em períodos diversos;
- e) Transcrições das narrativas de vida;
- f) Análise crítica do discurso das entrevistadas.

⁴² In memoriam

Dessa forma, para a realização do trabalho de campo e fundamentação das reflexões e análises dos discursos, foi necessário recorrermos aos pressupostos teóricos e metodológicos já citados.

3.3 TEMAS DISCUTIDOS NAS NARRATIVAS DE VIDA

As questões propostas nas entrevistas narrativas semiestruturadas foram pensadas e organizadas em temas com o intuito de atender aos objetivos dessa pesquisa.

Nesse sentido, organizeis as questões em seis eixos temáticos (quadro 3), categorizando os enunciados das respostas resultantes das produções discursivas. Contudo, é relevante enfatizar que, mesmo agrupando as questões em eixos temáticos, entendo que as práticas linguísticas, seus significados e ainda as manifestações ideológicas não são categorizadas. Assim, os discursos serão analisados para entender as ideologias e identidades sociais implícitas.

QUADRO 3 - EIXOS TEMÁTICOS

Eixo	Tema
1	Contexto Pessoal da Mulher
2	Contexto Familiar
3	Contexto da Mulher Profissional
4	Mulher Multitarefa
5	Empreendimento
6	A mulher empreendedora/gestora

FONTE: Autora.

Assim, após separarmos os enunciados em eixos temáticos, no próximo capítulo, iniciaremos as análises para atender aos objetivos da pesquisa.

CAPÍTULO 4. ARREMATANDO OS DISCURSOS

O presente capítulo objetiva arrematar os discursos das atrizes sociais, com vistas a se perceber de que modo se realizam os “entrelaços de vida” das atrizes sociais empreendedoras/gestoras das cooperativas de reciclagem, em cujo contexto sociodiscursivo foi gerado o *corpus* analítico deste estudo. Para tanto, encontram-se arroladas as análises linguístico-discursivas, fundamentadas no quadro teórico-metodológico da ACD, considerando os aspectos: acional, representacional e identificacional. Além disso, esse arremate baseia-se nas acepções sobre ideologia de Thompson (2009), conforme exemplificado na seção 1.5.1.

4.1 ANÁLISE E INTERPRETAÇÃO DAS NARRATIVAS DE VIDA

As narrativas de vida que compõem o *corpus* para essa análise são relatos e opiniões de sete empreendedoras que estão à frente das cooperativas de reciclagem autorizadas pela Prefeitura Municipal de Maringá. As temáticas discutidas referem-se ao universo dessas atrizes sociais e estão organizadas em seis eixos temáticos (quadro 3), conforme exemplificado na seção anterior deste capítulo. Os resultados das produções discursivas dessas mulheres, que achamos relevantes para corporificar o *corpus* de análise, servirão para o entendimento das funções sociais desses discursos com o intuito de responder as indagações da pesquisa pautadas nos pressupostos teóricos dos capítulos anteriores.

Fairclough (2006) assevera que na esfera discursiva das práticas sociais, na ordem do discurso, a linguagem manifesta-se de três maneiras: ação (modos de agir), representação (modos de apresentar a realidade) e identificação (modos de ser). Sendo assim, a ACD considera que textos completos e /ou excertos de textos materializam simultaneamente três tipos de significados: acional, representacional e identificacional. Nesse sentido, nossa análise objetiva identificar essas manifestações nos discursos das atrizes sociais.

Assim, na presente pesquisa, a prática social institucionalizada, centrada no uso da linguagem, aconteceu nos locais de trabalho das empreendedoras, ou seja, nas cooperativas de reciclagem.

Ao investigar o significado acional, no que se refere à questão de ordem social, o gênero utilizado para esse momento discursivo foi a entrevista narrativa semiestruturada, gênero desencaixado, segundo categorização de Fairclough (2006). O autor assevera que a entrevista é uma forma de tecnologia social. Nesse caso específico, com o propósito de

investigar o universo social de sete mulheres. As pessoas envolvidas com suas crenças, valores e atitudes e histórias são: a pesquisadora, Greicy Juliana Moreira e as atrizes sociais, empreendedoras, gestoras de cooperativas de reciclagem da cidade de Maringá. Quanto às relações sociais, houve uma interação direta e simétrica entre entrevistadora e as entrevistadas, pois as mulheres ficaram à vontade para relatar suas histórias de vidas, não manifestando inferioridade frente à pesquisadora, uma vez que autorrepresentaram-se como mulheres importantes, ou seja, são conhecedoras do tamanho do valor social que elas têm para sociedade.

4.2.1 Eixo 1 - Contexto Pessoal da Mulher

As análises aqui empreendidas se iniciam a partir dos dados obtidos no eixo temático 1, no qual elenquei os discursos referentes às questões relacionadas ao contexto pessoal da Mulher: a)Relate sua trajetória de vida pessoal, desde a infância até a idade adulta; b) Descreva sua rotina diária pessoal; c) Fale um pouco sobre você, mulher! d)Você se considera uma mulher bem-sucedida pessoalmente?

A materialidade linguístico-discursiva obtida serve de observatório para que possamos discutir os modos pelos quais as atrizes sociais/empreendedoras se autorrepresentam (determinam uma imagem de si) frente às práticas laborais, constituindo, assim, sua identidade. Sendo assim, é sobre os significados identificacionais que nossos gestos de análise se voltam neste momento.

Quem são essas atrizes sociais cujos entrelaços de vida são tecidos nesta pesquisa? De acordo com os dados da presente pesquisa (Eixo 1 – questão A), são sete brasileiras, esposas e mães. Apresentam grau de escolaridade baixo, ou seja, algumas conseguiram cursar apenas o Ensino Fundamental, e outras chegaram a cursar até o Ensino Médio, no entanto, não possuem nível superior. É válido ressaltar que a atriz AS1 informou, em seu discurso, que conseguiu finalizar o Ensino Médio, passou no vestibular da UEM, no curso de Direito, o que era um sonho, no entanto, precisou cancelar a matrícula, pois um filho estava muito doente e por isso não poderia dispor de tempo para os estudos.

Essas informações sobre o nível de escolaridade também são reveladas no momento em que analisei a função acional nos discursos, pois as atrizes utilizam vocabulários muito informais, com diversas marcas de informalidade e, muitas vezes, com problemas gramaticais, o que aponta para identidades mais populares, desprovidas de conhecimentos institucionalizados, conforme exposto nos excertos selecionados:

AS1 “E ela já me ensinô a trabalhá, desde pequena”.

AS2: “tava vindo muito pouco material, a gente tava fazendo em média de 30 a 36 tonelada ao mês.”

AS3: “Daí eu tive a minha filha, daí, por causa do **pobrema**⁴³ ela nasceu, né? Com um pobrema, daí eu fui cuidar dela”.

AS5: “A minha, a minha, a minha rotina profissional é bem corrido”.

Essa constatação de baixo grau de instrução vai ao encontro dos resultados da pesquisa publicada pela GEM (2017), ao afirmar que os empreendedores, no Brasil, não possuem nível elevado de escolaridade. No entanto, destoa dos resultados publicados pela RME (2017), pois tal pesquisa, realizada com quase 1400 mulheres, em território nacional, sobre o perfil das empreendedoras, apontou que a 80% delas possui nível superior.

Ao analisar a dimensão da prática social com a finalidade identificar as questões ideológicas presentes nos discursos, resalto que, conforme discutido nas revisões bibliográficas, a ACD adota a concepção ideológica de Thompson, ou seja, ideologia a serviço do poder. Nesse sentido, de acordo com os modos de operação da ideologia de Thompson (2008), infere-se que nas interpretações das pesquisas citadas, haja um modo de unificação; ou seja, existiria uma estratégia de padronização do perfil feminino empreendedor ao publicarem os resultados, afirmando que “as mulheres empreendedoras possuem nível de escolaridade baixo”, como se isso fosse uma verdade unificada, interligando as mulheres em uma unidade coletiva, descartando as diferenças que pudessem separá-las.

Falar em autorrepresentação significa dizer que os discursos sobre si retratam aspectos da vida social que ecoam/agem sobre as identidades pessoais. Com isso em mente, ainda sobre a primeira questão do Eixo 1- Relate para mim a sua trajetória de vida pessoal: desde a infância até a idade adulta-, submeto à análise dos significados identificacionais os seguintes excertos:

AS1: “Quando eu era pequena, eh, morava **cá minha avó** e a minha avó me ensinô trabalhá desde criança, desde os sete anos, que ela era lavadeira de roupa, né? E ela já me ensinô a trabalha desde pequena. E aí eu tinha que, naquela época, né? Era bastante gente em casa **e eu tinha que sustentar**, ajudá a sustentar a minha família, né?”

Nesse discurso que o sujeito de pesquisa, em seu discurso sobre si e a relação de trabalho, se posiciona frente a outro sujeito social feminino (avó) que conduz sua vida laboral frente a necessidade de “ajudar a sustentar a família”. Configura-se, portanto, nesse dizer que sua função é: amparar, auxiliar, contribuir, acorrer.

⁴³ Grifo utilizado pela autora.

AS2: “[...] eu fui criada no sítio, saí da roça. Com onze, doze anos, mudamos prá Maringá, nunca tinha morado na cidade. E. não tivemos muita oportunidade de estudo, porque, que tinha que trabalhá e o cansaço falava mais alto, né? Já começamo trabalhá desde criança, família bem grande. Fui mãe bem cedo, e quer dizer, não tive assim bem uma juventude, né?”.

Nesse excerto, também por necessidade e não por autodeliberação, a prática laboral ocupa o lugar da infância, da juventude e da aprendizagem. Essa atriz revela arrependimento por não ter conseguido estudar. Pode-se observar no seu discurso que ela valoriza os estudos. Além disso, o colocar-se em plano secundário delineia uma identidade de quem se absteve ou abriu mão de práticas pessoais para assumir tarefas e obrigações imputadas à informante colaboradora.

AS5: “o meu relato de vida da **infância foi só trabalho**. De 8 anos de vida eu já comecei no trabalho. E estou até hoje com 50 e vou fazer 59 anos e tô na trajetória até hoje. Então não foi fácil para chegar até aqui não, mas eu consegui fazer ensino médio completo. Fiquei viúva com 30 anos, criei meus dois filhos, tiveram faculdade, são tudo formado. Eu entrei na, na cooperativa devido a circunstância da vida também, as necessidade, coletando na rua com carrinho com, eu tinha golzinho, aí eu dobrava o banco do gol e fazia as coleta e entregava na cooperativa”.

A informante AS5, em seu discurso, salienta que enfrentou adversidades. Sua autorrepresentação se faz frente à luta, à batalha, ao enfrentamento e resistência à exclusão social atestada em: “mas eu consegui fazer Ensino Médio completo, fiquei viúva com 30 anos, criei meus dois filhos, tiveram faculdade, são tudo formado”.

AS6: “[...] nós mudamos pra (Goioerê) tinha acho que 7 ou 8 era um tanto difícil, uma casa pequena pra tantas pessoas, sem condições assim, muito de se de sobrevivência, mas graças a Deus, né, eu estudei até a quinta série na, na minha juventude, e aprendi, o trabalho que eu aprendi a fazer foi o trabalho doméstico. Trabalhei desde os 14 anos como babá, até os 17 anos trabalhei como babá de gêmeos, uma família muito boa, me ajudaram muito. Nesse trabalho eu aprendi eh, a cuidar de casa, fazer limpeza, organizar, manter o lugar organizado, limpo”.

Nesse relato a informante revela uma atitude de aceitação e resiliência, posto ter sido amparada, ter recebido apoio e estímulo para executar tarefas da lida doméstica que, entre outros fatores, se volta para o bem estar de terceiros.

Ao serem levadas a falarem sobre si em: Fale um pouco sobre você, mulher! Destaco os seguintes excertos:

AS1: ‘Eu mulher **é bem difícil aí hoje a mulher ainda no profissional, né?** Agora quebrou aí esse, **esse tabu um pouco, mas ainda existe o machismo, ainda dentro das empresas, né?** Hoje em dia tem mulher que é pedreira, azulejista, né? **E, enfim, a mulher tá atravessando aí essa ponte aí, arrebatando toda essa aí, eh, o**

machismo. Que eu falo que **hoje em dia, existe muita discriminação ainda com a mulher. Ainda existe.** Não só no trabalho, mas em vários lugares. Esses dia eu tava vindo no centro ali, o h me falou: "**Ah, tem que ser mulher dirigindo**", **assim, n ?** Ainda tem toda essas coisa, n ? Quem dirá que o homem não faz coisa errada também, n ?"

No discurso dessa atriz social fica evidente, de acordo com as acep es de Thompson (2009), o modo de opera o ideológica legitimada e racionalizada sobre o preconceito relacionado à mulher no mundo do trabalho, mais especificamente no exercício de algumas profissões que ideologicamente foram perpetuadas como legítimas dos homens, ou seja, como sendo uma atividade a ser realizada única e exclusivamente por sujeitos sociais de gênero masculino. Segundo Thompson (2009), o discurso preconceituoso racionalizado foi construído para manter a posi o masculina no poder.

De acordo com as acep es da ACD, as pessoas representam o mundo como ele é a partir de perspectivas diversas, contudo almejam mudanças. Nesse sentido, a atriz AS1 comenta sobre um evento discursivo ocorrido no trânsito, quando um homem em suas palavras dissemina um conceito que está ideologicamente construído sobre a má performance feminina no trânsito. Fica evidenciado que diversos fatores sócio históricos corroboraram para que esse pensamento machista seja disseminado.   válido ressaltar que ao fazer representa es do mundo via discurso, as pessoas almejam mudanças.

Nesse sentido, fica nítido que atriz não concorda com esses discursos preconceituosos e machistas. Assim, podemos inferir que o discurso da atriz AS4 contribui para transforma o do *status quo*, uma vez que ela revela ter consciência de que essa situa o já foi muito pior, uma vez que viveu em um contexto de uma sociedade patriarcal ideologizada, na qual o homem era o sexo forte e ela o sexo frágil. Sendo assim, representa discursivamente essa situa o atual como mais amena.

No discurso AS3, podemos observar o seguinte:

AS3:" Ah, eu enquanto mulher? Não tem muito o que falar, não. **Assim,   uma vida bem, bem sofrida, n ?** Que a gente leva aqui. Eu fiquei sozinha tem três anos, eu tenho uma filha de 10 anos, ela tem uma doença rara que não tem cura, daí quando se agravou o meu marido pegou e abandonou. Abandonou n is e arrumá outra família. Foi morar com outra família. Hoje tem uns três meses que ele nem vem ver a filha mais. Então é bem sofrido, que ela sente falta dele, n ? Então é bem difícil. Então vida, assim, social, sair, alguma coisa assim, quase não tem, porque num, num dá pra sair, porque ela usa oxig nio. Então a gente fica mais em casa".

O abandono da família pelo marido é o mote que orchestra a narrativa de AS3. A renúncia aos próprios interesses e o sacrifício em prol do benefício de outrem (a filha doente)

e o vazio representado em: “**Não tem muito o que falar, não**” configura uma autorrepresentação de alguém cujo dever é acatar, assumir para si, como certa e verdadeira a posição ora assumida: “então a gente fica mais em casa”.

Já no discurso da AS5, observa-se:

AS5: “**Ah, eu me orgulho de ser mulher.** Eu sou como, como dizem, muitas pessoas dizem que **eu sou a mulher guerreira, e eu me considero uma mulher guerreira mesmo. Porque eu enfrentei várias dificuldades mesmo,** dificuldades financeira, dificuldades de saúde. Eh, meu pai que eu cuidei, minha mãe que eu cuido até hoje, meus filhos e meu pessoal, né, da cooperativa, né, que são pessoas lutadora também e eu sou, **eu me considero uma pessoa, sabe? Uma mulher guerreira mesmo**”.

Fairclough (2006), assevera que quando acionamos o significado identificacional, conseguimos identificar por meio dos estilos da fala e/ou da escrita a construção das identidades. Nesse sentido, Fairclough (2002), assevera que os estilos são “os aspectos discursivos de maneiras de ser, identidades”. Uma maneira de investigar o significado identificacional no excerto discursivo selecionado é a afirmação avaliativa. Nesse sentido, fica evidente no discurso da atriz AS5 que ela se sente orgulhosa por ser mulher, por ter enfrentado dificuldades e superado com maestria as adversidades. De acordo com Fairclough (2006) as afirmações avaliativas são realizadas por meio dos processos relacionais, ou seja, são informações que expressam o quão desejável ou indesejável é algo ou alguém. Assim, as auto-avaliações positivas sobre si em: “**eu me orgulho de ser mulher**” e “**sou uma mulher guerreira mesmo**” atestam para um discurso de superação e resistência. Superação, porque passaram por situações muito difíceis ao longo da vida, contudo conseguiram superar as adversidades e conquistar uma posição social da qual orgulham-se. Resistência, porque ainda resistem frente aos inúmeros obstáculos diários que elas precisam enfrentar enquanto mulheres gestoras de cooperativas e mantenedoras financeiras do lar.

Sobre o significado identificacional, observo avaliações positivas nos discursos das atrizes no momento em que foram questionadas: Você se considera uma mulher bem-sucedida pessoalmente? Com exceção de uma, as demais afirmaram que são mulheres bem-sucedidas.

AS1: “**Ah, eu me considero. [...]Eh importante,** assim, e sinto que o trabalho que eu faço, assim, **é importante pra natureza, pras pessoa, né? Eu me sinto importante e realizada, assim, uma mulher mesmo, [...] Eu me sinto realizada [...]Eu, eu me sinto, assim, bem-sucedida na vida[...]**”.

AS2: “**Ah, eu acho que sim, eu acredito que sim**”.

AS3: “**Ai, eu acho que inda não. Não, acho que...** que tem muita coisa ainda pela frente, né? Tem a gente tem muita luta, a batalha, nós passamos por um ano muito difícil [...]”.

AS5: “Ah, eu me considero uma mulher bem-sucedida. Eu sou satisfeita. [...]mulher, eu me orgulho de mim [...]E eu me sinto, hoje vitoriosa em relação a isso [...]”.

AS6: “Ah, eu me considero uma mulher bem-sucedida, porque eu consigo, né, através da... do meu desempenho, do meu trabalho, da minha luta do dia a dia eu consigo levar tudo o que, manter tudo o que a gente precisa e [...]”.

Ainda analisando as respostas proferidas nessa questão, observo diversas identidades e nuances discursivas da atriz social AS1. Corrobora com essas observações as acepções de Hall (2003) ao destacar que o sujeito, na modernidade tardia, se encontra cindido, fragmentado em uma diversidade de identidades das quais ele precisa lidar. Assim, ao consideramos, no aspecto acional, o vocabulário e a construção gramatical podemos identificar além da identidade de mulher arrimo de família como já foi dito, a identidade de dignidade e integridade: uma voz que defende a valorização do trabalho digno e ainda, a identidade de defensora da natureza: uma voz que defende a importância exercício da profissão em prol da natureza, conforme ilustrado no excerto a seguir.

AS1:”Ma, eu tenho Deus e humildade no meu coração e o serviço que eu faço faço, causa, assim, um grande importância aí na natureza aí. Não, assim, só aqui na região, mas nacionalmente, né? O trabalho aí da, das catadoras mulheres aí, né? Eh, sem distinguir os homens, né? Mas a mulher que trabalha num serviço desses é uma mulher de garra mesmo, guerreira, né? Pra enfrentar, pra levar o pão digno pra família, né?”

Ainda no discurso em destaque da atriz a AS1, infere-se que ela se representa a partir de um universo machista, pois ao destacar “num serviço desses”, compreendo que está configurado um discurso ideologicamente construído, que preconiza que esse lugar, no qual ela desempenha suas atividades laborais, seja mais apropriado para o homem.

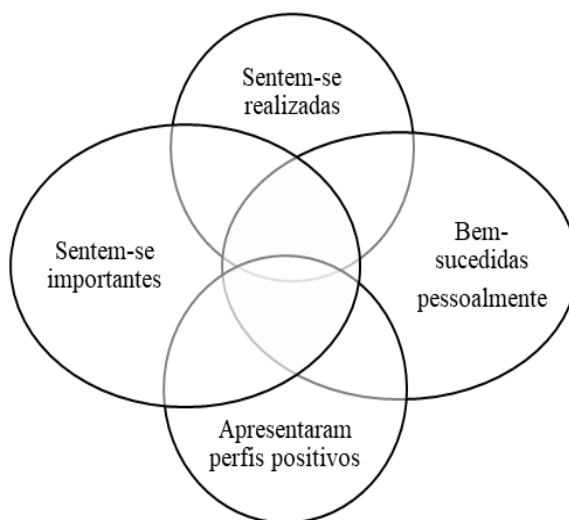
Nas memórias dessas atrizes, foram reconstruídas suas lembranças pessoais situadas em um contexto histórico.

Portanto, nesse eixo temático, nos gestos analíticos desta pesquisa, na esteira da interpretação dos discursos, as entrevistadas, em sua maioria, manifestaram sentir-se realizadas e bem-sucedidas pessoalmente, reafirmando suas identidades de mulher, mãe, esposa e profissional. Apresentam perfis positivos e sentem-se importantes. Compreendo, portanto, que as histórias de vida das informantes embora se entrelacem na trama da adversidade, da abnegação, do cuidado e atenção dispendidas com familiares, na luta, na batalha diária, no enfrentamento e resistência à exclusão vivenciada, a “colcha de retalhos tecida” ganha matizes vivazes e coloridos. Ainda que as informantes sejam vítimas de uma

estrutura social que as submete à hierarquia das riquezas e poderes desigualmente distribuídos, perdura o discurso da superação.

Para finalizar, apresento uma figura que sintetiza as análises apresentadas nesse eixo temático.

FIGURA 5- CONTEXTO PESSOAL DA MULHER



Fonte: Autora.

4.2.2 Eixo 2 - Contexto Familiar

Como é o contexto familiar? Nesse Eixo temático 2, encontram-se as indagações referentes a aspectos relativos à vivência familiar. Assim, os excertos discursivos selecionados referem-se às seguintes questões: a) É casada? Tem filhos? Nível de renda familiar? b) Você mantém a casa financeiramente com recursos da sua empresa? c) Quantas pessoas dependem de você financeiramente? d) Como você analisa o fato de ser mantenedora financeira do lar? e) Já enfrentou algum tipo de problema conjugal por esse motivo? Comente. f) Você já deixou sua família em segundo plano para realizar atividades profissionais? A materialidade linguístico-discursiva extraída das narrativas de vidas, possibilita identificar como acontecem/são travadas as relações sociais nesse contexto e quais são as dificuldades encontradas.

Na questão “A”, fiz indagações referentes à organização familiar: É casada? Tem filhos? Nível de renda familiar? De acordo com os discursos proferidos quatro atrizes são casadas, duas são viúvas e uma é separada. Todas possuem filhos, a grande maioria são menores e dependentes financeiramente. A renda familiar é em média de um a dois salários

mínimos e meio, oriundos dos recursos financeiros mensais das cooperativas. Esses dados corroboram com a pesquisa divulgada pela RME (2017) ao apontar que a grande maioria das empreendedoras Micro-Empreendedoras Individuais (MEIs) são casadas, mães e possuem baixo grau de escolaridade, como já apontado. Além disso, empreenderam por necessidade e não por oportunidade, trabalham em área que possuem conhecimento e experiência.

Nas questões “B” e “D” perguntei se ela mantinha a casa financeiramente com recursos da empresa e como analisava o fato de ser mantenedora financeira do lar.

AS1: “Assim, **eu me sinto bem**, porque eu percebo, assim, que eles depende de mim e que eu não vou passar necessidade [...] **Ainda queria mais tempo ficar com a minha família, sabe?** [...] **Já tem oito anos que eu trabalho aqui e nunca tive férias, né?** Então eu tenho essa necessidade aí de ter, ter esse tempo aí com a minha família, né?”.

AS3: “Ah, **eu me sinto bem. Me sinto orgulhosa**, eu acho que hoje em dia, a maioria das mulheres, eu acho que não depen... não depender de homem, né? **Eu acho que é muito bom. Eh, dá uma liberdade a mais pras mulheres, né? Não depender dos homens, só deles.**”

AS4: “**Que carga pesada** ((riso)) é muito pesado. **Eu acho que é normal, não sei se é porque a gente já acostumô, né? A gente acha normal.** Só que se a gente tiver uma recaída, pronto, cabou tudo ((riso)) tem que tomar cuidado”.

AS5: “[...]eu deixei... eu **deixei da minha pessoa**. Eu deixei de... de me cuidar e não me arrependo não, porque eu... [...] **Mas eu deixei de viver.** [...] depois que eu fiquei viúva, eu tive que aprendê a dirigir, pra cuidar das criança [...]”.

AS6: “Eu analiso, **um pouco de dificuldade**, mas eu vejo assim que dá pra a gente ir levando, **a gente vai vencendo**”.

AS7: “Ah, eu acho assim, **tem hora que se torna difícil, né?** Mais a gente consegue manter as condições financeira”.

A grande maioria afirmou que mantém a casa financeiramente, com recursos oriundos do seu trabalho e salientou ainda, que possuem dificuldades financeiras. Assim, podemos inferir que, mais uma vez, os significados identificacionais são acionados no momento de avaliações positivas relacionadas a essa identidade social de mulher mantenedora financeira do lar.

Contudo, é válido ressaltar que elas revelaram como o papel profissional assumido pelas mulheres tem modificado a relação familiar. A constatação desse fato desperta em AS1 sentimento de falha ou impotência frente às cobranças sociais no tocante ao papel feminino de prover o bem estar familiar em: ***queria mais tempo ficar com a minha família.***

Além disso, manifestaram orgulho por ser arrimo de família. No discurso da informante AS4 “***Eu acho que é normal, não sei se é porque a gente já acostumô, né? A gente acha normal***”, fica evidente a materialização ideológica. Com base nas categorias sugeridas por Thompson (2008), nesse discurso a atriz aciona o modo de *legitimação/narrativização* ao compreender que tornou-se normal a mulher ser arrimo de

família, pois elas já se acostumaram, embora a atriz considere uma tarefa árdua conforme se constata em: “que carga pesada” anunciada primeiramente. Assim, ela reproduz um discurso que já está legitimado como sendo comum a mulher manter a casa financeiramente. Corroboram para disseminação desse pensamento os resultados da pesquisa da RME (2018) e IPEA (2015) ao constatarem que o comportamento social da família mudou, a posição da mulher na esfera familiar tem papel de destaque, pois os lares cada vez mais são chefiados e mantidos financeiramente por mulheres.

A divisão dos papéis entre o marido e mulher reflete os valores e as crenças no ambiente familiar. No que se refere ao componente acional das práticas discursivas, essas atrizes manifestam em seus discursos, pelo modo firme de falar e se impor, identidades de chefes de famílias. Dessa forma, tomam para si o maior grau de responsabilidade no seio familiar, seja ele financeiro e/ou psicológico, conforme apontam os excertos extraídos. Infere-se daí haver consciência da existência de uma inversão dos papéis sociais, pois a esposa dedica-se a obter recursos financeiros enquanto o marido, em alguns casos relatados, cuida da casa. No entanto, ainda ecoa a visão da necessidade de conciliação e harmonização, por parte da mulher, das atividades domésticas e demandas familiares com o trabalho remunerado.

Analisando os discursos, percebe-se que as informantes demonstram perceber existência da promoção social da igualdade de oportunidades e responsabilidades entre o masculino/marido e feminino/mulher mas que, no espaço doméstico, a partilha do trabalho e funções não se realiza. Essas atrizes, reverberando e reproduzindo o discurso do senso comum, ainda entendem que o serviço doméstico não-remunerado é de sua responsabilidade e aceitam ajuda para o desenvolverem. Além disso, as atividades garantidoras do sustento da família, tornaram-se responsabilidade partilhada e/ou, em muitos casos, responsabilidade única da mulher.

Assim, os discursos apontam para mudanças identitárias no ambiente familiar, originadas a partir da inversão de papéis entre a mulher e o homem. Como consequência dessa nova relação social familiar, uma nova identidade feminina pode ser observada. Além disso, os discursos apontam para os múltiplos papéis sociais assumidos por essas mulheres: mãe, esposa, dona-de-casa e mulheres empreendedoras.

AS1: **“Eu mantenho.** [...]Porque, assim, como que eu já fui criada, assim, nessa rotina de vida, de não tá causando dependência, assim, nem me escorando, assim, na, na outra pessoa, então a minha educação é essa. **Eu me viro sem perturbar ninguém.** [...]Porque o **hômee, ele fala, assim, que ele é o chefe da casa, mas ele não... ele é o chefe da casa, sim, respeito até então, mas ele não”.**

AS4: “A maior renda é a minha. [...] **Só que se a gente tiver uma recaída, pronto, cabou tudo, tem que tomar cuidado**”.

AS5: Sim, eu que sustento a família.

No discurso da atriz AS1, percebe-se que, no contexto familiar dela, existem discursos e pensamentos machistas, que almejam destruir a identidade dessa mulher empreendedora. O marido em questão tenta manter seu status de opressor e dominador, contudo não percebe que já perdeu espaço na vida de sua esposa, pois ela destaca sua independência, inteligência e empreendedorismo.

Além disso, de certa forma, a profissão dessas atrizes é uma maneira de resistência aos ataques machistas às suas identidades de mulheres inseridas no mundo do trabalho, porque quem detém hegemonia econômica, ganha prestígio social.

Frente à reflexão anterior, entende-se que um cenário social considerado atípico no início do século XX, uma sociedade totalmente patriarcal, hoje é visto como normal. Contudo, é válido ressaltar que a posição social conquistada pelas mulheres as eleva a condição de atrizes multitarefas cujos efeitos recaem sobre si. Como salientaram as chamadas por nós atrizes sociais: AS1 *nunca tive férias*, AS4 “*Que carga pesada ((riso)) é muito pesado*”; AS5 “*deixei da minha pessoa*”; “*deixei de viver*” AS6 “*Eu analiso um pouco de dificuldade*” e AS7 “*tem hora que se torna difícil, né?*” é uma responsabilidade **difícil e muito pesada**.

Ainda sobre o tema família, no segundo eixo, na questão “E”, fiz a seguinte indagação: **Já enfrentou algum tipo de problema conjugal por esse motivo? Comente.**

Surpreendentemente, apenas uma atriz social disse que enfrentou dificuldades matrimoniais por ser a pessoa que mantém a casa financeiramente: *AS1* “*Já. Então, lá em casa, ainda existe esse, tem machismo também do, do meu marido, porque ele fala assim, que eu tomo a frente de tudo, quando vai ver eu já fiz tudo as coisas, né?*” Nesse sentido, ao analisar o nível representacional, fica evidente a identidade da mulher arrimo de família, o que nos revela novas possibilidades, por meio do empoderamento feminino, de valorização do papel da função da mulher no seio familiar, conforme apontam os estudos publicados pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, baseados na Pesquisa Nacional de Amostra de Domicílio Contínua (2017 e 2018): ou seja, as famílias nas quais as mulheres são as provedoras financeiras ficou em torno de 30,5 milhões ou 28,5% do total de lares brasileiros. Outro discurso que legitima o empoderamento feminino é o de AS1, pois ao dizer que já enfrentou problemas por tomar a frente de tudo dentro de casa, entende-se que ela não se acha inferior ao marido, contudo enxerga o preconceito no discurso masculino, mesmo mantendo-se firme diante desse obstáculo.

E para finalizar esse eixo temático, na questão “F” interesse-me em saber: Você já deixou sua família em segundo plano para realizar atividades profissionais? Com exceção de uma atriz social, que assegurou em seu discurso conseguir separar o tempo entre trabalho e empresa: **“AS7: Não. Sempre trabalho-trabalho, família-família”**, as demais afirmaram que deixaram não uma, mas inúmeras vezes a família em segundo plano, pois necessitavam trabalhar para conseguir sustentar os membros familiares

AS1: **“Ainda queria mais tempo ficar com a minha família, sabe? Mais tempo de ficar com eles, porque eu me di, dedico totalmente pro serviço, né? E a dificuldade que eu encontro aqui é de, de, de, de ficar mais tempo com a minha família. Já tem oito anos que eu trabalho aqui e nunca tive férias, né? Então eu tenho essa necessidade aí de ter, ter esse tempo aí com a minha família, né?”**

AS2: **“Já, algumas vezes já”**.

AS3: **“Já, já. Que eu acho, eu acho que eu deixo todo dia, né? Em casa. Porque a minha filha fica com a minha mãe. Então é, no caso era eu que teria que cuidar dela, né? Mas como, é eu que tenho que levar o sustento pra dentro de casa, então não tem como. Então eu acho que, eu acho que eu faço isso, eu acho que não só eu, mas eu acho que a maioria das mulheres, né? Fazem isso todos os dias”**.

AS4: **“Já, inúmeras vezes, inúmeras vezes. Fui cobrada bastante por causa disso. Hoje a gente tem que sentar e conversar a família inteira quando tem um problema, então, “vamos lá, vamos resolver”, mais já deixei inúmeras vezes, não conto as vezes, porque foi várias, tentando resolver problema”**.

AS5: **“Já deixei, isso aí eu já deixei já”**.

AS6: **“Muitas das vezes eu até deixei, assim na parte de finais de semana, ter que trabalhá, ter que correr atrás dos negócios, quando a gente faz campanha. Então, muitas das vezes eu já tive que deixar”**.

Ao analisar tais discursos, o que fica evidente é que o fato de trabalharem fora faz com que as mulheres fiquem longe dos filhos e maridos, deixando a família em segundo plano. Percebe-se nesses discursos, exaustão física e psicológica, pois essas atrizes precisam assumir identidades múltiplas que as sobrecarregam, dividindo seu tempo entre família e empresa.

Nesse sentido, no que se refere ao aspecto acional (Fairclough, 2003) e a metafunção interpessoal (Halliday, 2004), que indica os papéis sociais e as relações estabelecidas entre os participantes envolvidos no evento comunicativo, infere-se que, por um lado, elas se sentem importantes e valorizadas no papel social de mulher inserida no mundo do trabalho e mantenedora financeira do lar. Por outro lado, contudo, manifestaram insatisfação e infelicidade no papel de mãe-esposa ausente. Além disso, elas desejam manter o papel social de dona-de-casa, perpetuado pela sociedade patriarcal, porém conquistaram papéis sociais que ultrapassaram a barreira do campo doméstico e assumiram a identidade de mulher inserida no ambiente profissional, contudo estão sobrecarregadas de multifunções/multitarefa.

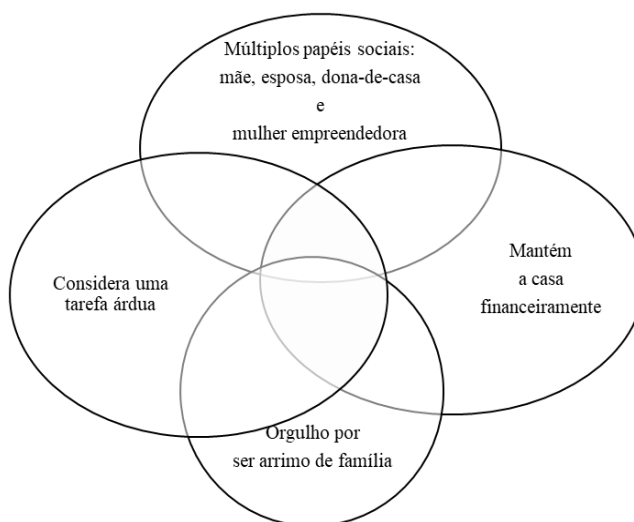
Infere-se, a partir dos excertos analisados, que os muitos discursos propagados na mídia e/ou em publicações de pesquisas (discurso da classe e/ou grupo mais favorecidos) os

quais afirmam que a mulher assume super-poderes e consegue exercer múltiplas funções tornaram-se consensuais, ou seja, foram naturalizados e, assim, não estão sendo questionados, desnaturalizados e, conseqüentemente, agindo sobre a desejável transformação social e mudança da ordem social que insiste em posicionar as mulheres como multifuncionais. Entende-se, portanto, que essas mulheres estão sobrecarregadas, contudo, consideram suas práticas normais, conforme destaca Gramsci (2002) sobre hegemonia e poder. Dessa forma, ao serem interpeladas pelo discurso do assujeitamento socioideológico, não se dão conta dos efeitos que os mesmos causam sobre suas representações identitárias e que, em condições propícias, servem de instrumento ideológico de enfraquecimento do feminino e fortalecimento da hegemonia masculina.

Em suma, nesse eixo temático, observou-se que as identidades são firmadas com base em uma estrutura social resultante das relações humanas, em dada época e sociedade marcada. Conforme atestam os discursos proferidos pelas atrizes em questão, aquela identidade feminina que predominava na sociedade patriarcal, na qual a mulher apenas servia como dona de casa e reprodutora da prole, em que o homem era mantenedor do lar, não predomina mais nos lares das famílias contemporâneas. No entanto, por detrás da falsa ideia de que mulheres são “desdobráveis” e capazes de enfrentarem jornada tripla de esforço laboral, sustentada na crença em supostas habilidades de natureza essencialmente femininas, perdura um posicionamento de jugo e subjugação a uma estrutura social que lhes desfavorece tanto física quanto psicologicamente.

Para finalizar, apresento uma figura para sintetizar as análises desse eixo temático.

FIGURA 6 - CONTEXTO FAMILIAR



FONTE: Autora.

4.2.3 Eixo 3 - Contexto da Mulher Profissional

No eixo temático 3, estão elencadas as perguntas relacionadas ao contexto da mulher profissional. Assim, os trechos discursivos extraídos das narrativas de vidas, referem-se às seguintes questões: a) Conte-me como iniciou sua vida profissional e o percurso desenvolvido até hoje. b) Descreva sua rotina diária profissional. c) Quantas horas diárias são dedicadas ao trabalho? d) Trabalha aos finais de semana? Comente. e) Você tira férias regularmente? f) Você é uma mulher realizada profissionalmente? Comente. O objetivo, nesse momento, foi conhecer, a partir da materialidade linguístico-discursiva, como as atrizes sociais entendem-se enquanto profissionais e quais são as dificuldades encontradas nesse contexto social.

Quem são elas? São gestoras das cooperativas de reciclagem filiada à Prefeitura Municipal de Maringá. Quase todas afirmaram, ao responderem a questão “A” desse eixo, que iniciaram a vida profissional desde muito cedo, muitas ainda crianças, conforme excertos abaixo:

AS1: “Eh, como eu vim relatando anteriormente, minha vida se iniciou, que eu me lembre, **desde os sete anos de idade, né?”**

AS3: “Não, nós começamos cedo. Nós começamos, na verdade, **com oito anos**, que a gente trabalhava na roça, né?”

AS5: “A minha vida, eh, profissional, eu cheguei, saímos (da roça) **eu tinha 13 anos de idade**, já cuidava da casa, cuidava do irmão, ia pra roça e quando eu vim pra cidade, eu vim prá estudá”.

“AS6: **“Comecei a trabalhá com 14 anos”**.”

“AS7: “Ah, a gente na época, né? **A gente geralmente trabalhava desde aos 14 anos, né?”**.”

A grande maioria das mulheres iniciam projetos empreendedores com o intuito de conquistar sua independência financeira ou mesmo após a maternidade, foi o que apontou a pesquisa da RME (2017). A pesquisa salienta ainda que o maior índice encontra-se na classe C, na qual, cerca de 83% das empreendedoras começaram seus negócios por um desses motivos. Em nossa pesquisa, situações semelhantes podem ser confirmadas nos discursos das atrizes sociais, que afirmaram terem iniciado seu lado empreendedor por necessidade.

AS4: “Quando eu mo, morava em São Paulo e na época meu marido era motorista. **Ele ficou desempregado** já há muito tempo atrás e mais de vinte anos. Ele ficou desempregado e eu comecei pensar, **eu tinha três crianças pequena, eu tinha que fazer alguma coisa**. E eu comecei a procurar na internet o que é que eu poderia fazer, então apareceu duas oportunidade, uma com vidro e uma com garrafa pet. **Eu corri lá, comprei uma Kombi veia e comecei catar reciclagem na rua. Catei, catava basicamente pet”**./

AS5: “**Depois fiquei viúva, e colocava meus filhos no carro, assim quando eu fiquei viúva, colocava eles no carro, fui vender roupa usada**. Então vendia roupa usada com as crianças no junto comigo e **depois que eu entrei na cooperativa e da cooperativa, eu tenho mais de 14 anos”**.”

Assim, analisando os discursos das atrizes AS4 e AS5, percebe-se que existem várias situações que corroboraram para que essas atrizes começassem a empreender, como, por exemplo, a situação socioeconômica, ou seja, existiu a necessidade de trabalhar para sustentar a família, ou mesmo, por uma questão de posição social, ser aceita como profissional de destaque no mercado. É válido ressaltar, que a posição de recicladora é considerada inferior na sociedade em termos de *status*, no entanto, essas mulheres não sentem-se inferiores, mas sim profissionais que fazem a diferença para a sociedade, conforme revelado nos discursos delas.

Além disso, as experiências para desenvolvimento da função foram adquiridas no decorrer do exercício da prática profissional. De acordo com Dornellas (2007), elas são caracterizadas como empreendedoras por necessidade, pois são vitimadas por um sistema capitalista, que não possibilitou que elas pudessem ter uma profissão definida, por isso criaram seus próprios negócios.

Além dessa caracterização, ainda segundo Dornellas (2007), essas atrizes incluem-se na categoria de empreendedoras sociais, porque buscam um mundo melhor e seus projetos são voltados para questões humanitárias, que favoreçam os que estão vulnerabilizados socialmente. Essa categorização, justifica-se ainda, pois o trabalho na cooperativa tem como princípios a união para a busca de objetivos comuns, nesse contexto, a reciclagem.

Na sequência, objetivei saber as rotinas profissionais e a quantidade de tempo dedicado ao trabalho, conforme as seguintes questões: b)Descreva sua rotina diária profissional. c)Quantas horas diárias são dedicadas ao trabalho? d)Trabalha aos finais de semana? Comente. e)Você tira férias regularmente?

Ao narrarem sobre a rotina profissional, as atrizes revelam se desdobram entre lidas domésticas e o trabalho na cooperativa, posicionando-se, na maior parte das vezes, como multitarefadas e dedicadas aos cuidados de familiares, como se vêem.

Além disso, ao narrarem suas trajetórias profissionais, utilizaram termos e expressões que indicam ações e atitudes que as constroem como pessoas coerentes, persistentes, dedicadas e responsáveis.

AS2:”Nossa!. Eu levanto cinco horas, pra arrumá o almoço. A gente vem trabalha, **começa a trabalhá sete e meia, chego em casa cinco e meia, seis horas. E vou fazer janta, cuidá da casa e dormi**”.

AS3:”Eu, eu tem, moro eu e minha filha, né? Na, na minha ca, na casa, só que eu durmo com a minha mãe, que ela ficou viúva há pouco tempo, daí ela tem medo de dormir sozinha. Então dorme eu e minha filha lá. **Daí eu levanto, vou pra casa, moro perto, minha filha fica lá dormindo com ela e eu faço café, arrumo as coisas e venho trabalhar.** Daí a gente começa a trabalhar sete e meia. Daí saímos cinco horas da tarde, daí eu chego em casa, pego minha filha, **daí eu vou fazer o serviço de casa, eh, lavar louça, fazer comida, cuidar dela**”.

AS4: “Eu levanto às cinco da manhã, ajeito tudo, venho, chego aqui sete horas, sete horas, sete e meia a gente começa. **Eu basicamente vivo aqui dentro, cinco horas da tarde eu saio daqui. Das cinco horas da tarde quando eu chego em casa, eu vou tomar banho, eu vou fazer janta**, eu vou namorar o meu netinho. Final da moral, da história, nove hora eu tô dormindo”.

Nos discursos dessas mulheres, fica demonstrado o atributo de determinação como uma característica de suas personalidades, uma vez que cem por cento delas, afirmaram trabalharem pelo menos 8/diárias, no ambiente profissional. Algumas vezes, informaram que precisam participar de reuniões e/ou cursos. Esses eventos aumentam a jornada de trabalho delas, indo na contramão da legislação trabalhista. Em vigor desde 2017, a reforma trabalhista (Lei 13.467, de 2017) diz que agora a jornada de trabalho pode ser pactuada em 12 horas de trabalho e 36 horas de descanso, respeitadas as 220 horas mensais. No entanto, não é isso que acontece no contexto dessas atrizes sociais.

As atrizes afirmaram ainda que raramente desempenham funções profissionais aos finais de semana, apenas quando há acúmulo de trabalho, o que é uma situação esporádica. Contudo, salientaram que faz muito tempo que não tiram férias, uma vez que precisam estar à frente dos negócios. Outro dado revelado no discurso da atriz AS1 é a subordinação em relação ao presidente da cooperativa “a gente fala de tirar férias, aí o presidente fala que não dá, nunca dá, nunca dá e não paga minhas férias...”. Esse discurso aponta que ela possui conhecimento dos seus direitos trabalhistas, contudo, por uma questão de subordinação e, ainda por entender que sua presença e gestão é imprescindível para o bom funcionamento da cooperativa, acaba deixando suas necessidades pessoais de lado, colocando em primeiro lugar a posição social de mulher profissional.

AS1: “**Oito ano que eu não tiro férias**. Eu acho isso daí errado, né? A gente fala de tirar férias, aí presidente fala que não dá, que não dá, nunca dá e não paga minhas férias e também, eh... não tiro férias, né? Complicado. **Estou precisando de férias mesmo. Mas que se... se eu tirar férias aí para tudo aqui, então dá a impressão, assim, que a gente... causaram, assim, alguma dependência, né?** Causaram dependência, né? Que o foco é tudo eu, tudo eu, tudo eu. Tem hora que a gente precisa das férias, nem que for uma semana, né? De férias”.

AS2: “**Faz muito tempo que eu não sei o que é férias**”.

AS3: “Olha, antes não. Antes num era obrigado a tirar férias, mas agora, como mudou, nós fizemos um contrato com a prefeitura, daí as documentação são outras e daí o Ministério Público exige também que seja tirado essas férias, né? **Mas eu nunca tirei, não**”.

AS4: “**Não sei o que é isso faz uns vinte e cinco anos**”.

AS5: “**Não, faz muito tempo que eu não tiro férias**”.

Esses discursos apontam que elas estão sobrecarregadas há muito tempo. Significa também cansaço ou esgotamento provocado por excesso de trabalho físico e/ou mental.

Além disso, trazem à tona um tema bastante relevante, o não cumprimento das leis trabalhistas. Essa prática provoca danos irreversíveis na vida dessas colaboradoras, pois a jornada excessiva de trabalho acarreta acidentes ou mesmo possibilita o desenvolvimento de quadros depressivos.

Posteriormente, fiz indagação sobre a realização profissional, questão “F” do eixo temático 3. Com exceção de uma, as demais manifestaram discurso positivo, afirmaram gostar de desenvolver a atividade em questão, por esse motivo sentem-se realizadas. Nesse sentido, percebe-se a constituição de uma autêntica identidade profissional.

Infere-se, portanto, que ao acionar o significado representacional, segundo Fairclough (2002), essas atrizes representam com maestria a categoria feminina que lutou para conseguir independência profissional e financeira, mesmo sendo alvo de discursos preconceituosos.

AS1: ” **Ah, sim, no serviço que eu faço sim, né[...]**”.

AS2: ” **Sô. Eu gosto muito do que eu faço**”.

AS3: “**Ah, eu acho que sim. Eu acho que me realizei, sim, profissionalmente.** [...]aqui eu, eu acho que eu encontrei, assim, um trabalho, um trabalho onde eu possa me... **me realizar, assim, profissionalmente**, porque eu gosto de fazer o que eu faço”.

AS4: “**Ainda não. Ainda tenho muito pra aprender e muito pra fazer, então não me realizei ainda não. Eu tô caminhando pra isso**, porque briguenta eu sou, então eu tô caminhando pra isso, mais eu ainda não conseguir não. Vê, mais eu tô caminhando pra isso, **não desisto**”.

AS5: “**Sou uma mulher realizada profissionalmente**”.

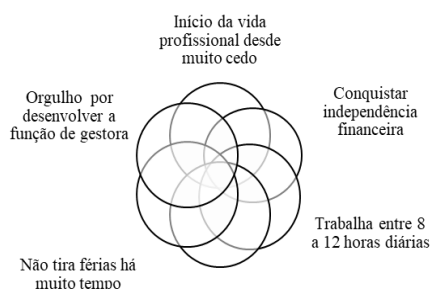
AS6: “**Eu acredito que sim. Eu faço o que eu gosto, trabalho no que eu gosto[...]**”.

AS7: “**Eu acho que sim**”.

Nesse eixo, portanto, analisei os relatos nos quais as atrizes participantes da pesquisa apresentam suas trajetórias profissionais relacionando-as às suas características e identidades pessoais de mulher profissional, gestora e empreendedora.

Para finalizar, apresento uma figura para sintetizar as análises desse eixo temático.

FIGURA 7 - CONTEXTO DA MULHER PROFISSIONAL



FONTE: Autora.

4.2.4 Eixo 4 - Mulher Multitarefa

Aqui, no Eixo temático 4, denominado de Mulher Multitarefa, as indagações foram feitas para conhecer, a partir da materialidade linguístico-discursiva retirada das narrativas de vida, o universo dessas atrizes sociais e as dificuldades encontradas por elas nesse contexto. Para tanto, os excertos destacados, referem-se às seguintes questões: a) Como você administra as multitarefas (empresa/casa/filhos/marido)? b) Quais são as maiores dificuldades encontradas nesse contexto? c) Como você distribui seu tempo entre profissional e pessoal, diariamente? d) Você recebe o apoio da sua família para desenvolver essa função (marido, filhos, pais) Comente.

Questionei as atrizes nas questões “A/B/C” para saber se recebem ajuda para desenvolver as atividades domésticas, como administram as multitarefas, quais são as maiores dificuldades encontradas nesse contexto e como distribuem seu tempo entre o pessoal e profissional. De acordo com os discursos proferidos, elas afirmaram que em alguns momentos recebem auxílio, ou seja, “ajuda” ou “auxílio” na realização das atividades domésticas por parte dos maridos e, às vezes, dos filhos, mas os serviços de maior monta (roupas, filhos, louças, comida, limpeza) recaem sobre elas, o que demonstra não haver equidade de gênero nesse aspecto da vida social. Corroboram com esses discursos as afirmações de Davis (2016) ao afirmar que o trabalho doméstico é exaustivo e invisível, logo, pouco valorizado. Os dados desta pesquisa mostram que elas se sentem sobrecarregadas por terem que realizar jornadas duplas (empresa/família), de acordo com os discursos abaixo:

AS1: “**Dois turno.** Ah, lá em casa, assim, quando eu chego, né? Eh, já eu tenho uma filha, né? Tem o meu menino também de 11 ano. **Ele varre lá do jeitinho dele, a outra passa pano, mas aí a faxina geral, quando eu não trabalho de sábado, é eu que faço de domingo, né?** E roupa, todo dia eu lavo roupa, porque todo dia eu coloco na máquina pra lavar, né? Eu administro assim[...] Então quase você não tem tempo do diálogo cá família, quase que eu não tenho tempo pra minha família”.

AS2: “Vou levando conforme dá num, **num faço muita divisões não**”.

AS3: “Ah, nem eu sei ((acha graça)) Uma hora eu ainda vou tentar entender, ainda. **Mas é difícil, tem uma hora... tem hora, tem dia, assim, que cê chega em casa e cê não sabe, assim, o que fazer, na verdade. Que às vezes pesa. Pesa bastante**”.

AS4: “Não. **Tem sempre uma coisa misturada com a outra, então não consigo fazer a separação dos problema**, se eu tô aqui às vezes eu levo o problema pra casa. Só não discuto ele, mas ele vai comigo, então aquilo fica martelando, **isso não é bom. Dificuldade?** Só aquela que você não pode ir num salão ainda, você não pode cortar seu cabelo, você não pode ir pro spa ((riso)) **porque do resto tá tudo normal ((risos)). Não tem dificuldade, não**”.

AS5: “Então, eu administro assim,[...] **porque quando eu digo que eu tenho 12 horas de trabalho, é porque eu incluo tudo. O trabalho, o trabalho da casa, e a minha vida pessoal. [...]**voltando assim, eh, **12 horas, aí quando você deita, você já deita porque tem que deitar mesmo, então se não sobrou um tempinho para que você assiste uma televisão, ler uma revista, né? Que isso eu tenho muita**

saudade de ler, né? Eu sempre fui... sempre gostei muito de ler. Então isso daí que assim, mas o. o tempo, eu nunca esqueço o que essa professora disse, ela disse: “O tempo é a gente que faz ele”. Netão, as vezes eu saio de casa: **“Ah, não tenho tempo as vezes de lixar a minha unha”, mas eu tô lá com a minha lixa no carro, tô com a minha tesourinha pra cortar a minha unha[...]**”.

AS6: **“Ah, talvez um pouco assim de cansaço dá, né,** porque às vezes você chega vai limpar quintal, vai lavar calçada e às vezes a tem dias que às vezes tem uma coisa a mais e daí acaba atarefando... **eu vejo um pouco de dificuldade que dá um cansaço, mas dá pra... pra levar”**”.

AS7: **“Ah, a gente vai se adequando, né? A gente trabalha, chega em casa, continua o trabalho, final de semana continua o trabalho, não tem... não tem atrapalhado assim a casa e o trabalho”**”.

Analisando os discursos das empreendedoras, observo que elas realizam múltiplas funções, e exercem com excelência inúmeras atividades, porém estão sempre abarrotadas de coisas para fazer, ou seja, correndo prá lá e prá cá, sem muito planejamento de distribuição de tempo para a execução dessas atividades.

Os discursos revelam também que essas atrizes constroem suas identidades de mulheres multitarefadas nos pequenos detalhes, como por exemplo, a falta de tempo para os cuidados com o corpo e a aparência pessoal, conforme destaca a atriz AS5: **“Ah, não tenho tempo as vezes de lixar a minha unha”, mas eu tô lá com a minha lixa no carro, tô com a minha tesourinha pra cortar a minha unha[...]**”. Nesse sentido, pode-se dizer que elas, muitas vezes, deixam de ser mulheres no sentido feminino da palavra para serem mães e gestoras das cooperativas.

Infere-se portanto, que elas estão exauridas por trabalharem mais de doze horas diárias, sem receberem valorização no contexto familiar, uma vez que essas atividades domésticas ainda são vistas como uma obrigação única e exclusiva da mulher.

Consoante a essa reflexão, Thompson (2009) assevera que as dominações, muitas vezes, são estabelecidas e sustentadas como se uma situação histórica fosse permanente, natural e atemporal. Ele denomina esse modo de operação da ideologia de reificação, ou seja, uma estratégia de eternalização. Essa estratégia, portanto, é utilizada como se as tradições sócio-históricas fossem imutáveis. Assim, entende-se que os discursos machistas, que perpetuaram por décadas nas sociedades patriarcais, as quais tinham por convicção que a obrigação de fazer os serviços domésticos era pura e exclusiva da mulher, ainda estão embutidos nos discursos femininos. Dessa forma, fica evidente nos discursos proferidos por elas, que a carga é pesada, no entanto, essa é a obrigação da mulher, mãe e esposa. Estamos diante, portanto, da representação e valorização da imagem da super-mulher, que consegue desempenhar diversas funções e não se cansa nunca, idealizada por uma sociedade machista. Nesse sentido, essa representação não revela mudanças no modo de retratar a mulher

multitarefa. Pelo contrário, utiliza ideologias enraizadas em nossa sociedade para perpetuá-las como normais.

Entende-se, portanto, que as atrizes sociais apresentam discursos estereotipados ao revelarem que as funções domésticas e tudo que se refere à esfera privada, família, filhos e marido são de responsabilidade maior, quando não exclusiva da mulher.

Na questão “D” fiz a seguinte indagação: Você recebe o apoio da sua família para desenvolver essa função (marido, filhos, pais)? Cinco mulheres afirmaram que sim, recebem apoio familiar e isso dá força pra continuar, conforme discurso ilustrado no discurso da AS4: *“Totalmente, totalmente, num, se não fosse eles eu acho que eu já tinha largado. Então eu, esse apoio deles é fundamental pra eu tá aqui, senão eu não estava mais”*. No entanto, duas atrizes afirmaram não receberem apoio familiar para desenvolverem essa atividade laboral: AS5: *“Da reciclage não. O único apoio que eu recebi foi dos dois filhos meu, mas da família em si não”*. AS6: *“Não. Minha família acha assim, que eu tinha que pegar um serviço registrado, que eu tinha que pegar um serviço assim e assim, assado, só que eu não gosto, eu gosto do que eu faço. Eu gosto daqui, entendeu? Por isso eu to aqui”*. O Discurso da atriz AS6 revela um preconceito da sociedade em geral relacionado ao papel social de recicladora, pois o desenvolvimento dessa atividade aponta para situação de vulnerabilidade social, baixa escolaridade e pouca qualificação profissional. Esses discursos preconceituosos são reforçados pela família dessa atriz, que não valoriza essa atividade laboral, mesmo tendo conhecimento de que é dessa atividade que ela retira o sustento familiar. Revela também, preconceito quanto ao desenvolvimento do empreendedorismo. Contudo é importante ressaltar, que no discurso dessa família fica subentendido que o serviço registrado talvez seja mais seguro, pois ela teria uma renda fixa e ao ser empreendedora as rendas são variáveis.

De acordo com o que foi exposto nessa seção, os discursos revelaram como são construídas as identidades profissionais das atrizes sociais multitarefas.

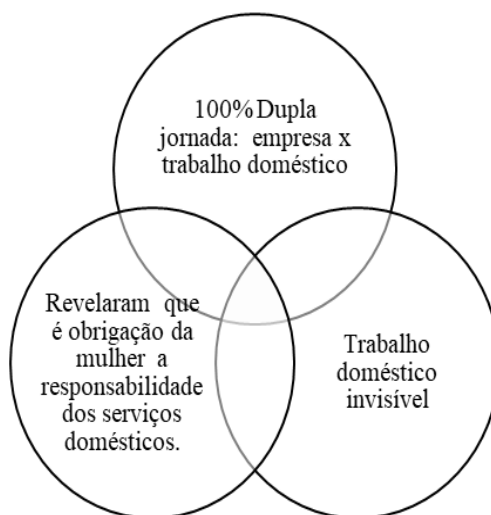
Assim, elas revelaram transições de identidades entre organização familiar e profissional, com predominância para a identidade profissional, mas com sentimento de culpa por não conseguirem mais tempo para desenvolverem e realizarem as funções de mãe e dona de casa. No entanto, buscam equilíbrio entre as questões familiares e profissionais na organização de sua identidade de mulher inserida no mercado de trabalho.

É válido ressaltar que, por meio do empoderamento feminino, essas mulheres expuseram discursos que mostram como elas lutam pelo direito de igualdade na relação entre homens e mulheres, reconhecimento social e valorização, desconstruindo a visão patriarcal, na qual a mulher era vista como submissa. No entanto, ao aceitarem essas multitarefas

constituem uma certa submissão, construindo um discurso paradoxal. Contudo, percebe-se que essa identidade feminina de mulher empoderada está em construção.

Para finalizar, apresento uma figura para sintetizar as análises desse eixo temático.

FIGURA 8 - MULHER MULTITAREFADA



FONTE: Autora.

4.2.5 Eixo 5 - Empreendimento

Nesse momento, no Eixo 5, o tema em questão é o Empreendimento. As perguntas direcionadas às atrizes sociais objetivaram levantar informações sobre os aspectos legais: a) Nome do Empreendimento / Ramo de atividade? b) Tamanho do Empreendimento? c) Qual é a sua função dentro da empresa? d) Tempo de funcionamento? e) Tempo de atividade exercida nessa empresa? Nesse sentido, a partir da materialidade linguístico-discursiva presentes nas narrativas de vidas, conseguiremos alinhar os diversos perfis profissionais dessa colcha de retalhos.

Nas questões “A”, “B” e “D”, questionamos nossas entrevistadas sobre o nome do empreendimento e o ramo de atividade. Conforme informamos no capítulo metodológico, utilizamos um recorte para selecionarmos o *corpus* da presente pesquisa. Portanto, todas as atrizes sociais são gestoras de cooperativas de reciclagem filiadas à Prefeitura Municipal de Maringá. A atriz AS4 não soube informar a classificação da cooperativa quanto ao porte: “Na verdade não entra nem na microempresa, nem em grande empresa. Eles têm uma outra forma de classificar a gente, que eu até hoje não entendi. Então, não sei te dizer. Mais é, é pequeno”.

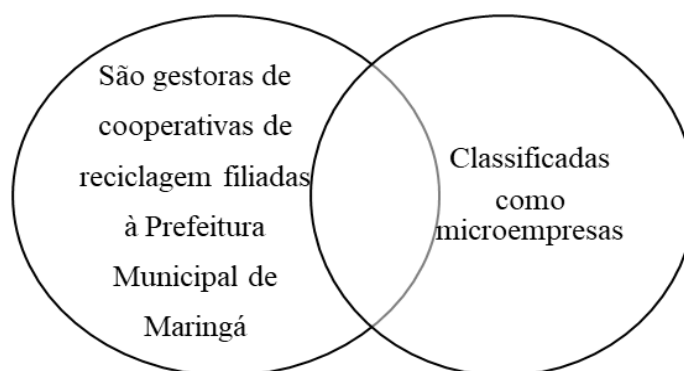
As demais afirmaram que são Microempresas. Em resposta à questão “E”, elas afirmaram que a maioria das cooperativas funciona há mais de 10 anos.

Na questão “C” objetivei entender qual a função desempenhada por elas nas empresas. Assim, de acordo com os excertos extraídos das narrativas, as atrizes sociais: AS4, AS5 e AS7 fundaram as empresas, são sócia-presidentes⁴⁴ e gestoras/empreendedoras: AS4: “*Eu tô funcionando desde 2008, eu tô caminhado acho que é pra onze anos. **Fundei ela**”*. AS5: “*Minha função, eu **sou a presidente**”*. AS7: “***Eu sou presidente** da co... da... da associação”*. As demais desenvolvem a função de gestoras/empreendedoras das cooperativas.

Portanto, de acordo com os discursos expostos nesse eixo temático, todas as atrizes sociais desenvolvem a função de gestora⁴⁵ de cooperativas, o que a meu ver já fortalece suas identidades, posto que seu posicionamento na pirâmide socioeconômica é baixo. Ao selecionar as informantes em foco, bem como o espaço e contexto social em que a atividade empreendedora e de gestão se realiza, entendo ser pertinente retratar em pesquisa acadêmico-científica relatos e formas de representação da realidade por elas vivenciadas. Isso porque, conforme preconiza a ACD, dar voz aos sujeitos sociais menos favorecidos também é uma forma de lhes conferir poder.

Para finalizar, apresento uma figura para sintetizar as análises desse eixo temático.

FIGURA 9 - EMPREENDIMENTO



FONTE: Autora.

⁴⁴ É responsável por desenvolver as funções administrativas e responde legalmente pela cooperativa. Além disso, é denominada de sócia, porque tem participação no capital social da cooperativa.

⁴⁵ É responsável por planejar e dirigir o trabalho dos cooperados, monitorando o trabalho e tomando medidas corretivas quando necessário.

4.2.6 Eixo 6 - A mulher empreendedora/gestora

Por fim, as questões indagadoras desse Eixo 6, denominado “A mulher empreendedora/gestora” objetivaram, a partir das materialidades linguístico-discursivas extraídas das narrativas de vidas, desvelar e/ou evidenciar mais claramente como essas mulheres entendem-se como empreendedoras/gestoras e as dificuldades encontradas nesse contexto no que diz respeito aos sujeitos sociais masculinos. Nesse sentido, os excertos relacionados referem-se às seguintes indagações: a)Quais são suas características empreendedoras? b)Como descreveria a si própria como líder da sua empresa? c)Fale-me sobre o que lhe dá mais satisfação ao comandar a empresa. d)Conte-me se você encontrou dificuldades, enquanto mulher, para gerir os negócios. e)Na sua opinião, existe preconceito relacionado à mulher na gestão de uma empresa? f)Uma mulher no poder tem que ter uma postura diferente de um homem na mesma posição? Comente. g)Você encontra dificuldades para liderar homens? Comente. h) E para liderar mulheres, quais são as maiores dificuldades? i)Você poderia falar de alguns detalhes a este respeito das dificuldades encontradas, como mulher, para gerir uma empresa. j)Você percebe algum preconceito? k)Para finalizar, diga qual é seu maior desejo enquanto mulher empreendedora.

Ao considerarmos que atualmente o papel social da mulher no mundo corporativo está em constante transformação e ascensão, podemos inferir que essas atrizes sociais estão construindo suas identidades profissionais. Nesse sentido, o objetivo foi entender nas questões A/B/C as representações das características empreendedoras comportamentais discutidas por Maclelland.

Ao descreverem a si mesmas como gestoras, elas expressaram termos que faziam referência à ética e ao papel da conduta ética em suas ações.

AS1:”Assim, que dá mais **satisfação**, assim, é de, **de ver o desenvolvimento da, da cooperativa**. [...]Daí podemos perceber **que a gente somos forte**, eh... **fazemos o trabalho formiguinha** [...]E **criei eu** que, que **essa gestão aqui vai fazer mais coisa pela cooperativa**. [...]E **hoje em dia o que eu não aceito nesse governo aqui**, nessa gestão, é de que os catador não pode fazer coleta. **Coleta sem catador, não existe coleta de material reciclável**. Porque os gari não traz direito, só traz lixo, lixo, lixo e lixo. **Quando nós ia, nós conscientizou três por cento de Maringá, né? De... de... de educação ambiental, nós catador ia de porta em porta e o material vinha limpinho mesmo**. Hoje em dia é coletado aí... se vim... hoje em dia um caminhão aí com três tonelada aí, quando nós vai, eh... tirar o reciclável, dá 1500. E 1500 tonelada é de lixo, né? Infelizmente, tem que fazer educação ambiental aí”.

AS3:” Ah... não sei, **eu acho que eu fiz a minha parte**, do que era pra mim fazer, eu fiz. [...]Eu **acho que conseguimos bastante**[...]Conseguimos colocar a cooperativa

como o pessoal mesmo da prefeitura fala, fala assim: "**A cooperativa mais legalizada é a de vocês". Então eu acho que nós conseguimos chegar lá**".

AS6:" Eu identifico assim, **que cada vez eu quero... eu quero o melhor**, eu quero melhorar cada vez mais, pra que, pra que melhore pra mim e melhora pra todos. Por exemplo, se a gente vende eh, um, um digamos que vendemos 500 toneladas, **vendemos 1000 tonelada de um material, daí procurar fazer mais, vender mais porque eu sei que vai melhorar pra mim e vai melhorar também pros meu companheiros**".

Ao relatarem suas características, as atrizes manifestaram expressões ou termos que faziam referências às categorias comportamentais empreendedoras defendidas por McClelland, ou seja, como manifestam-se suas ações e atitudes, além de aspectos criativos e intuitivos em pessoas empreendedoras. Nos discursos das atrizes observamos a representação da primeira categoria proposta pelo referido autor: Realização Pessoal ao manifestar que: É pró-ativa e antecipa-se às necessidades; Busca de oportunidade e tem iniciativa; Enxerga oportunidades para expansão dos negócios da cooperativa; Procura expandir produtos e serviços, conforme exemplificado nos excertos:

Além disso, nos excertos em questão, há predominância de discursos que as associam como profissionais, que compreendem seus papéis sociais, por se encontrarem na mesma situação de mulher gestora de cooperativas e compartilham dificuldades semelhantes no exercício da função.

Esses discursos revelam também, que essas atrizes têm conhecimento da importância social e ambiental de suas atividades, uma vez que, desenvolvem um serviço que favorece o meio ambiente e a sociedade em geral. Conforme aponta o Maringá Post (2019) a coleta de reciclados em Maringá teve um crescimento de 70% no primeiro semestre de 2019 em relação ao mesmo período do ano passado. Foram recolhidas 3.404 toneladas. Em 2018, foram 2 mil toneladas nos primeiros seis meses do ano. Essa situação favorece financeiramente o desempenho das cooperativas geridas pelas atrizes em questão.

Nos relatos abaixo relacionados, fica evidente a terceira categoria comportamental de McClelland, denominada de Conjunto de Planejamento, representada pela manifestação das seguintes características: busca de informações, planejamento e monitoramento sistemático e estabelecimento de metas.

AS2:" Ah, sim. Sempre **quando tem algum curso** que... que... que eles... fornecem pra gente eu... **eu sempre procuro a participa de todos. Eu gosto muito de, de aprender e sempre quando eu tenho qualquer dificuldade eu ligo pra advogado**, pra várias pessoas pra sempre eu tentar fazer a coisa certa.[...] O pessoal não gosta muito de mim não, eles falam **que eu sou bem rígida**, eu chamo muito a atenção. [...]Mas, eu acho que... a pessoa tem que ser assim, se **você quer colocar ordem**

no... no... no seu estabelecimento de trabalho, sempre tem que ter alguém pra pra tomar atitude, pra, né, pra não deixar virar bagunça.

AS4: “**Temos regras, temos lei, foi feito pra ser cumprido, então nós vamos cumprir**”.

Nesse sentido, observa-se, nos relatos das atrizes, a construção de uma relação entre dedicação e desenvolvimento profissional. Corrobora com essa reflexão o fato de mencionarem que, na maioria das vezes, aproveitaram as oportunidades com intuito de se qualificarem para desenvolverem o papel de gestora das cooperativas, pois acreditam que não se pode administrar e gerir sem ter o conhecimento, sem possuir estudo e conhecimento necessários ao bom desenvolvimento de suas funções.

Nos excertos seguintes, observa-se a representação da segunda categoria, denominada de Conjunto de Poder por McClelland, que possui como características principais: sustentar ponto de vista mesmo frente a ideias opostas para obter resultados; ser autônoma para realizar normas e propagar confiança para realização de atividades difíceis.

AS4: “Pergunta difícil, hein? **Determinada**. Eu sou uma pessoa determinada, muito. Eu sô, eu sô, eu **tenho pulso muito firme**, tem certas coisas que é inadmissível, então... eu penso assim, não é porque é uma cooperativa que você tem que deixar lá de qualquer jeito. [...] **Então eu sou punho de ferro**. E as pessoas aí, se você for perguntar, “[...] é ignorante pra caramba”, porque é, porque tem coisa que, é inaceitável, então a gente não deixa, não dar, não consigo aceitar”.

Além dessas afirmações, neste contexto enunciativo, a atriz AS4 se autorrepresenta como uma pessoa ríspida e ignorante. Mas é válido ressaltar, que ela utiliza essa autorrepresentação a partir da visão que os cooperados têm dela. Outro atributo importante mencionado por ela é a postura séria e rígida, na tentativa de impor respeito, ela adota uma postura mais masculinizada subentendida nos enunciados: **tenho pulso muito firme e eu sou punho de ferro**.

Por outro lado, as atrizes AS1 e AS6 se autorrepresentam como amigas, companheiras que procuram resolver os problemas dos demais cooperados através do diálogo. Além disso, priorizam o lado mais afetivo, enxergam os colaboradores em suas singularidades.

Com relação as categorias de representação das atrizes sociais, ficou evidenciado no discurso da AS3 a atribuição de um papel social mais passivo enquanto gestora, diferentemente, das demais que assumiram em seus discursos papéis ativos, ou seja, representam-se como dinâmicas com relação à gestão e tomada de decisões nas cooperativas, conforme ilustrado em vários excertos destacados nesse eixo temático.

AS3: “Ah, num sô, assim, muito, **muito dinâmica, não**. Eu sou mais quieta, assim. Na, às vezes depende da decisão, da, das decisões. Quando é assunto da prefeitura, alguma coisa assim, **às vezes eu tomo a decisão**, às vezes eu tenho que tomar, daí eu tomo, mas aqui dentro da cooperativa, eu prefiro mais que outras pessoas tomem a decisão, entendeu?”

Podemos compreender, portanto, que todas essas autorrepresentações relacionam-se não somente com a ascensão da mulher na gestão de empresas, mas também com a valorização do papel social da mulher na função de gestora de cooperativas, ou seja, o empoderamento feminino nesse segmento, pois são elas profissionais que vêm se destacando nessa área, conforme aponta a pesquisa “Mulheres são maioria entre Catadores de Materiais Recicláveis (MNCR, 2016).

Além disso, elas identificam-se positivamente, sentem-se importantes por conseguirem desempenhar as atividades com excelência, são persistentes, pretendem aumentar sua participação no mercado, são movidas pelo aspecto de mudança e almejam crescer profissionalmente.

Na questão “D”, pedi: “Conte-me se você encontrou dificuldades, enquanto mulher, para gerir os negócios? Nos discursos das atrizes sociais, apenas três afirmaram que encontraram dificuldades enquanto mulher para gerir os negócios, além de enxergarem dúvidas quanto às realizações das atividades pelo fato de serem mulheres, ou seja, estereótipos de gêneros sobre os desempenhos das funções realizadas, conforme excertos extraídos:

AS1: “Ah, eh... encontro um pouco, né? Mas só que eu num, num deixo de molho as barba não, né? Eh, eu enfrento mesmo, né? Assim, as dificuldade, né? Às vezes a, a gente ainda é discriminado, como eu havia falado anteriormente, né? Mas aí eu não ligo muito, não. **Eu ponho as cara mesmo e enfrento aí as dificuldade**”.

AS3: “Ah, isso daí bastante. É que é aquilo mesmo que eu falei, é você, às vezes, **você ver uma coisa errada e você for falar, a pessoa não aceitar, principalmente quando é homem**. Mulher às vezes aceita, mas o homem, dificilmente ele aceita. Então a maior dificuldade é isso. **Ainda existe, ainda, esse preconceito**, ainda. **Bem grande, principalmente entre, eu acho que entre as cooperativa. Mas só que a maioria, são sete cooperativas, eu acho que todas elas são mulheres que, que tão à frente**”.

AS5: “Sim. AS5: Não, **eu não encontrei dificuldades porque eu soube enfrentar o, a, os desafios, né? Mas dificuldades em si, não enfrentei não, assim que porque sou mulher**. Eu sempre fui assim pronta e mesmo, **mesmo os homens achando que a mulher não tava assim naquele trabalho**, eu, por exemplo, eu faço uma carga... a carga na camionete que às vezes ninguém às vezes acredita que eu fiz sozinha. Mas eu enfrentei, como **tô dizendo, eu enfrentei os preconceitos**”.

Observa-se também mudanças comportamentais em algumas atrizes, que precisaram adotar comportamentos típico do gênero masculino, como por exemplo no discurso da AS1:

“*num deixo de molho as barba não, né?*”, ou seja, usam características estereotipadas para serem respeitadas e manterem a posição de liderança.

As demais atrizes revelaram não enxergarem dificuldades enquanto mulher para gerir a empresa. Porém, seus discursos são ambíguos, pois afirmam não enxergarem preconceitos relacionados a mulher na gestão de uma empresa, no entanto, precisam assumir posturas masculinas para conseguirem respeito.

AS2: “Ah, **eu acredito que nenhuma**, porque a **mulher tem a mesma capacidade** do que o homem ou até mais, né? Então eu não vejo nenhuma diferença, nenhuma dificuldade nisso”.

AS4: “Não, não, a não ser que eu a e o preconceito como eu te disse em algumas áreas, **mais eu não encontro dificuldades não. Eu acho que é suave, é tranquilo**”.

AS6: “Não. **Não achei dificuldade assim não**. Foi tranquilo, como eu já disse antes, a gente tem ali os companheiros eh... pra o que der e vier, pra na hora da ajuda, então, eu não, não encontrei dificuldade ainda para tocar pra frente”.

AS7:” **Não, não existe**”.

Para colaborar com a reflexão, na questão “E”, perguntei se elas enxergam preconceito relacionado à mulher na gestão de uma empresa. Nos discursos, foram apontados o machismo e o assédio moral; no entanto, algumas afirmaram ser menos do que em outros momentos históricos, e, ainda, a grande maioria não revelou enfrentar maiores problemas por conta disso.

No entanto, três mulheres afirmaram não identificar preconceito relacionado a elas na cooperativa de reciclagem em que atuam. Assim, um questionamento é imprescindível: Por que apenas três mulheres não enxergam esse preconceito? Nesse sentido, essas indagações são pertinentes para uma próxima pesquisa.

AS1: “**Existe. Existe bastante preconceito**. Acho que não só aqui nesse ramo, mas como em outros lugar. [...]Pra quebrar esse tabu aí. Mas ainda não é quebrado, não. **Ainda tem o preconceito, ainda, né? Mas aí a mulher se desenvolveu aí no ramo profissional, né? Em todas as áreas, né? Mas aí o homem, ele ainda quer ser superior à mulher, né?** Então por isso que eu falo, tem machismo aí”.

AS2: “Ah, sim. **Tem bastante**. Igual eu falei aqui, no dia a dia a gente sempre escuta isso, né, **de falar que a gente num tem capacidade e é por ser mulher** de, de repente fazer certas negociação, certas vendas, **os homens acham que a gente num tem essa capacidade**”.

AS3: “Ah, isso daí bastante. É que, **é aquilo mesmo que eu falei, é você, às vezes, você ver uma coisa errada e você for falar, a pessoa não aceitar, principalmente quando é homem**. Mulher às vezes aceita, mas o homem, dificilmente ele aceita. Então a maior dificuldade é isso. Ainda existe, ainda, esse preconceito, ainda. **Bem grande, principalmente entre... eu acho que entre as cooperativa. Mas só que a maioria... são sete cooperativas, eu acho que todas elas são mulheres que ((acha graça)) que tão à frente**”.

AS4: “Sim. Bom, às vezes as pessoas mandam zap, né? Não olha foto, às vezes a foto de perfil não é da gente, então o que eles faiz? “**O senhor combinou comigo que ia vim**”, que quando você fala, “**não, eu sou uma mulher**” “**eu sou uma**

mulher”, é por isso, é por isso. Então eu, aí você, vai você explicar, “calma, senhor, não é assim”. Isso já aconteceu várias vezes, as pessoas chegam e falam assim, **“eu vim aqui imaginado que quem tava aqui era uma mulher, era um homem”**, eu, “qual é a diferença? Por quê?”. Assim, chega por exemplo, um caminhão para descarregar e a gente pega junto, **porque a gente vai lá e descarrega.** Eles olha e fala **“nossa, vô chamar só mulher pra trabalhá”**. É umas coisinhas boba que a gente fica assim, mais a gente já foi. **Eu já fui muito ofendida em telefone por causa de ser mulher**, porque sei lá o que é que eles querem, se quer que a pessoa chegue lá já dando umas pancada neles, ou se quer que a gente fala, “calma, vamos resolver”, várias vezes”.

AS5: **“Não, eu acho que não. Eu acho que não, esse preconceito hoje na gestão, pelo menos onde eu estou, eu acredito que não. [...]**Enxergava. Eu dizia assim: **“Que era discriminação”**, não sei se enquadra no preconceito, né? **Mas eu dizia assim que era uma discriminação por eu ser mulher** e muitos trabá... e muitos hoje ainda... diz assim: “Ah, mas como você é mulher e trabalha num trabalho desse?”, né? **Mas eu... eu sei enfrentar isso daí.**

AS6: **“Não, não vejo preconceito não.** Eu vejo que, **que a mulher, que o lugar da mulher é aonde ela quiser.** Aonde ela, ela achar que, **que dá pra ela e que ela consegue levar tudo certinho, eu acredito que é o lugar dela,** pode ser na presidência, pode ser na... na tesouraria, pode ser como gerente de uma empresa, pode ser como, como, como vendedora, enfim, eu acredito que **eu não vejo preconceito na parte por ser feminina não”.**

AS7: **“Não, não existe”.**

Interessante observar no discurso da atriz AS4, que ela utiliza o discurso direto para dar mais credibilidade ao narrar um episódio com o objetivo de ilustrar o preconceito relacionado à mulher na gestão da cooperativa.

Em determinados momentos, quando falavam sobre enxergar o preconceito no ambiente de trabalho, algumas atrizes compararam explicitamente as mulheres aos homens no que diz respeito ao desempenho de função, reforçando a ideia de que a mulher pode sim realizar qualquer atividade e estar onde ela quiser. Nos discursos, ressaltam a ascensão da mulher, ou seja, ocupação feminina no mundo do trabalho, ao invés de se igualarem ao homem.

Na sequência, na questão “F”, pedi para comentarem se, na opinião delas, uma mulher no poder teria que assumir uma postura diferente de um homem na mesma posição. Nos excertos abaixo, verifica-se:

AS1:” **Eu acho que não.** Ah, eu acho que mantém-se a **postura normal de mulher**, assim, né? Mas tem que ter pulso firme. **Ter igual de um homem”.**

AS2:”**Ah, sim.** Ah, por já devido do preconceito, então a mulher **sempre tem que tentá impor um pouco mais e mostrar pros homens que ela pode também, tanto quanto eles, né?”**

AS3: ”Ah, **eu acho que não.** Eu acho que se é, se é pra ser líder alguma coisa, você **tem que ter a mesma, mesma atitude, entende? Dum homem.** Eu penso assim”.

AS4: **“Tem.** Porque mulher faz a diferença às vezes, até pelo jeito de ser um pouco mais tranquilo, não vou nem falar do meu caso, mais eu vejo assim, que tem mulher que são calma. Às vezes eu fico falando, “nossa, que inveja dessa paciência”. Então elas são mais calma, elas o diálogo consegue ser um pouco mais suave. E também não é cem por cento dos casos não, tem mulher que muito ignorante, pessoas

ignorante, a gente já aprendeu a lidar com esse tipo de gente. **Mas elas são mais tranquila**, haja vista que nós temos em, em, eu vô falar isso aqui porque é verdade. Nós temos na. na prefeitura diretora de cooperativa. **Enquanto diretor de cooperativa não dá certo, nem adianta, é colocar e afundar tudo**”.

AS5: **”Ah, eu acho que diferente não**. Eu acho que a gente tem que trabalhá em, **em comum acordo, tanto a mulher, quanto a parte masculina**, porque se você, se você tá na gestão e o outro tá na gestão também, então você não pode ser diferente. Ah, eu acho que ela tem que ser ela mesma. Ela tem que ser aquilo que ela, que ela é”.

AS6: **”Eu acredito que, não**. Acho que é a mesma coisa. A mulher ela tem que saber eh, saber, ela é mulher, ela, ela vai, **ela vai levar a empresa do jeito que tem que ser, dentro das ordens e das decências**”.

AS7: **”Ah, eu acho que hoje tá igualdade, né?** Tanto homem como a mulher, ela... **eles têm postura de trabalho**”.

Nos discursos das atrizes, fica evidenciado, de acordo com o repertório utilizado, que sim, elas precisam ser menos passivas e terem atitudes mais rígidas, firmes, como os homens, para conseguirem êxito na gestão das cooperativas. Interessante observar no discurso da atriz AS1 que ela inicia seu ponto de vista afirmando que não, porém, no final ela diz que precisa ser como homem. Isso aponta para a presença de discursos estereotipados e essencialistas sobre postura masculina supostamente respeitável e valorizada no mundo do trabalho.

Seguindo essa mesma linha de pensamento, no discurso da atriz AS4 ela assevera que as mulheres, em sua maioria, em oposição aos homens, são mais passivas e sensíveis, diferentemente dela. Por esses motivos, precisam apresentar uma imagem construída a partir da seriedade e rigidez, pois caracterizam posturas mais duras no ambiente de trabalho, como por exemplo atitudes masculinizadas. No entanto, no final, ela diz que homens não conseguem gerir com maestria uma cooperativa, como elas fazem, mesmo as que possuem atitudes mais passivas e sensíveis. Esse discurso minimiza os estereótipos de gênero e as perspectivas sobre a atuação da mulher em contextos corporativos tradicionalmente considerados masculinos.

Já na voz da atriz AS7 observa-se um discurso de feminilidade associados à questão de igualdade social.

Assim, na tentativa de impor ordem e respeito, nesse contexto social, elas afirmam a necessidade de manifestarem, no ambiente profissional, posturas e atitudes tipicamente masculinizadas.

Com intuito de aumentar a discussão sobre a mulher na gestão das cooperativas, nas questões “G/H”, perguntei: “Você encontra dificuldades para liderar homens? E para liderar mulheres? Analisando os excertos:

AS1: “É, **tenho um pouquinho de dificuldade**, né? Mas só que **aí eu bato o pé firme** e é aquilo, né? [...] Então a gente tem que dar o desenvolvimento e **aí quebrar essa tabu aí do machismo aí dentro da empresa**”.

AS2: “**Sim**, tem, tem, **mas a gente não pode abaixar a cabeça**, cê tem que, que mostrar pra eles que a mulher manda tanto quanto o homem, né? Ou muitas vezes até mais”.

AS3: “Ah, encontro. **Isso daí encontra bastante**, principalmente os homens. Tem mulher que dá trabalho também, mas principalmente os homens” [...] “É isso. Eles não aceitam, **tem alguns homens que não aceitam receber ordem de mulher**. Nossa, nós já tivemos vários, vários problemas aqui por causa disso. Eh... nós já paramo duas vezes na, na delegacia da mulher por isso, **pela falta de, de, de respeito dos homens contra as mulheres dentro da cooperativa**, entendeu? Que era muito nomes feio que eles falavam pra gente. Então, por duas vezes nós fomos na delegacia da mulher e foi registrado um B. O. contra esses homens”.

AS4: “**Não, eles são bem mais tranquilo, homem não debate**. Você fala fulano você pode tal coisa pra mim por favor, eles, “tô indo”, eles não discute. Mulher quer questionar, “mais por que eu? Por que que tem que ser eu? Por que que não põem o fulano?” **Os homens não discute**, eles são muito mais tranquilo, **bem mais fácil de lidar com eles**”.

AS5 “**Não, não tenho dificuldade**”.

AS6: “**Não. Nunca tive dificuldade**. Tive dificuldade assim, muitas das vezes na hora de chamar atenção, que muitas vezes, **às vezes ele quer falar mais grosso que você**, mas, eh, a gente, conversa direitinho, apresenta as leis dos nossos estatutos e daí fica tudo resolvido”.

AS7: “**Não**”.

Interessante observar que, ao responderem essa questão sobre se há dificuldades para liderar homens, nesse contexto, apenas três atrizes afirmaram que sim. No discurso da atriz AS1 a partir da expressão: “**aí eu bato o pé firme**”, demonstra que ela precisa adotar comportamentos considerados tipicamente masculinos, tais como agressividade e firmeza para conseguir respeito, ou seja, como já mencionado, utilizam características estereotipadas dos homens, com objetivo de serem respeitadas por eles. Além disso, outra dificuldade mencionada é o preconceito e a discriminação, conforme aponta o discurso da atriz AS3. Ela salienta que os homens, nesse contexto, não aceitam receber ordens, muitas vezes faltam com respeito, o que já gerou até registro de ocorrências.

Diferentemente, as outras quatro atrizes afirmaram não terem problemas relacionados ao comportamento masculino. No discurso da AS7 há ausência de justificativa, apenas afirmativa de não existir. Nesse sentido, não fica evidenciado o posicionamento dela.

Em seus relatos, disseram que sabem liderar o sexo oposto. Mas no relato da AS5 ela afirma que, às vezes, eles tentam “falar mais grosso”, imporem-se, portanto, enquanto sujeitos autorizados a sobrepujar-se sobre a autoridade feminina, o que evidencia uma atitude machista. Nesse momento, de acordo com a atriz, ela precisa saber utilizar o diálogo e mostrar o estatuto da cooperativa. Assim, no discurso ela diz não enxergar dificuldades, porque nunca se fragilizou. Por outro lado, a atriz SA4 mencionou que é mais fácil liderar homens do que mulheres. Nesse sentido, ao analisar os perfis delas, a partir das materialidades linguístico-

discursivas apresentadas, pode-se inferir que as atrizes que manifestaram postura mais firmes, estereotipadamente masculinizadas, são as que não enxergam dificuldades para liderar os homens e dizem não sofrer discriminação.

Para fazer um paralelo, questionei, então, na questão “H”, quais eram as dificuldades, nesse contexto, para gerir mulheres.

AS1: “**Nenhuma dificuldade.** Porque, eu vou falar pra você, ninguém trabalha igual a ninguém, né? Mas tem mulher também que é difícil, viu? De se liderar. É o gênero mesmo, o gênero, né? Da pessoa. Então tem umas que já tem o gênio de um jeito, outras que tem um gênio de outro, né? E aí a os objetivos, independente de sexo, de tudo, é o mesmo. Que a gente tá aqui num só objetivo, trabalho, desenvolvimento profissional, né? Um só objetivo. Então amizade é fora à parte, serviço fora à parte, não pode tá dividindo as coisas, né?”

AS3: “Ah, mulheres, às vezes, a gente se entende, eu acho que **não tem muita dificuldade não**, assim. Lógico, como todo lugar que trabalha várias pessoas, você encontra dificuldade. Porque cada um pensa de uma maneira. Quer dizer, eu penso dum jeito, a outra pensa de outro, mas, no fundo, no fundo, a gente acaba se entendendo”.

AS4: “**Mulher quer questionar, “mais por que eu?** Por que que tem que ser eu? Por que que não põem o fulano?”

AS5: “**Eu não tenho dificuldades pra liderar, nem a mulher**”.

AS6: “**Também não.** Se você seguir as normas, dentro da lei, dentro do estatuto, então você consegue liderar tudo, não tem problema nenhum”

AS7: “**Também não**”.

Com exceção da atriz AS4, que diz ter mais dificuldades para liderar mulheres do que para liderar homens, as demais argumentaram que não encontram nenhuma dificuldade para liderarem mulheres.

Por fim, desejei saber qual era o maior desejo enquanto mulher empreendedora. De acordo com os excertos abaixo, observa-se:

AS1: “Ah, meu maior desejo, assim, é **ir ver o meu, não só o meu empreendimento**, mas como os outros assim, né? **Ser, assim, um destaque aqui dentro da cidade de Maringá. Queria que as cooperativas sejam um pólo aqui em questão da do reciclável, né?** [...]”

AS2: “Nossa, **meu maior desejo aqui** no no no meu trabalho, **que a prefeitura colaborasse um pouco mais,** [...]”.

AS3: “Ah, eu acho que **o meu maior desejo é ver a cooperativa realmente crescer**, já que é o nosso trabalho, né? [...]e. que esse ano seja o melhor que o ano passado, a cooperativa possa crescer[...]”.

AS4: “**Crescer, eu quero crescer, eu quero que o empreendimento cresça.** Até porque você mora dentro de uma cidade aonde você tem uma coisa que você sabe que vai dar certo, você tem essa determinação. [...] **a minha realização é vê grande, organizado, se tornar uma empresa de verdade.** [...] **E a diferença de ser mulher é essa, é enxergar os detalhes, tem diferença**”.

AS5: “Ah, o **meu maior desejo** mesmo que eu digo **é que a cooperativa seja uma cooperativa modelo.** Isso eu não consegui ainda. Às vezes eu penso em desistir até, porque eu não consegui ser ter a cooperativa como eu sempre sonhei[...]”.

AS6: “Meu maior desejo é ver uma empresa, assim bem-sucedida e, e tudo dando certo e sabendo que sou eu que estou gerenciando. [...]E vai tá tudo e sabendo que sou que tô liderando”.

AS7: “Eu acho crescer, né? Fazer com que a empresa cresça”.

Portanto, nessa seção, foi possível identificar como estão configuradas as identidades de gênero no espaço profissional dessas mulheres empreendedoras.

Nesse sentido, ao confrontar os discursos delas com as acepções dos referidos autores, no capítulo de revisão bibliográfica, ficou evidenciado que os apontamentos das pesquisas deles perpetuam as respostas das mulheres/atrizes sociais em foco: são empreendedoras por necessidade, mantenedoras financeiras do lar, multitarefadas com jornadas excessivas de trabalho, contudo sentem-se orgulhosas por participarem ativamente do mundo corporativo e conseguirem administrar o lar.

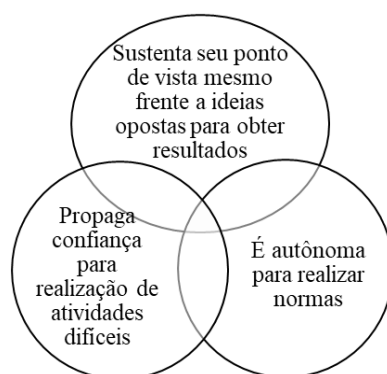
Para finalizar, apresento figuras que sintetizam as análises desse eixo temático.

FIGURA 10 - CATEGORIA DE REALIZAÇÃO PESSOAL



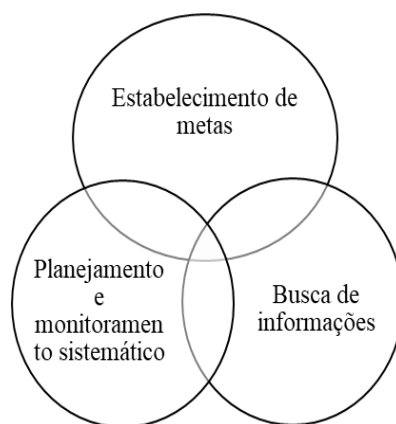
FONTE: Autora.

FIGURA 11 - CATEGORIA DO PODER



FONTE: Autora.

FIGURA 12 - CATEGORIA DO PLANEJAMENTO



FONTE: Autora.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho, a partir da perspectiva da ACD e da LSF, teorias linguísticas que defendem a verificação de estruturas de dominação e poder revelados nos discursos, investigou o universo da mulher empreendedora, multitarefada e arrimo de família. Além desses atributos, essas atrizes são gestoras de cooperativas de recicláveis, filiadas à Prefeitura Municipal de Maringá. Nesse sentido, esse estudo linguístico voltado à prática social averiguou como é construída e representada a identidade delas e ainda, como se manifestam a existência de ideologias e crenças nos discursos dessas atrizes.

Assim sendo, a partir dos construtos teóricos e metodológicos da ACD e da LSF foi possível verificar como a linguagem interfere, mantém ou transforma práticas e identidades sociais. Nesse sentido, as observações e interpretações foram realizadas por intermédio da prática linguística (vocabulário), da prática discursiva (contexto) e da prática social (ideologia e hegemonia). Para tanto, separei as questões das entrevistas narrativas em eixos temáticos, a fim de guiar os traços analíticos, os quais retomo nesse momento em direção ao final deste trabalho.

De acordo com o que foi exposto, foi possível verificar como os textos, por meio dos significados representacionais, acionais e identitários, representam, constroem ou alteram o social. Então, a partir das recuperações das histórias de vidas, a colcha de retalhos foi sendo costurada. Cada relato com sua materialidade linguístico-discursiva significou um pedaço de retalho, ou seja, uma parte da história dessas atrizes, que foi moldada em um contexto específico, mas hoje estão entrelaçadas em um contexto semelhante, o mundo das cooperativas. Assim, ao serem alinhavados aos pressupostos teóricos, esses retalhos permitiram que fossem identificadas as manifestações dessas multiplicidades de papéis sociais entrelaçados (mulher profissional, esposa, dona-de-casa, mãe/avó e filha). Essas representatividades são únicas em suas particularidades, contudo, ao mesmo tempo, são semelhantes e constroem um tecido para a colcha que define o ser mulher multitarefada, nessa sociedade contemporânea.

Para tecer a colcha de retalhos, no primeiro eixo temático, as questões foram direcionadas com o intuito de me debruçar nas narrativas/retalhos sobre o contexto pessoal da mulher. Na interpretação dos retalhos de vidas entrelaçadas, percebe-se que foram revelados passados cheios de emoções sobre suas trajetórias de vidas, atualizados no presente. De acordo com os discursos proferidos, elas entendem-se como mulheres importantes nos

contextos sociais nos quais estão inseridas e manifestam perfis positivos em relação às suas trajetórias de vidas, mesmo com todas as dificuldades apresentadas.

No segundo eixo temático, adicionei à colcha retalhos referentes aos aspectos relativos à vivência familiar para entender quais são as dificuldades encontradas nesse contexto. Naturalmente, por uma questão ideológica, em tempos anteriores, as mulheres tinham que se manter no espaço privado, pois eram consideradas inferiores, frágeis, dependentes financeiramente e incapazes. Além disso, existia e ainda existe, a idealização da mulher enquanto modelo e imagem da boa esposa, boa mãe, filha dedicada e excelente dona de casa. Os movimentos feministas aturam para minimizar esses problemas relacionados à mulher nas esferas privada e pública. Nesse sentido, a divisão sexual do trabalho colaborou para a formação dessa nova identidade feminina apresentada por elas: autônomas, independentes financeiramente, fortes, dentre outros atributos. No entanto, percebe-se que o papel social de dona de casa/esposa/mãe, que possui a maior responsabilidade nos quesitos relacionados às atividades domésticas e cuidados com os filhos, ainda é predominante nos discursos delas. Infere-se, portanto, que essa identidade feminina proposta por uma sociedade patriarcal, a qual estabelece um modelo estereotipado de uma boa esposa e mãe, que tem por objetivo sacrificar-se em nome da família ainda prevalece, mesmo elas afirmando que houve mudanças de paradigmas sociais, uma vez que manifestaram culpa por realizarem outras funções fora do ambiente familiar, ficando multitarefadas. Assim, entende-se que a materialização dessa nova identidade social está em processo de transição, porque a identidade é uma relação de autoconstrução sócio-histórica.

Nos eixos temáticos três e quatro, foram costurados os retalhos relacionados ao contexto da mulher profissional, ao percurso trilhado por essa profissional e à rotina diária dessa mulher multitarefada. Mundialmente, o advento da mulher no mundo do trabalho favoreceu mudanças de hábitos e costumes familiares. A partir da materialidade linguístico-discursiva, percebe-se que houve, sim, mudanças na estrutura familiar com relação aos recursos financeiros para prover o sustento da família e avanços dos papéis sociais vivenciados pelas mulheres. As atrizes sociais, personagens principais desse trabalho, autorrepresentaram-se como autônomas, independentes financeiramente, afirmaram responsabilizar-se, na maioria das vezes, por elas e pelos membros familiares emocional e financeiramente. Assim sendo, atualmente, os estudos e pesquisas sobre a questão de gênero têm favorecido a luta para modificar as estruturas familiares e fortalecer a representação da mulher no ambiente familiar.

Nos eixos cinco e seis, as questões indagadoras objetivaram, por meio dos entrelaços

dos retalhos, desvelar e/ou evidenciar mais claramente informações sobre o empreendimento. Além disso, essas mulheres entendem-se como empreendedoras/gestoras e se posicionam frente às dificuldades encontradas nesse contexto social e laboral. As escolhas linguísticas apontaram que houve mudanças de paradigmas no mundo do trabalho, em especial, em relação a mulher na gestão de cooperativas. Essa nova representação dos papéis sociais das mulheres profissionais assumidos por elas revelaram um rompimento de padrões estereotipados, que pregavam que essas atividades desenvolvidas eram únicas e exclusivas do sexo masculino. Os resultados encontrados indicaram ainda que elas se sentem orgulhosas por desenvolverem a função de gestoras dessas cooperativas. Outros sentimentos predominantes desvendados nos discursos são a consciência de que são excelentes líderes e ainda que perpetuam características empreendedoras essenciais para o exercício dessa função. Para comprovar essas habilidades, afirmaram que, em Maringá, todas as seis cooperativas filiadas à Prefeitura são geridas por mulheres, porque os homens não possuem aptidões profissionais para exercerem tal função.

Além disso, elas manifestaram reconhecer a importância da qualificação profissional, por isso, sempre que possível, participam de cursos para adquirirem e/ou aprimorarem seus conhecimentos com a intenção de aperfeiçoarem a prática profissional.

No quesito preconceito relacionado à nova representação da figura das mulheres no mundo do trabalho, as atrizes revelaram que nas atitudes e discursos dos colaboradores masculinos, predominam a tentativa de dominação a mesma que legitimou a relação de poder exercida por eles por muito tempo. Afirmaram, então, que muitas vezes precisam vestir-se de estereótipos característicos do gênero masculino, ou seja, utilizar palavras e/ou expressões tipicamente utilizados pelo sexo oposto para contraporem-se ao preconceito e conseguirem respeito nesse contexto social no qual estão inseridas.

Nesse sentido, nessa colcha de retalhos, as análises linguístico-discursivas possibilitaram os entrelaços dos retalhos que representam as vozes dessas atrizes. Nessas vozes, são declaradas as conquistas frente às reivindicações por direitos civis, políticos e sociais. Além disso, foi possível identificar as dificuldades que atravessam e ainda, os processos de construção identitária da mulher inserida no mundo do trabalho que a sobrecarrega, configurando a sua condição social de multitarefa. É importante ressaltar, que elas entendem esse fenômeno de empoderamento como uma maneira de libertação, independência financeira e enxergam-se como produtivas enquanto mulheres, o que emocionalmente faz bem para elas. Assim sendo, estão costurando e/ou construindo novas identidades sociais que as libertem das sombras das figuras masculinas e as tornem únicas.

Contudo, é válido ressaltar que essas atrizes são vítimas de discursos ideologicamente construídos que as escravizam ao afirmarem que a mulher consegue realizar mil coisas ao mesmo tempo, sem manifestarem ajuda para os diversos problemas com os quais elas se deparam nesse contexto.

Assim sendo, essa colcha de retalhos revela informações preciosas para os demais estudos sobre a mulher multitarefada, contribuindo significativamente para a formulação de políticas públicas que minimizem as dificuldades encontradas por elas, a desigualdade de direitos no mundo corporativo e a ainda a ocorrência de práticas discriminatórias no mundo do trabalho.

Portanto, de acordo com o que foi exposto, finalizo esta pesquisa entendendo que ainda há muito para se investigar sobre as construções e representações identitárias dessas atrizes sociais, logo essas análises linguístico-discursivas não se configuram como conclusivas.

Entendo que essa pesquisa serve igualmente para dar voz às chamadas, aqui, atrizes sociais. Nessa voz, silenciada e apagada não só por suas condições socioeconômicas e culturais, mas também por sua natureza feminina, ecoa o ideal de superação, de enfrentamento de resistência. No que concerne ao caráter acional dos textos/discursos, os eventos rememorados nas narrativas de vida das informantes, enquanto elementos constitutivos de processos histórico-sociais mais amplos, provocam sentimentos e evocam ideias capazes de suscitar posições discursivas e ideológicas fortalecedoras da identidade de gênero feminino. Sendo assim, suas narrativas, recortadas em retalhos a serem tecidos numa única colcha, constituem bandeira ideológica contra as iniquidades, injustiças e imposições que recaem sobre o corpo social feminino na pós-modernidade.

REFERÊNCIAS

ALLEMAND, Renato. N. **Teoria Comportamental Empreendedora**. 2007. Disponível em: <<http://www2.pelotas.ifsul.edu.br/~ralleman/Apostila%20sobre%20Teoria%20Comportamental%20Empreendedora/Apostila%20sobre%20Teoria%20Comportamental%20Empreendedora.pdf>>. Acesso em 20 de jan. de 2019.

ALVES, José Eustáquio Diniz. **Em 15 anos, número de famílias chefiadas por mulheres mais que dobra**. Disponível em: <<https://epocanegocios.globo.com/Economia/noticia/2018/03/em-15-anos-numero-de-familias-chefiadas-por-mulheres-mais-que-dobra.html>>. Acesso em: 23 de jun. de 2019.

BAKHTIN, Mikhail. **Marxismo e Filosofia da Linguagem**. 1997, 8ª edição. Ed. Hucitec. São Paulo.

BHASKAR, R. **Critical Realism. Essential Readings**. In: Archer, M.; Bhaskar, R.; Collier, A.; Lawson, T. e Norrie, A. Centre For Critical Realism. London: Routledge, 1998.

BHASKAR, R. **From Science to Emancipation**. Alienation and the Actuality of Enlightenment. Sage Publications. New Delhi/London, 2002.

BARROS, Alice Monteiro de. **Curso de Direito do Trabalho**. São Paulo, 2010.

BARROS, Dulce Elena Coelho. **Análise do discurso crítica: pesquisa social e linguística**. 1 a JIED – Jornada Internacional de Estudos do Discurso 27, 28 e 29 de março de 2008. Disponível em: <<http://www.dle.uem.br/jied/pdf/AN%20LISE%20DO%20DISCURSO%20CR%20CDTICA%20barros.pdf>>. Acesso em: 19 de mar. de 2019.

BARROS, D. E. C. **Argumentatividade no discurso parlamentar: Do universo social feminino à gramática**. 2008. 236 f. Tese (Doutorado em Linguística) – Instituto de Letras, Universidade de Brasília, Brasília. 2008.

BAUER, Martin, W.; GASKELL, George; ALLUM, Nicholas C. **Qualidade, quantidade e interesses do conhecimento: evitando confusões**. In: BAUER, Martin W.; GASKELL, George (Orgs). *Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático*. 8 ed. Petrópolis: Vozes, 2010.

BOAVENTURA, Maria Goreti. **Gênero e empreendedorismo: mulheres empreendedoras no setor de moda em Belo Horizonte**. Belo Horizonte: Boaventura. – FNH, 2010.

CAMPOS, Jefferson Gustavo dos Santos; BARROS, Dulce Elena Coelho. **Estados paradoxais das ordens do ver e do dizer: a identidade da mulher brasileira em uma propaganda institucional de homenagem ao dia internacional da mulher. Linguagem em (Dis)curso** – LemD, Tubarão, SC, v. 14, n. 1, p. 159-176, jan./abr. 2014.

CEADEC, Centro de Estudos e Apoio ao Desenvolvimento, Emprego e Cidadania. **Mulheres são a maioria entre catadores e catadoras de materiais recicláveis**. Disponível em:

<<http://www.ceadec.org.br/noticias/mulheres-sao-a-maioria-entre-catadores-e-catadoras-de-materiais-reciclaveis>. Acesso em 15 de jan. de 2019.

CHIAVENATO, Idalberto. **Empreendedorismo: dando asa ao espírito empreendedor**. Saraiva. São Paulo, 2005.

CHOMSKY, N. (1957). **Synthetic Structures**. The Hague: Mouton. _____
(2000). **Novos horizontes no estudo da linguagem e da mente**. Tradução de Marco Antonio Sant'Anna. São Paulo: Unesp.

CHOULIARAKI, L. & FAIRCLOUGH, N. **Discourse in Late Modernity. Rethinking Critical Discourse Analysis**. Edinburgh University Press, 1999.

DAVIS, Angela. **Mulheres, Raça e Classe**. Tradução de Heci Regina Candiani. São Paulo: Boitempo, 2016.

DOLABELA, Fernando. **O segredo de Luísa: uma ideia, uma paixão e um plano de negócios: como nasce o empreendedor e se cria uma empresa**. 14. ed. São Paulo: Cultura, 2006.

DORNELLAS, José Carlos de Assis. **Empreendedorismo na prática: mitos e verdades do empreendedor de sucesso**. Rio de Janeiro: Elsevier, 2005.

DORNELAS, José Carlos Assis. **Empreendedorismo: transformando ideias em negócios**. Rio de Janeiro: Elsevier, 2001.

DUARTE, R. **Entrevistas em pesquisa qualitativas**. Curitiba, Educar, n. 24, p 213-225, 2004.

FAIRCLOUGH, N. **A Análise Crítica do Discurso e a mercantilização do discurso público: as universidades**. In: C. Magalhães. Ed. *Reflexões sobre a Análise Crítica do Discurso*. Belo Horizonte: Faculdade de Letras, UFMG. 2001.

FAIRCLOUGH, N. **Analysing discourse**. Textual analysis for social research. London: Routledge. 2003.

FAIRCLOUGH, N. **A dialectical-relational approach to critical discourse analysis social research**. In: Wodak, R.; MEYER, M. (Ed). **Methods for Critical Discourse Analysis**. 2. ed. London: Sage, 2009.

FAIRCLOUGH, N. **Discourse in Late Modernity: Rethinking Critical Discourse Analysis**. By Lilie Chouliaraki and Norman Fairclough. Edinburgh, UK: Edinburgh University Press, 1999.

FAIRCLOUGH, N. **Discourse, social theory, and social research: the discourse of welfare reform**. *Journal of Sociolinguistics*. 2000.

FAIRCLOUGH, N. **Discurso e mudança social**. Brasília: Editora Universidade de Brasília. 2001.

FAIRCLOUGH, N. **Discurso e mudança social**. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2008.

FAIRCLOUGH, N. **Language and globalization**. Oxon: Routledge, 2006.

FAIRCLOUGH, N. **Language and power**. London: Longman, 1991.

FAIRCLOUGH, N. WODAK, R. **Critical discourse analysis**. In: VAN DIJK, T. A. (Ed.). *Discourse as social interaction*. London: Sage, 1997.

FERNANDES, Alessandra Coutinho. **Análise de discurso crítica: para leitura de textos da contemporaneidade**. Curitiba: InterSaberes, 2014.

FGV, Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil. **Serviço Brasileiro De Apoio às Micro e Pequenas Empresas (Sebrae)**. Disponível em: <<http://www.fgv.br/cpdoc/acervo/dicionarios/verbete-tematico/servico-brasileiro-e-apoio-as-micros-e-pequenas-empresas-sebrae>>. Acesso em: 26 de mar. de 2019.

FIGUEIREDO, Débora de Carvalho. **Linguagem e Gênero Social: Contribuições da Análise Crítica do Discurso e da Linguística Sistêmico Funcional**. Delta. São Paulo. 2009 vol.25, 2009, 732-756. DOI: <http://dx.doi.org/10.1590/S0102-44502009000300013>. Acesso em: 20 de jun de 2019.

FILION, Louis Jaques. **O planejamento de seu sistema de aprendizagem empresarial: identifique uma visão e avalie o seu sistema de relações**. Revista de Administração de Empresas. São Paulo: FGV. v. 31, nº 3, jul-set, 1991.

FLICK, Uwe. **Desenho de pesquisa qualitativa**. Porto Alegre: Artmed, 2009.

FÓRUM ECONÔMICO MUNDIAL. **O Relatório Global de Abertura de Gênero 2015**. Disponível em: < <http://reports.weforum.org/global-gender-gap-report-2015/>>. Acesso em: 06 de fev. de 2019.

FOUCAULT, M. **“What is enlightenment”**. In: P. Rabinow (ed.) *Michel Foucault: essential works – vol (ethics)*. Harmondsworth: Penguin, 1994. FRIEDAN, Betty. *Mística feminina*. Petrópolis: Vozes, 1971.

GASKELL, George. **Entrevistas individuais e grupais**. IN: BAUER, Martim W.; GASKELL, George. *Pesquisa Qualitativa com texto, imagem e som – um manual prático*. 8 ed. São Paulo: Vozes, 2010.

Grant Thornton Internacional. **Women in Business: Novas perspectivas sobre risco e oportunidade**. Disponível em: <https://www.grantthornton.com.br/globalassets/_markets_/bra/media/arquivos-industrias/estudos/women_in_business-2017_final1.pdf>. Acesso em: 26 de abr. de 2019.

GIDENS, A. **As consequências da modernidade**. Tradução de Raul Fiker. São Paulo: Ed.da Unesp. 1991.

Global Entrepreneurship Monitor. **Empreendedorismo no Brasil: 2016** \ Coordenação de Simara Maria de Souza Silveira Greco; diversos autores -- Curitiba: IBQP, 2017. Disponível

em:<file:///C:/Greicy/Backup/mestrado/2019/empreendedorismo%20no%20brasil,%20pesquisa%20de%202016.pdf>. Acesso em 28 de mar. de 2018.

Goldenberg, M. **A arte de pesquisar**. Rio de Janeiro, São Paulo: Editora Record. 2004.

GOVERNO BRASIL. Mulheres ganham espaço no mercado de trabalho: Em 2016, mulheres passaram a ocupar 44% das vagas. 2017. Disponível em: <<http://www.brasil.gov.br/economia-e-emprego/2017/03/mulheres-ganham-espaco-no-mercado-de-trabalho>>. Acesso em 26 de abr. de 2019.

GRAMSCI, Antonio. 2002. Cadernos do cárcere. Vol. 5. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira. GRUPPI, L. 1978. **O conceito de hegemonia em Gramsci**. Rio de Janeiro: Graal.

HALL, S. **Identidades culturais na pós-modernidade**. Trad. Tomaz. Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro. Rio de Janeiro: DP&A, 2003.

HALLIDAY, M. A. K. **An Introduction to Functional Grammar**. Hodder Education, 1994.

HALLIDAY, M. A. K. **Estrutura e função da linguagem**. In: LYONS, John (Org.). *Novos horizontes em linguística*. São Paulo: Cultrix, 1976.

HALLIDAY, M. A. K. **Language as social semiotic**. Londres: Edward Arnold, 1978.

HALLIDAY, M. A. K. **Na Introduction to Functional Grammar**. 3 ed, London: Arnold, 2004.

HALLIDAY, M. A. K. & HASAN, R. *Language, context and text: aspects of language in a social-semiotic perspective*. 3. ed. Series Editor: Frances Christie. Oxford: Oxford University Press, 1991.

HALLIDAY, M. A. K. & MATTHIESSEN, C. M. A. M. (Rev) **An Introduction to functional grammar**. 3. Ed. London. Arnold, 2004.

HALLIDAY, M.A.K. **Methods – techniques – problems**. In: HALLIDAY, M.A.K.; WEBSTER, J.J. *Continuum Companion to Systemic Functional Linguistics*. London and New York: Continuum International Publishing Group, 2009.

HARVEY, David. **Condição Pós-Moderna: uma pesquisa sobre as origens da mudança cultural**. 6 ed. São Paulo: Loyola, 1996.

IBGE. **Mulheres dedicam quase o dobro do tempo dos homens em tarefas domésticas**. Artigo 2019. Disponível em: <<https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-noticias/2012-agencia-de-noticias/noticias/24267-mulheres-dedicam-quase-o-dobro-do-tempo-dos-homens-m-tarefas-domesticas>>. Acesso em 15 de mai. de 2019.

IBGE. **Diferença cai em sete anos, mas mulheres ainda ganham 20,5% menos que homens**. Artigo 2019. Disponível em: <<https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-noticias/2012-agencia-de-noticias/noticias/23924-diferenca-cai-em-sete-anos-mas-mulheres-ainda-ganham-20-5-menos-que-homens>>. Acesso em 15. mai. de 2019.

IBGE. **Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua**. 2017. PNAD Contínua. Disponível em: <<https://www.ibge.gov.br/estatisticas/sociais/trabalho/9171-pesquisa-nacional-por-amostra-de-domicilios-continua-mensal.html?=&t=o-que-e>>. Acesso em: 18 de abr. de 2019.

IBGE. Tânia Andrade. **Mulheres n o Mercado De Trabalho: Onde Nasce A Desigualdade?** 2016. Disponível em: <https://www2.camara.leg.br/atividade-legislativa/estudos-e-notas-tecnicas/publicacoes-da-consultoria-legislativa/areas-da-conle/tema7/2016_12416_mulheres-no-mercado-de-trabalho_tania-andrade>. Acesso em: 26 de abri. de 2019.

IPEA: Brasília, 2014. **Mulheres e trabalho**: breve análise do período 2004- 2014. Nota técnica nº 24. IPEA: Brasília, março de 2016. Disponível em: <http://www.mtps.gov.br/images/Documentos/Noticias/Mulher_e_trabalho_marco_2016.pdf>. Acesso em: 12 de abri de 2019.

IPEA: Brasília, 2015. **Retrato das Desigualdades de Gênero e Raça. 2015**. Disponível em: <http://www.ipea.gov.br/portal/index.php?option=com_content&view=article&id=29526>. Acesso em: 17 de abri. de 2019.

ISFLA – Information on Systemic Functional Linguistics. **What is Systemid-Functional Linguistics?** Disponível em: <<http://www.isfla.org/Systemics/definition.html>>. Acesso em: 25 fev. de 2018.

MACHADO, H. V. Identidade empreendedora de mulheres no Paraná (Tese de Doutorado) – Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), Florianópolis, 2002.

MARCUSCHI, L. A. **Análise da conversação**. São Paulo: Ática, 1986.

MARINGÁ POST. **Coleta de reciclados cresce 70% no primeiro semestre de 2019 em Maringá**. Disponível em: <<https://maringapost.com.br/cidade/2019/08/12/coleta-de-reciclados-cresce-70-no-primeiro-semester-de-2019-em-maringa-veja-os-dias-de-coleta-nos-bairros/>>. Acesso em: 11 de set. de 2019.

MCCLELLAND, D. C. Characteristics of Successful Entrepreneurs. The Journal or Creative Behavior, v. 21, n. 3. p. 219-233, 1987.

MCRN. Movimento Nacional dos Catadores de Materiais Recicláveis. **Mulheres são maioria entre Catadores de Materiais Recicláveis**. Disponível em: <<http://www.mncr.org.br/noticias/noticias-regionais/mulheres-sao-maioria-entre-catadores-organizados-em-cooperativas>>. Acesso em: 10 de out. de 2016.

MOCELLIN, A. **A questão da identidade em Giddens e Bauman**. Em Tese - Revista Eletrônica dos Pós-Graduandos em Sociologia Política da UFSC, 5, 2008: p.01-31. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/emtese/article/view/1806-5023.2008v5n1p1>>. Acesso em: 20 de abri. de 2019.

MOHANTY, Chandra Talpade. **Under the Western Eyes Revisited: Feminist Scholarship and Colonial Discourses** In: *Feminism Without Borders: Decolonizing Theory, Practicing Solidarity*. Duke University Press, 2003.

MOREIRA, Greicy Juliana; OLIVEIRA, Rosangela F. de. **Análise Crítica do Discurso e Abordagem Linguística Sistêmico Funcional em uma Propaganda da Empresa Hortifruti**. vol. 07 n. 01, 2016: 19-32. Disponível em: <https://revistas.unicentro.br/index.php/revista_interfaces/article/view/3956>. Acesso em: 02. jan. de 2019.

NASCIMENTO, Amauri, Nascimento do. Curso de Direito do Trabalho. São Paulo. 2010.

NEIDER, L. **A preliminary investigation of female entrepreneurs in Florida**. Journal of Small Business Management, Morgantown, v. 25, n. 3, p. 22-29, 1987.

OFFER, Shira.; SCHNEIDER, Barbara. **Revisitando a lacuna de gênero nos padrões de uso do tempo: multitarefa e bem-estar entre mães e pais em famílias com renda dupla**. Revista Sociológica Americana 76, n.6 (2011) 809-833, 813. Disponível em: <<https://journals.sagepub.com/doi/10.1177/0003122411425170>>. Acesso em 12 abri. de 2019.

OLIVEIRA, Valéria Cristina, BARROS, Dulce Elena Coelho. **“O que faz você feliz?: Relações de poder em discurso publicitário**. Vol. 06 n. 01, 2015: 24-36. Disponível em: <https://revistas.unicentro.br/index.php/revista_interfaces/issue/view/211/showToc>. Acesso em: Acesso em 12 abri. 2019.

OIT. **Las mujeres siguen teniendo menos posibilidades que los hombres de participar en el mercado de trabajo en gran parte del mundo**. Disponível em: <https://www.ilo.org/global/about-the-ilo/newsroom/news/WCMS_619550?lang=es>. Acesso em: 26 de abri. de 2019.

OTTONI, M. A. R., PAULA, F. M. **Professores de Língua Portuguesa e Mídia Impressa: inserção das novas tics na educação**. In: L&S: Cadernos de Linguagem e Sociedade/ PapersonLanguageandSociety. Denize Elena Garcia da Silva e Viviane Ramalho (ogs.), vol 13, nº 2. Brasília: Thesaurus Editora, 2012.

OTTONI, M. A. R. **Os gêneros do humor no ensino da Língua Portuguesa: uma abordagem discursiva crítica**. 2007. Tese (Doutorado em Linguística) – Departamento de Linguística, Português e Línguas Clássicas, Universidade de Brasília, Brasília, 2007.

PAPA, Solange Maria de Barros Barra. **Realismo Crítico e Análise De Discurso Crítica: Reflexões Interdisciplinares Para A Formação Do Educador De Línguas Em Processo De Emancipação E Transformação Social**. Disponível em: <[file:///C:/Users/Hdd%20Externo/Downloads/1013-2275-1-PB%20\(3\).pdf](file:///C:/Users/Hdd%20Externo/Downloads/1013-2275-1-PB%20(3).pdf)>. Acessom em: 10 de abri.de 2019.

PANVLENKO, Aneta. **Narrative study: whose story is ti, anyway?** TESOL Quartely. Vol. 36, n.2. p.213-218, 2002.

PÊCHEUX, Michel. Análise de Discurso Três Épocas. 1983. in GADET e HAK Por Uma Análise Automática Do Discurso. 1969. Ed Da Unicamp. 1997.

PETERS, M. P.; HISRICH, R. D. **Empreendedorismo**. 5 ed. Porto Alegre: Bookman, 2004.

PRIBERAM, Dicionário da Língua Portuguesa. **Empreendedorismo**". Disponível em: <<https://dicionario.priberam.org/empreendedorismo>>. Acesso em: 25 de mar. de 2019.

PRIORE, M. D., BASSNEZI, C. História das mulheres no Brasil. São Paulo: Contexto, 1997.

RAMALHO, Viviane. C.V.S. **Diálogos Teórico-Metodológicos: Análise de Discurso Crítica e Realismo Crítico**. Cadernos de Linguagem e Sociedade, 2010. Disponível em:<https://www3.ufpe.br/moinhojuridico/images/ppgd/9.5a%20analise_discurso_realismo_critico_viviane_ramalho.pdf>. Acesso em: 21 de mar. de 19.

RAMALHO, V.C.V.S. **Discurso e ideologia na propaganda de medicamentos: Um estudo crítico sobre mudanças sociais e discursivas**. Tese (Doutorado em Linguística) - Universidade de Brasília (UnB), 2008.

RIBEIRO, B.T.GARCEZ, P. M. (org.). **Sociolinguística interacional: antropologia, linguística e sociologia e análise do discurso**. Porto Alegre: AGE, 1998.

RME. **Empreendedoras e seus negócios**. 2018. Disponível em: <https://d335luupugsy2.cloudfront.net/cms/files/24675/1542632809Empreendedoras_E_Seus_Negcios_3.pdf>. Acesso em: 14 de mar. de 2019.

RME. **Empreendedoras E Seus Negócios: Perfil Do Empreendedorismo Feminino no Brasil**. 2017. Disponível em: <https://d335luupugsy2.cloudfront.net/cms/files/24675/1519750080Empreendedoras_e_seus_negcios.pdf>. Acesso em: 14 de mar. de 2019.

RME. **Quem são elas? Uma visão inédita do perfil da mulher empreendedora no Brasil**. 2016. Disponível em: <<https://d335luupugsy2.cloudfront.net/cms%2Ffiles%2F24675%2F1481030106ebook+%281%29.pdf>>. Acesso em: 14 de mar. de 2019.

SAUSSURE, F. **Curso de linguística geral**. 26.ed. São Paulo: Cultrix, 2006.

SCHUMPETER, J. **The Theory of Economic Development**. Harvard University Press, 1949.

SENADO. **Microempreendedor individual (MEI): primeiro degrau da atividade empresarial legalizada**. – Brasília: Senado Federal, Coordenação de Edições Técnicas, 2013. Disponível em:<https://www2.senado.leg.br/bdsf/bitstream/handle/id/531039/Microempreendedor_individual_MEI.pdf?sequence=1>. Acesso em: 26 de mar. de 2019.

SILVERMAN, David. **Interpretação de dados qualitativos: métodos para análise de entrevistas, textos e interações**. 3 ed. Porto Alegre: Artes Médicas, 2009.

TOLEDO, C. **Mulheres: o gênero nos une, a classe nos divide**. 2. ed., 2. reimpr. São Paulo: Sundermann, 2008. (Série Marxismo e opressão).

TIMMONS, J. A. Characteristics and role demands of entrepreneurship. American Journal of Small Business, v. 3, n. 1, 1978.

THOMPSON, J.B. **Ideologia e cultura moderna**: teoria social crítica na era dos meios de comunicação de massa. Petrópolis: Vozes, 2009.

VAN DIJK, A. T. **Alguns princípios de uma teoria del contexto**. In: Revista Latino Americana de Estudios del Discurso, 2001.

VAN DIJK, A. T. **Discurso e contexto**: uma abordagem sociocognitiva. São Paulo: Contexto, 2012.

VAN DIJK, A. T. **Discurso e Poder**. São Paulo: Contexto, 2008.

VAN DIJK, A. T. **Racism in the press**. London: Arnold, 1986.

WODAK, R. **Critical Linguistics and Critical Discourse Analysis**. Amsterdam: Jhon Benjamins Publ.Co, 2006.

WODAK, R. **Do que trata a ACD**: um resumo de sua história, conceitos importantes e seus desenvolvimentos. Linguagem em (Dis)curso - LemD, Tubarão, v. 4, n.esp, p. 223-243, 2004. Disponível em: <<http://linguagem.unisul.br/paginas/ensino/pos/linguagem/linguagem-em-discurso/0403/040310.pdf>>. Acesso em 20 de jan. de 2019.

WODAK, Ruth. “**De qué trata el análisis crítico del discurso (ACD)**. Resumen de su historia, sus conceptos fundamentales y sus desarrollos”. In: Wodak & Meyer (comp.). **Métodos de análisis crítico del discurso**. Trad. De Tomás Fernández Aúz y Beatriz Eguibar. Barcelona: Gedisa Editorial, p. 17-34, 2003.

WODAK, R.; MEYER, M. (2009). Critical Discourse Analysis: history, agenda, theory and methodology. In: WODAK, R.; MEYER, M. (Org.) **Methods of Critical Discourse Analysis**. 2. ed. Londres: Sage. p. 1-33.

WOODWARD, K. **Identidade e diferença**: uma introdução teórica e conceitual. In: Silva, T, T. (Org) **Identidade e Diferença: A perspectiva dos Estudos Culturais**. Petrópolis: Vozes, 2000.

APÊNDICE A - ROTEIRO PESQUISA NARRATIVA
Colcha de retalhos: entrelaços de vidas de mulheres empreendedoras

FICHA TÉCNICA

Nome: _____
Idade: _____ Estado Civil: _____ Filhos: _____
Formação Acadêmica: _____
Endereço: _____
Bairro: _____ Complemento: _____
Município: _____ CEP: _____
Telefone: _____ E-mail: _____
Cooperativa: _____
Data: _____ Horário: _____ Duração: _____

Roteiro pesquisa narrativa

Narração central: questões exmanentes (abertas)

Relate sua trajetória de vida pessoal: desde a infância até a idade adulta.

Descreva sua rotina diária pessoal.

Fale um pouco sobre você, mulher.

Conte-me como iniciou sua vida profissional e o percurso desenvolvido até hoje.

Descreva sua rotina diária profissional.

Fase de perguntas: questões imanentes (direcionadas)

Desejo saber mais detalhes sobre alguns pontos importantes da sua história de vida:

É casada? Tem filhos? Nível de renda familiar?

Você mantém a casa financeiramente com recursos da sua empresa?

Quantas pessoas dependem de você financeiramente?

Como você analisa o fato de ser mantenedora financeira do lar?

Já enfrentou algum tipo de problema conjugal por esse motivo? Comente.

Como você administra as multitarefas (empresa/casa/filhos/marido)?

Quais são as maiores dificuldades encontradas nesse contexto?

Como você distribui seu tempo entre profissional e pessoal, diariamente?

Você se considera uma mulher bem-sucedida pessoalmente? Comente sobre isso.

Você poderia falar de alguns detalhes a este respeito: sobre as dificuldades encontradas como mulher para gerir uma empresa.

Você percebe algum preconceito?

Empreendimento

Nome do Empreendimento / Ramo de atividade?

Tamanho do Empreendimento?

Qual é a sua função dentro da empresa?

Quantos colaboradores?

Tempo de funcionamento? Tempo de atividade exercida nessa empresa?

Quantas horas diárias são dedicadas ao trabalho?

Trabalha aos finais de semana? Comente.

Você tira férias regularmente?

Quais são suas características empreendedoras?

Como descreveria a si própria como líder da sua empresa?

Fale-me sobre o que lhe dá mais satisfação ao comandar a empresa.

Conte-me se você encontrou dificuldades enquanto mulher, para gerir os negócios.

Você recebe apoio da sua família para desenvolver essa função (marido, filhos, pais)?

Comente.

Na sua opinião, existe preconceito relacionado a mulher na gestão de uma empresa?

Uma mulher no poder tem que ter uma postura diferente de um homem na mesma posição?

Comente.

Você encontra dificuldades para liderar homens? Comente.

E para liderar mulheres, quais são as maiores dificuldades?

Você é uma mulher realizada profissionalmente? Comente.

Você já deixou sua família em segundo plano para realizar atividades profissionais?

Para finalizar, diga qual é seu maior desejo enquanto mulher empreendedora.